



# JORNALISMO, CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE NO BRASIL

REGIÕES NORTE E NORDESTE

**ALLAN RODRIGUES [ORG.]**

ADELSON DA COSTA FERNANDO

AMANDA C. OLIVEIRA MOTA FLORES

CRISTIANE DE LIMA BARBOSA

EDILENE MAFRA MENDES DE OLIVEIRA

LUANNY VICTÓRIA CÂMARA DE SANTANA

MARCELO RODRIGO DA SILVA

MARIA CLARA GUIMARÃES DA COSTA MOURA

NATÁLIA SERRÃO DA SILVA

NATASCHA ALMEIDA DANTAS

PEDRO PAULO REIS BATISTA

RAMAYANE QUEIROZ DA COSTA

**JORNALISMO, CIÊNCIA E  
MEIO AMBIENTE NO BRASIL**

**REGIÕES NORTE E NORDESTE**



# **JORNALISMO, CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE NO BRASIL**

## **REGIÕES NORTE E NORDESTE**

**Allan Rodrigues** (org.)

Adelson da Costa Fernando

Amanda C. Oliveira Mota Flores

Cristiane de Lima Barbosa

Edilene Mafra Mendes de Oliveira

Luanny Victória Câmara de Santana

Marcelo Rodrigo da Silva

Maria Clara Guimarães da Costa Moura

Natália Serrão da Silva

Natascha Almeida Dantas

Pedro Paulo Reis Batista

Ramayane Queiroz da Costa



REGGO

© Os autores, 2020

Coordenação Editorial  
Marcicley Reggo

Produção Editorial  
Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico  
© StudioReggo

Imagem da Capa  
© koya979 / Shutterstock

Revisão Técnica  
Allan Rodrigues

Ficha catalográfica  
Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696 Rodrigues, Allan Soljenítsin Barreto.

Jornalismo, ciência e meio ambiente no Brasil: regiões Norte e Nordeste. Organizado por Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues. Manaus: Reggo, 2020.

120 p.

ISBN 978-65-86325-04-1

1. Jornalismo científico II. Título.

CDD 070.4

22. Ed.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98). Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

O conteúdo desta edição (textos e imagens) é de inteira responsabilidade de seus autores. A editora se isenta de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

**2020**

**EDITORA REGGO**

Rua Rio Javari, 361 – Sl 303

69053-110 – N. Sra. das Graças – Manaus-AM

reggo.editorial@gmail.com

**REGGO** www.reggo.com.br | @editorareggo

## SUMÁRIO

### **APRESENTAÇÃO ..... 7**

CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE NA AMAZÔNIA: A QUALIDADE DA COBERTURA  
JORNALÍSTICA REALIZADA PELOS JORNAIS ONLINE “DIÁRIO DA AMAZÔNIA”  
(PORTO VELHO/RO) E “PÁGINA 20” (RIO BRANCO/AC)

Pedro Paulo Reis Batista | Adelson da Costa Fernando | Allan Rodrigues ..... 9

ANÁLISE DA COBERTURA DE PROBLEMAS AMBIENTAIS  
PELO JORNAL ON-LINE “DIÁRIO DE PERNAMBUCO”

Natascha Almeida Dantas | Edilene Mafra Mendes de Oliveira | Allan Rodrigues ..... 27

JORNALISMO DIGITAL E MEIO AMBIENTE: UM ESTUDO SOBRE A  
COBERTURA NO SITE DE NOTÍCIAS “JORNAL DO TOCANTINS”

Ramayane Queiroz da Costa | Cristiane de Lima Barbosa | Allan Rodrigues ..... 45

JORNALISMO E MEIO AMBIENTE NO “DIÁRIO DO NORDESTE”:  
UMA ANÁLISE SOBRE O CUMPRIMENTO DOS CRITÉRIOS DE QUALIDADE

Natália Serrão da Silva | Marcelo Rodrigo da Silva | Allan Rodrigues ..... 61

JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DE PROBLEMAS  
AMBIENTAIS PELO JORNAL ONLINE “CORREIO DA BAHIA”

Maria Clara Moura | Amanda Oliveira | Allan Rodrigues ..... 81

ANÁLISE DA QUALIDADE DAS INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS E AMBIENTAIS NOS  
PORTAIS DOS JORNAIS “A CRÍTICA” E “O LIBERAL”

Luanny Victória Câmara de Santana | Allan Rodrigues ..... 97

**N**este segundo e-book da coleção “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente no Brasil”, apresentamos os resultados das análises das coberturas jornalísticas sobre meio ambiente e ciência realizadas em jornais online das regiões Norte e Nordeste. A finalidade das pesquisas é contribuir para a qualificação do conteúdo jornalístico sobre as questões ambientais e de ciência, tecnologia e inovação. A preocupação com a qualidade da produção jornalística sobre estes assuntos assume maior dimensão quando envolve a Amazônia brasileira, uma região de grande importância social, econômica e ecológica para o Brasil e o mundo.

Grande parte das decisões tomadas pelos governos sofre influência direta da opinião pública. A questão ambiental e a ciência como promotora do bem estar social não são exceções, por isso é importante investigar como a imprensa aborda assuntos como mudanças climáticas, crimes ambientais, impactos ambientais e sociais de obras de infraestrutura, os avanços da ciência e a necessidade de investimentos em inovação. Os veículos de comunicação jornalísticos são uma das principais fontes de informações a respeito destas temáticas. Logo, quanto melhor for a qualidade das notícias, maior será a probabilidade que a opinião pública participe dos debates de forma esclarecida.

Este e-book traz os resultados de pesquisas que investigaram a qualidade do jornalismo ambiental e científico praticado pelos jornais online do Norte e do Nordeste do país. Como critérios de análise, os(as) pesquisadores(as) utilizaram os princípios gerais do jornalismo e as funções e características dos gêneros ambiental e científico, que serviram de base para o estabelecimento de cinco categorias de análise: precisão, independência, contextualização, pluralidade e sensibilização. Em razão da limitação de espaço, nesta obra estão descritos os resultados referentes às categorias contextualização e pluralidade. Foram pesquisados, por meio

de análise de conteúdo, reportagens coletadas dos jornais “A Crítica”, “O Liberal”, “Correio da Bahia”, “Diário do Nordeste”, “Jornal do Tocantins”, “Diário de Pernambuco”, “Diário da Amazônia e “Página 20”.

A publicação desta coleção celebra os dez anos de atividades do Grupo de Pesquisa em Comunicação Cultural e Amazônia (Trokanó). O grupo contou com o financiamento tanto para a realização das pesquisas (com bolsas de iniciação científica) quanto para publicação desta obra da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) por meio do Programa de Infraestrutura para Jovens Pesquisadores/ Programa Primeiros Projetos – PPP Edital 004/2017. Com este e-book esperamos contribuir com a formação de pesquisadores da imprensa e futuros jornalistas comprometidos com o desenvolvimento sustentável e o progresso da ciência no Brasil.

Prof. Dr. Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues  
*Organizador*



# CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE NA AMAZÔNIA: A QUALIDADE DA COBERTURA JORNALÍSTICA REALIZADA PELOS JORNAIS ONLINE “DIÁRIO DA AMAZÔNIA” (PORTO VELHO/RO) E “PÁGINA 20” (RIO BRANCO/AC)

Pedro Paulo Reis Batista<sup>1</sup>

Adelson da Costa Fernando<sup>2</sup>

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues<sup>3</sup>

**A** economia capitalista, sob os fundamentos do acúmulo de riquezas e extração predatória de recursos naturais, modelou e transformou a relação homem-natureza. “O modo de produção baseado no consumo generalizado de produtos industrializados e demandante de matérias-primas, marca a trajetória de mudanças econômicas, sociais e ambientais estabelecidas pelo sistema produtivo” (SANTOS, 2012, p. 02). O modelo de desenvolvimento econômico baseado nos princípios do capitalismo, adotado pela maioria dos países, pôs em risco a sobrevivência humana no planeta ao promover exploração insustentável dos recursos naturais e ao poluir o ambiente. A consequência mais catastrófica desses dois fatores são as mudanças climáticas globais, que já se manifestam por meio de furacões, grandes estiagens, enchentes, aumento da temperatura, desertificação, extinção de espécies da fauna e da flora e outros fatores igualmente preocupantes.

- 
- 1    Jornalista. Pesquisador Bolsista do Projeto de Pesquisa “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente na Amazônia”, aprovado no Edital 043/2013 do CNPq. E-mail: pedropreisbatista@gmail.com.
  - 2    Sociólogo. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas/ICSEZ. Diretor Regional Norte REDE FOLKCOM. E-mail: sociologoadelson@hotmail.com.
  - 3    Jornalista. Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente e diretor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/Ufam). Líder do Grupo de Pesquisa Trokano. Coordenador Projeto de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Sudeste e Sul. E-mail: allans@ufam.edu.br

Neste contexto, o papel do jornalismo, cujo princípio histórico justificador é o ideal iluminista de esclarecer os cidadãos (MORETZSOHN, 2007), torna-se essencial para que a sociedade tome decisões esclarecidas sobre o melhor modelo de desenvolvimento para a Amazônia. Na medida em que o jornalismo busca na ciência os enunciados que podem enriquecer a formulação de seu discurso a respeito dos temas ambientais, ele tem potencial para voltar-se para um papel esclarecedor, educador e informacional (SOUSA, 2000). O discurso jornalístico pode contribuir para compreensão dos cidadãos sobre os impactos da degradação ambiental.

Para realizar esta análise das reportagens envolvendo o conhecimento científico sobre a questão ambiental na Amazônia, lançamos mão da análise de conteúdo. Este método apresentou-se como um dos métodos mais eficientes para rastrear por sua excelente capacidade de fazer interferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado (SANTOS, 1997).

O objetivo geral da pesquisa foi o de analisar a qualidade da cobertura jornalística sobre ciência e meio ambiente na Amazônia realizada pelos jornais online Diário da Amazônia (Porto Velho/RO) e Página 20 (Rio Branco/AC). Para isso buscamos a realização dos seguintes objetivos específicos: a) caracterizar a questão ambiental e seus impactos na Amazônia; b) estabelecer os princípios norteadores do jornalismo científico e ambiental; c) construir um aporte metodológico capaz de permitir a análise da referida cobertura; d) realizar a análise das narrativas jornalísticas sobre meio ambiente; e) realizar a análise das narrativas jornalísticas sobre ciência; e f) apresentar os resultados da análise problematizando-a a luz dos princípios norteadores do jornalismo e seus gêneros científico e ambiental.

O modelo de desenvolvimento econômico baseado nos princípios do capitalismo, adotado pela maioria dos países, pôs em risco a sobrevivência humana no planeta ao promover a exploração insustentável dos recursos naturais e ao poluir o ambiente (LEFF, 2008). Apesar de não ser consenso entre a comunidade científica, a grande maioria dos pesquisadores da área de clima e meio ambiente no mundo considera que a consequência mais catastrófica do atual modelo econômico são as mudanças climáticas<sup>4</sup> globais. Estas já estariam se manifestando por meio de furacões, grandes estiagens, enchentes, aumento da temperatura, desertificação, extinção de espécies da fauna e da flora e outros fatores igualmente preocupantes. Tais consequências atingem diretamente a produção de alimentos, os

---

4 Mudanças climáticas é outro nome dado para o aquecimento global. Acontecem quando são lançados mais gases de efeito estufa (GEEs) do que as florestas e os oceanos são capazes de absorver (FARIS, 2009).

mananciais de água potável, a geração de energia, a qualidade do ar e, conseqüentemente, a capacidade de sobrevivência da humanidade diante dessas condições extremas.

Nesta relação entre sociedade e comunicação, segundo Muzzio (2019, p. 01), a divulgação científica não deve ser apenas uma transferência de conhecimento unidirecional, mas um “exercício de diálogo que possibilite a troca de saberes e a transformação da realidade”. O objetivo aqui é, pelo embasamento científico, “possibilitar o empoderamento e estimular a participação das comunidades no processo democrático, para que possam se posicionar sobre as questões que impactam diretamente no seu dia-a-dia”. Deste modo, Ziggiatti (2000) destaca que a comunicação é essencial para a conscientização pública de segmentos da sociedade sobre como agir para a promoção do desenvolvimento sustentável.

### **OS PRINCÍPIOS DO JORNALISMO CIENTÍFICO E AMBIENTAL**

Ao longo do tempo, o jornalismo incorporou uma série de princípios ou valores que passaram a nortear o exercício da profissão a fim de garantir a qualidade da informação transmitida à sociedade (TRAQUINA, 2005a). Essa aglutinação de princípios e valores tornou o jornalismo como comunidade interpretativa (espécie de grupo unido pelas suas interpretações partilhadas da realidade), de acordo com Hymes (1980). Elencar os princípios do jornalismo e as discussões éticas que os permeiam não foi tarefa fácil, pois estiveram em constante mutação e não houve consensos construídos formalmente entre a categoria. Adotamos a proposta de Kovach e Rosenstiel (2003), que organizaram uma lista com nove princípios capazes de permitir ao jornalismo alcançar sua finalidade: a) Compromisso com a verdade, b) Lealdade ao interesse público, c) A disciplina da verificação, d) Independência das fontes, e) Ser um monitor independente do poder, f) Promover um fórum para a crítica e o comentário público, g) Apresentar o significativo de forma interessante e relevante, h) O jornalista tem um dever com sua consciência.

Problematizando o papel do jornalismo científico, Ivanissevich (2005) considera que cabe a ele possibilitar debates sobre questões polêmicas como a clonagem de embriões, alimentos transgênicos e mudanças climáticas globais. Essa função teria amparo não somente nas responsabilidades éticas da mídia, mas também porque têm apelo popular e asseguram a audiência e a venda do produto (notícia). “Nesse sentido, a mídia tem um papel fundamental: o de manter as pessoas informadas sobre as

novas conquistas científicas para que possam se posicionar diante delas” (IVANISSEVICH, 2005, p. 25).

No que diz respeito ao jornalismo ambiental, compartilhar diversos elementos oriundos do jornalismo científico, a cobertura dos fatos relacionados à questão ambiental necessitou de outras abordagens além da científica por envolver o debate de problemas com implicações científicas, sociais, econômicas e políticas (OLIVEIRA, 1990).

A função social deste jornalismo ambiental é estar política, social e culturalmente engajado com a causa do desenvolvimento sustentável e com a melhoria da qualidade de vida das pessoas. “Só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses” (BUENO, 2007, p.29).

De acordo com Tautz (2004), o atual momento histórico pede a feitura de um tipo de jornalismo que vá além da mera constatação das agressões ambientais ao planeta e incorpore novos paradigmas civilizatórios na cobertura das questões ambientais, como as mudanças climáticas globais.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa lançou mão da análise de conteúdo (BARDIN, 2010) pelo fato de ser utilizada para detectar tendências e modelos de análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, discrepâncias e para comparar conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas (SANTOS, 1997, p.125).

Amparada nos pressupostos descritos acima, procedemos à análise do conteúdo jornalístico publicado nos jornais online Diário da Amazônia (Porto Velho/RO) e Página 20 (Rio Branco/AC), tendo avaliado as matérias separadamente no que se refere à sua respectiva natureza, ambiental ou científica, a fim de propiciar melhor ordenação e compreensão dos dados alcançados. A princípio, destacamos as informações publicadas sobre o meio ambiente e, por conseguinte, os resultados relativos às reportagens de caráter científico noticiadas nos dois periódicos analisados. A escolha destes jornais deu-se pelo fato de terem a maior audiência em seus Estados. O método consistiu no recolhimento e análise de textos jornalísticos publicados de março de 2014 a março de 2015 com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias de análise.

## **MATÉRIAS AMBIENTAIS E CIENTÍFICAS: ANÁLISES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para a análise das matérias de cunho ambiental e científica, foram recolhidas 43 reportagens do jornal online Diário da Amazônia (Porto Velho/RO) e 31 do portal de notícias Página 20 (Rio Branco/AC), que continham as palavras-chave: ambiental; meio ambiente; natureza; desenvolvimento sustentável; e sustentabilidade. Uma vez recolhidas procuramos avaliar essas matérias a partir das seguintes categorias definidas: Categoria Pluralidade, que analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão ambiental. Abrange os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público e da independência das fontes. Na mesma categoria incluem-se as qualidades da diversidade de fontes, de abrir o espaço para o debate e o caráter revolucionário e engajamento do jornalismo ambiental. E a Categoria Contextualização, analisa a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Reúne as qualidades inerentes ao jornalismo ambiental de procurar evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.

Para a análise das matérias de natureza científica, foram recolhidas 33 reportagens do jornal online "Diário da Amazônia" (Porto Velho/RO) e 21 do portal de notícias "Página 20" (Rio Branco/AC), que continham as palavras-chave: pesquisa; tecnologia; ciência; inovação; e descoberta. Uma vez recolhidas procuramos avaliar essas matérias também a partir da Categoria Pluralidade e da Categoria Contextualização.

Uma vez estabelecidas tais categorias de análise, elaboramos um formulário específico contendo questões com o objetivo de averiguar se as reportagens sobre meio ambiente da Região e as matérias científicas possuíram, em seus conteúdos, os elementos categorizados com base nos princípios do jornalismo ambiental e científico. Consideramos que por meio da análise de conteúdo das matérias foi permitido traçar um panorama sobre a cobertura frente aos princípios do jornalismo ambiental e científico, assim como reconhecer os atores sociais envolvidos na produção das notícias (jornalistas). A partir dos dados coletados, buscamos fazer inferências sobre a qualidade da informação recebida pelos leitores dos dois principais jornais impressos pesquisados, Diário da Amazônia (Porto Velho/RO – <http://sgc.com.br/diariodaamazonia/>) e Página 20 (Rio Branco/AC – <http://www.pagina20.net/>) e, conseqüentemente, se a cobertura jornalística colaborou ou não com a tomada de decisões esclarecidas por parte

dos moradores das duas capitais da região amazônica sobre as questões relacionadas ao meio ambiente na Amazônia.

## **RESULTADOS DA ANÁLISE DOS DADOS**

### **Análise das reportagens ambientais: Categoria Pluralidade**

Antes de expormos os resultados obtidos através dessa análise, reforçamos a diversidade de opções quanto à presença de vozes na reportagem, isto é, os resultados alcançados, se agrupados, ultrapassarão a porcentagem de 100%. Os dados coletados apresentaram que em 87,30% das matérias o poder público foi estimado a esclarecer a sua posição no que diz respeito à situação abordada: os pesquisadores figuraram o percentual de 22,22%, já a subclasse outros registrou 12,70% de participação, e por fim, as pessoas afetadas pelos problemas ambientais atingiram a porcentagem de 6,35%.

Os números alcançados refletiram a constante presença do poder público quanto à sua participação nas matérias ambientais, revelando uma assídua preocupação do jornalista em realçar as suas conquistas em desvantagem às outras subclasses como a dos pesquisadores. Aliás, o percentual atingido por esta subcategoria delatou justamente a escassez da multiplicidade de fontes especializadas nessas publicações por conta da ausência de investigações detalhadas a respeito dos problemas abordados. Chaparro (2001) declara que o planejamento e a capacitação discursiva das fontes é a modificação mais indispensável nos processos do jornalismo nos últimos quarenta anos, no qual a responsabilidade da ingerência das fontes incluídas na agenda jornalística se dedica também ao campo da opinião. Quando o jornalista se dispõe a dialogar somente com a máquina pública, a reportagem deixa as aflições da população de lado e passa a ornar-se exclusivamente das posições técnicas, muitas vezes maquiadas, de discursos especializados do governo.

No que se refere à competência das fontes em esclarecer os processos científicos discutidos, 82,54% das publicações não contiveram sequer um único pesquisador nas reportagens como forma de equilibrar as disposições envolvidas nas matérias.

Bueno (2007) defende que a reportagem tem a incumbência de admitir as contradições, as discussões, o embate de ideias e opiniões, com o propósito de escapar do formato incriminador estabelecido pela vulnerabilidade que não incorpora valor à cobertura ambiental. Os jornais online observados falharam no que se refere à adição de opiniões contrárias à

presença maciça do governo nas publicações. A participação de pesquisadores nessas publicações refere-se justamente à oportunidade que o jornalista dá ao povo de compreender os aspectos técnicos dos problemas ambientais por meio de um discurso mais acessível e traduzido para o linguajar popular, em virtude de assimilar que o papel do profissional esteve associado à responsabilidade de transformar toda a sociedade em um público questionador que indaga o poder público quanto às suas responsabilidades.

Quanto à quantidade de opiniões científicas, exibidas nas matérias respeitante às publicações que trataram das causas e consequências dos problemas ambientais, ressaltou a importância de haver inquirições variadas contidas nesses mesmos discursos, de forma a evidenciar múltiplas facetas do mesmo problema abordado na reportagem; os resultados obtidos foram iguais à subclasse anterior com destaque para inexistência de qualquer opinião científica em 84,13% do percentual total, ao passo que apenas 15,87% das matérias apresentaram um parecer especializado ao longo do texto.

É necessário sobrelevar a relevância da variedade de informações no que diz respeito às opiniões especializadas nas matérias, porém cabe salientar que nada disso aufere uma finalidade se não estiver vinculado ao propósito de orientar o povo e destacar que aquela publicação está assistindo os anseios da população. Ao jornalista carece de ficar atento para o fato de não afastar o ribeirinho ou o pescador, por exemplo, das decisões essenciais que venham a interferir em seu cotidiano, pois segundo Kovach e Rosenstiel (2003) condiz ao profissional evitar discutir as extremidades de uma temática, pois isso exclui grande parcela da sociedade e raramente são conciliatórios. Quando este fundamento não é considerado o espaço para o fórum de debate termina a ser ocupado pela teatralização dos acontecimentos. Os personagens centrais dessas circunstâncias findam se tornando os pesquisadores e, principalmente, o poder público, numa universalização pertencente a uma matéria que tinha por dever atender às exigências do povo através da discussão de convicções, contudo o que se remata é uma disputa entre essas duas esferas pelo poder de decisão acerca das causas apontadas. Bucci (2000) considera essa metodologia uma idolatria às falsas imagens, em que o jornalismo se baralha com a literatura de ficção, ainda que se ampare por seus mecanismos.

### **Análise das reportagens ambientais: Categoria Contextualização**

O primeiro aspecto a ser avaliado assemelha-se à responsabilidade do jornalista em retomar os precedentes históricos dos obstáculos

ambientais tratados, onde 69,84% das reportagens não dispuseram do comprometimento em evidenciar as origens dos impasses relatados, ao passo que 30,16% do percentual total de matérias empenharam-se em apresentar essas inferências.

A porcentagem relativa a não exposição das motivações proemiais acerca dos transtornos e/ou temas ambientais, próxima ao índice de 70%, indicou que no momento em que o jornalista pretendeu noticiar algum acontecimento sem a precaução de ressaltar o que ocorreu antes daquilo que esteve sendo reportado, propriamente dito, ele absteve-se do compromisso com a população quanto à possibilidade de oportunizar a ela um entendimento íntegro da situação, uma vez que ao longo da produção do texto jornalístico, o profissional não demonstrou um olhar apurado, investigativo e consciente para com a verdade. Esse procedimento acabou por provocar uma desassimilação pelos leitores que, ao lerem a matéria, findaram não conhecendo quais foram as causas dos problemas divulgados e o porquê de aquilo ter sido evidenciado, ou seja, em que essas notícias vão interferir no cotidiano delas. As reportagens observadas apontaram ainda um tratamento emurchecido em relação à questão, porque elas apresentaram a problemática de forma isolada a ponto de relatar somente o que estava acontecendo, finalizando-se sem maiores esclarecimentos. Bueno (2007) considera que o jornalismo ambiental necessita abranger uma percepção multifacetada, cujas fronteiras excedam as bordas dos cadernos e editoriais, evitando a sua inconsistência em virtude da fragmentação. Os periódicos avaliados requereram avançar no que se refere à qualidade da produção jornalística ambiental, de maneira a expandir as suas abordagens a fim de provocar uma ponderação aprofundada pela sociedade em relação à complexidade das informações. Os fundamentos do jornalismo não podem estar entrelaçados aos anseios da iniciativa privada, mas sim à tarefa de questionar o seu próprio dever na comunidade, com a intenção de acompanhar o fluxo de publicações que tratem do meio ambiente, por exemplo.

No que diz respeito se as matérias conseguiram transmitir concepções especializadas, foi assinalado que 55,56% das publicações não contiveram qualquer posição alusiva à existência de pesquisadores com o propósito de discorrer sobre a conjuntura tratada, à proporção que o percentual que apontou a participação de especialistas nas reportagens foi de 44,44%.

A presença de pesquisadores nas matérias de natureza ambiental constituiu-se na imprescindibilidade do jornalista em apresentar um ponto de vista mais técnico referente aos pareceres defendidos nas publicações.



Essa disposição visou o acarretamento em disponibilizar entendimentos aprimorados sobre o ocorrido, em razão da capacidade da posição de um pesquisador ser eficiente ante o detalhamento dos fragmentos do incidente de forma estratégica. Há de se acentuar que em relação à contextualização na produção da matéria foi considerado os representantes oficiais encarregados pelos centros ambientais especializados sustentados pelo poder público, visto que eles também representaram uma visão mais tática do assunto. Inclusive, uma boa porção do percentual favorável à existência de pesquisadores, foi constituída pelas avaliações de instituições que reproduziram a participação governamental na matéria.

O compromisso em difundir informações correlacionando-as com a questão ambiental global, bem como a prática do entrelaçamento dessas ocorrências a fatores econômicos, políticos ou culturais salientam o discernimento a respeito do dever do jornalista em aglomerar uma visão mais alargada acerca da temática como forma de evitar a debilidade das informações contidas na reportagem. Quanto a essas problemáticas, foi possível estabelecer uma avaliação sobre a representação desses dados para o desenvolvimento do jornalismo ambiental. O primeiro caso apresentou um índice de 71,43% favorável a não similitude das condições ambientais locais com as questões globais, contra o percentual de 28,57% para as matérias que vincularam os seus conteúdos a uma perspectiva universalizada. Enquanto que para o segundo caso, os resultados obtidos figuraram 63,49% do total de reportagens relacionados à associação das causas abordadas aos fatores econômicos, políticos ou culturais.

A amplificação do tratamento concernente às temáticas ambientais não acarretou apenas num detalhamento maior no que se refere à complexidade da matéria, mas também ao total domínio e entendimento pelo povo em apreender os elementos primordiais para o estabelecimento da compreensão sobre o seu papel, como cidadão, em conformidade com uma visão absoluta dele. Situar o leitor na conjuntura local é procurar evidenciar as medidas que ele pode tomar para ajudar a solucionar essas dificuldades, despertando o espírito de cooperação a fim de transformá-lo no atuante principal da situação. A falha dos jornais avaliados potencializou lacunas no que se refere às constantes interferências correspondentes a uma infeliz particularidade equiparada ao fato de as pessoas acompanharem os noticiários constantemente, mas não aprimorarem a captação do valor que aquela notícia exerce na vida deles, restando à assimilação as detalhadas e apelativas campanhas governamentais encarregadas de vender uma imagem positiva de suas iniciativas frente à solução dos problemas existentes. Essa atividade acabou por favorecer também a

aceitação de constantes vinculações das causas ambientais a fatores econômicos e, principalmente, políticos a fim de deduzir o cenário abordado, o que não é sempre verdade, já que uma vez que o profissional toma atitudes como essa, ele se omite da tarefa de analisar a circunstância ambiental de forma aprofundada, séria e ponderada para destacar os interesses de empresários e instituições do poder público que se escondem sob essa prática. Geraque (2004) considera que o padrão a ser buscado é aquele que estimula um espaço para os aspectos sociais e culturais do dia a dia das pessoas, e não somente os políticos e econômicos. Para efetivar tal asserção, o autor aconselha resgatar as grandes reportagens literárias criativamente como maneira de revigorar as formas de expressão das narrativas jornalísticas.

## **ANÁLISE DAS REPORTAGENS CIENTÍFICAS**

### **Categoria Pluralidade**

O objetivo da categoria Pluralidade foi o de examinar o espaço disponibilizado no campo das publicações sobre as manifestações das variadas vozes existentes na produção jornalística, abrangendo os princípios gerais do jornalismo de estabelecer a promoção de fóruns de debate, a diversidade das fontes, a abertura do espaço para o debate, bem como a utilização da função social do jornalismo científico.

A categoria Pluralidade também atendeu a observação quanto às reportagens científicas concernentes aos tipos de vozes que estiveram abrangidos nas publicações; todavia é imprescindível frisar que a multiplicidade desta subclasse implica na ultrapassagem, se somada, dos percentuais respeitantes à máxima de 100%. Em 68,89% das matérias foi possível inferir que o poder público atuou como a principal fonte de informações para o desenvolvimento do texto jornalístico, por conseguinte apareceram as pessoas beneficiadas ou impactadas pelos resultados das pesquisas com 37,78%; já os pesquisadores figuraram com o percentual de 22,22%, enquanto que 2,22% do total de matérias corresponderam ao setor produtivo incumbido pelos empresários.

As porcentagens apontaram dados significativos em relação à existência de fragmentos que esclareceram a forte influência do poder público no decorrer da criação da matéria. Foi permitido constatar que o governo manifestou menos expressividade frente às causas tecnológicas e científicas, se partirmos da inferência de que as pessoas beneficiadas pelos resultados das pesquisas, junto aos pesquisadores, somaram 60,00% do

total de publicações, refletindo assim um resultado bastante aproximado aos números alcançados pelo governo. Os jornalistas exprimiram maior prudência relativa à escolha das fontes, pois a significância tanto do povo quanto dos cientistas assumiu posições mais destacadas. Bueno (2007) esclarece que as matérias de caráter ambiental precisam expandir-se não somente para as classes que já se utilizam do espaço disponibilizado nos veículos de comunicação, o que inclui autoridades, empresários e políticos, mas também a população em geral habitualmente silenciada pela mídia como os líderes comunitários e os integrantes de comunidades afetadas pelos problemas sociais.

A investigação por mais diversidade, no que se refere aos tipos de fonte, transpareceu satisfatoriamente o trabalho que o jornalista desenvolve na estruturação de seus textos jornalísticos porque quanto mais rica em detalhes e explicações a matéria é, mais ela satisfaz as instâncias de um povo que demanda matérias completas e comprometidas com a verdade. A necessidade de se colocar versões científicas diferentes dos fatos demonstrou que um único problema pode ser interpretado de várias formas, já que a visão de um geólogo é diferente da concepção de um engenheiro florestal e esses distintos pontos de vista devem ser exteriorizados a população. Contudo, precisamos também acentuar a precaução que o profissional deve ter para com a sociedade, ao passo que não termine criando um cenário de disputa, pois as extremidades de um assunto acabam afastando a população do foco central da discussão e todo o debate corre o risco de se transformar em um espetáculo.

Outro quesito ponderado compreende a divulgação de informações dispostas a atender somente a interesses de terceiros, renegando, assim, o papel fundamental do jornalismo que é o de dar voz e relevância ao povo e somente a ele, bem como o objetivo de mostrar se a matéria traz diferentes posições quanto à temática abordada. 60,00% das matérias buscaram retratar notícias que não constituíram vínculo com apenas empresas e/ou outras instituições, ao passo que 82,22% do total de publicações defenderam uma única perspectiva da situação.

Bueno (2007) explana que o profissional da comunicação não pode escolher os temas que irá amparar sem antes apurar os verdadeiros interesses que estão encobertos. Do contrário, como frequentemente tem ocorrido, os jornalistas acabam transformando-se em vendedores de produtos e ideais adversos às carências da sociedade. É indispensável destacar que em boa parcela das matérias avaliadas, o jornalista não teve a preocupação considerável para além de anunciar as façanhas dessas entidades, divulgar outras posições que fossem antagônicas ou favoráveis ao acontecimento que

estava sendo reportado na publicação. A grande maioria dos conteúdos, de fato, exprimiram informações que se referiram à participação da população como a descoberta de novos antídotos para o tratamento contra ataques de animais peçonhentos, por exemplo, porém falharam em não aperfeiçoar uma disposição mais direta que determinasse a forma como esses estudos afetariam o cotidiano das pessoas por meio de entrevistas com moradores da região. O jornalismo científico está subentendido na própria essência da função informativa quanto à divulgação de fatos e informações de cunho científico-tecnológico, possibilitando ao cidadão comum integralizar-se das novas conquistas da ciência, assim como das suas pressuposições sociais.

### **Categoria Contextualização**

A finalidade da categoria Contextualização teve o intuito de analisar se as matérias cumpriram com o objetivo de oferecer conteúdo de qualidade voltado aos interesses do público, agregando os fundamentos inerentes à atividade jornalística de apresentar o significativo de forma interessante e relevante, evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo aos assuntos econômicos.

A análise referente à permissão disponibilizada pela publicação em esclarecer as pressuposições políticas, econômicas e socioculturais, vestiu-se de percentuais que traduziram o objetivo do profissional em demonstrar se além das descobertas tecnológicas, ele se dispôs a explicar também essas implicações. Quanto a isso, foi apontado que em 66,67% das matérias houve atenção do jornalista em relatar tanto os resultados de novos estudos científicos quanto às explicações que manifestaram as consequências daquelas observações em outras esferas sociais.

Vale acentuar que os resultados favoráveis ao incentivo de se prestar serviço, no que compreende a prática de elucidação dos estudos tecnológicos, aproximou-se levemente da inferência de que o jornalismo científico esteve se esforçando para noticiar os fatos com mais qualidade e completude. Porém, segundo Scharf (2004), uma cobertura que vislumbra o valor das diversas ligações existentes entre as variáveis ambientais e o mundo do dinheiro e do mercado exterior ainda é esporádica na imprensa nacional. Os percentuais atingidos assentam diretamente com a ideologia do autor, uma vez que a pertinente atitude, mesmo que de uma menor parte dos jornalistas, em negar a importância de se esquadriñar os estudos e a divulgação tecnológica em preferência ao ato supérfluo de apenas divulgar o que aconteceu, comprometeu a totalidade de uma avaliação positiva quanto às suas atividades. Esses resultados certificaram a necessidade

de engajamento que o jornalismo deve possuir no tocante às pesquisas científicas quanto à disponibilização de explicações que possam corroborar uma avaliação sobre todos os ângulos da questão abordada, visto que há um terceiro polo carente de justificativas minuciosas equivalentes ao povo, pois é nele que o profissional deve pensar ao longo do processo de criação e estruturação dos dados. Isso vai de encontro ao que é tratado na segunda e terceira subclasses incumbidas de falar com relação à tradução de conceitos científicos complexos, assim como da tradução para o leitor de palavras técnicas ou jargões específicos, respectivamente. Com relação ao primeiro caso, 80,00% das publicações não apresentaram uma explicação sequer acerca do uso de conceitos de difícil entendimento, já na condição seguinte, esse índice subiu para 93,33%.

Os elementos apresentados assinalaram a escassez dos discursos científicos nos jornais observados que não comprovaram a clara existência de um comprometimento no que se refere à compreensão dos valores da ciência. Tornou-se difícil admitir a imagem de um jornalismo que quer discursar tecnologia e inovação, mas não procura nem mesmo cumprir com o dever básico de traduzir os conceitos específicos dessa área. Exercer a função de tratar sobre os assuntos dessa natureza implica na intenção do profissional em clarificar todos os detalhes que foram discutidos na matéria, dado que a ciência ainda é vista e reproduzida como uma disciplina inalcançável pela população ao nível de discernimento. O jornalista precisa ter o cuidado de trabalhar não somente para as pessoas que já possuem instrução necessária para depreender o que está sendo reportado, mas também para aquele morador de um bairro da periferia que dispõe malmente de serviços públicos básicos como o abastecimento de água e energia, por exemplo.

Outro ponto a ser vislumbrado nessa avaliação é se na matéria houve o cuidado de inserção de recursos gráficos a fim de potencializar o foco da publicação, juntamente à sua natureza, contidos nas duas últimas subclasses dessa categoria. Sua importância esteve calcada na forma como esses auxiliares atuaram diretamente numa melhor exposição da notícia, coordenando o leitor a compreender e a interpretar o sentido da abordagem na reportagem, capazes de retratar o ocorrido de forma envolvente. Os dois jornais observados conquistaram um elevado percentual quanto à utilização desses métodos em suas matérias, porém careceram de sortimento no que diz respeito ao emprego dessas ferramentas. Com relação à colocação desses colaboradores, 91,11% das publicações foram positivas atinentes a essa prática. No que se refere à natureza desses recursos, é necessário destacar que a variedade de opções nesta subclasse

implicou num percentual, que se agregado, ultrapassa a porcentagem de 100%. Os dados obtidos nessa tabela configuraram a majoritariedade das fotografias como intensificadores das mensagens transmitidas com um índice de 88,89% de assiduidade, enquanto que as ilustrações figuram 8,89% do total de matérias; já a opção outros aparece com 13,33%, e por fim os infográficos revelam um percentual de 2,22%.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a qualidade da cobertura jornalística sobre ciência e meio ambiente na Amazônia realizada pelos jornais online Diário da Amazônia (Porto Velho/RO) e Página 20 (Rio Branco/AC). Evidenciou-se as informações alcançadas acerca das matérias, de natureza ambiental, publicadas nos dois jornais observados; compreendidas em cada uma das categorias desenvolvidas, por conseguinte, os resultados relativos às reportagens de caráter científico, noticiadas nos dois periódicos analisados, serão divulgados respeitando duas categorias produzidas neste trabalho.

Na primeira categoria estabelecida para a avaliação das reportagens ambientais, a Pluralidade, categoria responsável pela apuração do espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão ambiental, a observação dos percentuais assinalados depreendeu na insuficiência de dados no que se refere à diversificação das fontes que apontou uma categórica assiduidade do poder público ante os problemas ambientais, manifestando um parcial desprovimento do princípio jornalístico da diversidade das fontes, cujo ressaltado baseia-se no alargamento do espaço cedido às participações nas matérias que devem atender também aos anseios dos emudecidos pela imprensa como os líderes comunitários, por exemplo. Em grande parte das publicações, a inexistência de pesquisadores responsáveis por concepções técnicas concernentes aos impasses reportados nas matérias ressaltou a necessidade do jornalista em destacar pontos de vista em oposição às já sobressaídas, cujas demonstrações em textos jornalísticos pouco aprofundados afastaram a população do completo entendimento. Nos casos onde a reportagem discutiu as causas e consequências dos impasses ambientais, foi admitido constatar que as opiniões científicas, em grande maioria, não foram integradas às matérias, relatando insuficiência quanto à presença de um enfoque mais apurado sobre as causas do meio ambiente, porém nos momentos em que foi acentuada asseverou apenas um lado da questão, o que não estabeleceu relação com o que o princípio de abrir espaço

para o debate diz que as publicações devem agregar controvérsias a fim de fugir do modelo incriminador da cobertura ambiental.

A categoria Contextualização, que tratou da avaliação sobre a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas, discorreu, a princípio, da responsabilidade do jornalista em resgatar as raízes históricas dos problemas ambientais tratados, no qual foi constatado que os profissionais, em boa parte das matérias, não se preocuparam em salientar as origens dessas circunstâncias, deixando de proporcionar aos leitores uma visão mais objetiva e clara dos incidentes que resultaram nos impasses abordados. A existência de concepções especializadas, em pouco menos da metade das publicações avaliadas, aferiu na imprescindibilidade das matérias em ressaltar um entendimento aprimorado acerca da situação relacionando-se ao que o fundamento de evitar a fragmentação da cobertura considera, no qual a condição necessária ao jornalismo ambiental, para que este possa efetivar o seu dever social, é observar todos os ângulos da conjuntura.

Quanto à avaliação da qualidade das informações científicas na Amazônia, a categoria Pluralidade teve a finalidade de verificar se as matérias cumpriram com a função de oportunizar um debate por meio dos questionamentos inseridos nas próprias matérias, fazendo com que os leitores questionassem o que estavam acompanhando. Quanto aos tipos de participações que obtiveram espaço na reportagem, foi apontado mais uma vez a majoritariedade quanto à presença das fontes oficiais nas publicações analisadas, com destaque para uma representação maior quanto à utilização de informações provenientes de especialistas e pessoas beneficiadas por resultados de pesquisas, expressando maior atenção do jornalista em relação à seleção das fontes. Foi constatado também que a presença dos pesquisadores nas reportagens foi praticamente nula, salvo uma pequena parcela das matérias terem se utilizado de opiniões técnicas únicas, que não tiveram outros pontos de vista divergentes que poderiam descaracterizar essas concepções como verdades absolutas, estabelecendo o princípio geral do jornalismo de constituir fóruns de debate público, cujas proposições estabeleceriam uma discussão voltada a toda comunidade. Além disso, a exposição de dados que procuraram discorrer somente de interesses privados como o de empresas, assim como a finalidade de oferecer ao leitor diferentes pareceres expuseram, na maior parte das reportagens, a responsabilidade e precaução que o profissional deve apresentar ao redigir uma publicação, pois tanto os interesses do governo quanto as novas descobertas disponíveis no mercado não

podem sobrepor-se aos interesses da população. A discussão em torno das modernas tecnologias, da mesma forma ao desenvolvimento sustentável, manifesta-se pela responsabilidade em determinar a informação científica e ambiental numa contextura mais abrangente, encaminhando-a à luz das pretensões sociais, de forma a fazê-la convir com os propósitos da criação e disseminação do conhecimento.

As matérias analisadas correspondentes à categoria Contextualização, cujo objetivo era o de analisar se as reportagens cumpriram com o objetivo de oferecer conteúdo de qualidade voltado aos interesses do público, inferiram na disposição dos profissionais em elucidar as implicações políticas, socioculturais e econômicas das conjunturas abordadas, desprendendo-se do intuito de apenas divulgar as descobertas tecnológicas. Quanto ao comportamento do jornalista de traduzir termos e jargões especializados complexos, foi permitido exprimir que os dois jornais avaliados não se comprometeram eficientemente na concessão de valores científicos que pudessem resultar num entendimento íntegro da matéria, uma vez que ficou bastante complicado atribuir à representação de uma mídia que se interessa por ciência e inovação, sem ao menos esclarecer o que significam essas expressões. Ademais, a análise dos dados compreendeu também a maneira como essas publicações apresentaram tais conteúdos, cujo princípio geral do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante intercede justamente pelo o fato de o jornalista ter o papel de apresentar a notícia de forma interessante, sem prejudicar os fatos nele narrados, onde se observou a supremacia da utilização de recursos gráficos quanto à explanação dos assuntos científicos.

A observação concernente às análises de dados das matérias de naturezas ambiental e científica na Amazônia depreendeu que tanto o jornal online Diário da Amazônia (Porto Velho/RO) quanto o portal de notícias Página 20 (Rio Branco/AC) ainda necessitam investigar mais verticalmente as ocorrências que são divulgadas para os seus leitores, visto que esses veículos de comunicação não se propuseram eficientemente a averiguar os fatos, de maneira a esclarecer ao público os pormenores das situações, e a evitar quanto à sua publicação que notórias dramatizações dos problemas ambientais e científicos aparecessem. Os números apontados também indicaram que os jornalistas ainda são carentes de uma gama maior de fontes de informação, em razão de a maior parte das reportagens terem propagado os posicionamentos somente do poder público, o que levou a questionarmos o porquê de os pesquisadores e, principalmente, a população não terem participado mais evidentemente dessas matérias, bem como o dever do jornalista com a sua própria consciência de trabalhar



para o povo, clarificando que ele está ali para questionar o papel do Estado nas circunstâncias noticiadas, abrindo espaço para a discussão pública e não resumindo tudo à contextualizações financeiras, como forma de consumir essa atribuição.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.

BORTOLOZZI, Arlêude. Comunicação, ensino e temática ambiental. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 14, p. 42-48, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36842/39564>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.

CAMARA, Eric Brücher. Aquecimento global pode afetar Brasil até 20% mais que a média, diz Inpe. **BBC Brasil**, Brasília, DF, 11 dez. 2009. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/12/091211\\_c15\\_ebc\\_rc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/12/091211_c15_ebc_rc.shtml)>. Acesso em: 17 fev. 2010.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

FARIS, Stephan. **Mudança climática: as alterações do clima e as consequências diretas em questões morais, sociais e políticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos. In: IVANISSEVICH, Alícia. Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.

LEFF, Henrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MORETZSONH, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MUZIO, Paulo Andreetto de. Importância da divulgação científica para a proteção das áreas naturais. Portal de Educação ambiental. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/educacaoambiental/2019/07/01/a-importancia-da-divulgacao-cientifica-para-a-protecao-das-areas-naturais/>, 2019. Acesso em 01 de junho de 2020.

OLIVEIRA, Fabíola Imaculada de. **Jornalismo Científico e Amazônia**: estudo de quatro jornais brasileiros. Dissertação de (Mestrado em Comunicação), Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.

PACHAURI, R. K.; REISINGER, R. (Ed.). **Climate change 2007**: syntheses report. Genebra: IPCC, 2007. Disponível em: [http://www.ipcc.ch/publications\\_and\\_data/ar4/syr/en/contents.html](http://www.ipcc.ch/publications_and_data/ar4/syr/en/contents.html). Acesso em: 17 fev. 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

SANTOS, Edilene de Jesus. O capitalismo e a questão ambiental: reflexões teóricas sobre a economia do meio ambiente. VIII Jornada Internacional de Políticas públicas, 2012.

SCHARF, Regina. Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.

TAUTZ, Carlos. Oxigênio para a energia: entenda a ideia de um “jornalismo para o desenvolvimento”. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

TELES, Jaqueline. Plano de Manejo Comunitário melhora a vida do morador da floresta. Página 20, Rio Branco, 20 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://www.pagina20.net/cotidiano/plano-de-manejo-comunitario-melhora-a-vida-do-morador-da-floresta/>. Acesso em: 22 de janeiro de 2015.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e “Estórias”**. Lisboa, Vega, 1997.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005b. v. 2.

## **ANÁLISE DA COBERTURA DE PROBLEMAS AMBIENTAIS PELO JORNAL ON-LINE “DIÁRIO DE PERNAMBUCO”**

Natascha Almeida Dantas<sup>5</sup>

Edilene Mafra Mendes de Oliveira<sup>6</sup>

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues<sup>7</sup>

O jornalismo ambiental é essencial para a democratização das informações sobre meio ambiente. Como agente social, pode contribuir para que as futuras gerações tenham recursos naturais garantidos e condições de vida sustentável no planeta. Por ser sentinela de um bem comum da humanidade, ele deve atuar como uma força que desvela as realidades, que dá voz aos sujeitos, que cobra políticas de preservação, que comove a opinião pública a fim de gerar mudanças de comportamento.

Com atuação em veículos de jornalismo, agências especializadas ou mesmo na comunicação de órgãos públicos e institutos de pesquisa, os profissionais do jornalismo ambiental se fundamentam nos pilares da profissão, além de somar conhecimentos e aproximação da área ambiental com ênfase em sustentabilidade. Como o jornalismo ambiental está muito próximo da práxis do jornalismo científico, os jornalistas ambientais também precisam de visão multidisciplinar, especialmente nos contextos econômico, social, político, científico e cultural (BUENO, 2007).

---

5     Jornalista. Pesquisadora Bolsista do Projeto de Pesquisa “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente na Amazônia”, aprovado no Edital 043/2013 do CNPq. E-mail: natydantas\_13@hotmail.com

6     Radialista, jornalista e divulgadora de Ciência. Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia e mestre em Ciências da Comunicação. Coordenadora de Comunicação e Design (Uninorte/Ser) e professora de Jornalismo (FIC/Ufam). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Trokano. E-mail: edilene.mafra@gmail.com

7     Jornalista. Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente e diretor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/Ufam). Líder do Grupo de Pesquisa Trokano. Coordenador Projeto de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Sudeste e Sul. E-mail: allans@ufam.edu.br

Um exemplo disso foi o incêndio ocorrido na Amazônia no ano de 2018, que ressaltou a necessidade de haver mais preparação por parte dos profissionais do jornalismo para a cobertura qualificada em problemas ambientais, dada a complexidade do lugar e o cenário da política atual no Brasil. Como as pautas ambientais têm forte relação com a política da área, conseqüentemente, dialogam com o sistema econômico. Esse é um entre outros fatores que dificultam o interesse de veículos comerciais em gerar o debate público, limitando-se à cobertura factual, sem muito aprofundamento.

Nesse mesmo ano, o Brasil perdeu 1 milhão e 400 mil de hectares de florestas virgens, tendo como justificativas o incêndio de grandes proporções e o desmatamento da Floresta Amazônica. Ainda que seja o detentor da maior reserva ambiental mundial, o país pertence ao grupo dos que mais perde florestas primárias. Outros biomas brasileiros também tiveram prejuízos neste período, entre eles a Mata Atlântica, o Cerrado, o Pantanal, a Caatinga, o Pampa, a Mata Araucária, os Mangues e a Mata de Cocais (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK<sup>8</sup>, 2018).

Apesar do jornalismo ambiental enfatizar assuntos relacionados ao meio ambiente, não se restringe a isso. Se estende também a temáticas que envolvem o ambiente urbano, o cotidiano, a sociedade, a economia ambiental, a política ambiental e a pesquisas científicas, entre outras coisas. Nesta conjuntura, o ofício do jornalismo possui como princípio histórico justificador o ideal iluminista de esclarecer os cidadãos que torna-se primordial para que a sociedade tome decisões esclarecidas no que diz respeito ao melhor modelo de desenvolvimento para o Brasil (MORETZSOHN, 2007).

Uma característica deste segmento do jornalismo é a busca pela ampliação do conhecimento do público sobre como estas temáticas podem influenciar no seu dia a dia, considerando que a população precisa ter acesso às informações para construir uma visão e tomar suas próprias decisões. Tendo em vista que o jornalismo procura na ciência os argumentos que podem enriquecer a formulação de ser discurso sobre temas ecossistêmicos, ele possui potencial para voltar-se para um papel esclarecedor, educador e informacional (SOUSA, 2000).

Os desafios dos jornalistas das editorias de ciência e meio ambiente na web não fogem à regra dos demais que atuam em meios impressos. Além dos conflitos na negociação das pautas, também há a luta contra o

---

8 GLOBAL FOREST WATCH. O mundo perdeu uma área de florestas tropicais primárias do tamanho da Bélgica no ano passado. Disponível em: <https://blog.globalforestwatch.org/data-and-research/world-lost-belgium-sized-area-of-primary-rainforests-last-year>. Acesso em 04 maio 2020.

tempo para construir uma narrativa adequada à proposta e tornar a notícia atraente ao público que a consome, já que “os meios de comunicação são, antes de tudo, um negócio com um produto a vender. Seu produto é a informação” (IVANISSEVICH, 2005 p.14).

Apesar de os meios de comunicação de massa não terem buscado, no decorrer dos anos, transpor a associação do homem com o meio em que vive, a comunicação é primordial para a conscientização pública de segmentos da sociedade sobre como operar para a divulgação do desenvolvimento sustentável. O papel mobilizador dos meios de comunicação e da indispensabilidade de qualificar a informação para que ela atue como ferramenta de pressão, resguarda a afirmação de um direito intransmissível do homem, que é o de ter e receber informações de natureza múltipla e não fracionada (ZIGGIATTI<sup>9</sup>, 2000).

Figueiredo (2001) reforça que os veículos massivos (televisão, rádio, jornais, revista e internet) podem ser classificados como uma poderosa aliada da educação, pois possuem significativo papel esclarecedor junto à sociedade. Considera-se que o surgimento de novas tecnologias habituou a sociedade moderna a buscar informações e conhecimento por intermédio desses veículos. A perspectiva de diversos gêneros de matérias jornalísticas veiculadas pela mídia impressa e eletrônica propicia ao público aprender e modificar a qualidade de vida do cidadão na sociedade.

Diante deste contexto, este estudo reflete sobre o papel da imprensa na cobertura de problemas ambientais por meio da análise da qualidade das reportagens veiculadas em portais de notícias. O intuito foi identificar a subjetividade do discurso jornalístico sobre as temáticas de meio ambiente e como se estruturam essas narrativas, a fim de reconhecer as características do cenário atual e apontar caminhos para qualificar esses conteúdos quando aplicados aos contextos amazônicos.

Buscou-se compreender com quais contextos sociais, políticos e econômicos estas notícias dialogam, que vozes ecoam nestas temáticas, como se dá a interferência do poder público e de outras instituições sociais nestas questões, de que forma os jornalistas empregam seus princípios e fundamentos na construção destas reportagens, e se a divulgação destas matérias promove o debate e o engajamento do público tornando estas informações parte da sua realidade.

A pesquisa é parte integrante do projeto intitulado “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente na Amazônia”, que conta com fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

9 ZIGGIATTI, M. M. *Jornalismo Ambiental*. Disponível em: <<http://www.eca.sp/ematla/densust/jamb.htm>> Acesso em maio 2017.

por meio do Edital 043/2013. A proposta é promover interações entre o jornalismo científico e ambiental realizado nos eixos Sul-Sudeste e Norte-Nordeste com as realidades amazônicas.

## **MÉTODOS DE PROCEDIMENTO PARA A APLICAÇÃO DA PESQUISA**

Neste recorte, estão dispostos os resultados de análises realizadas em 23 reportagens publicadas no “Jornal On-line Diário de Pernambuco<sup>10</sup>”, no período de setembro de 2017 a março de 2018. Integrante do “Grupo Diário de Pernambuco”, o veículo apresenta uma linha editorial que prioriza questões políticas, econômicas e sociais aplicadas à dinâmica do Estado. O Diário tem uma trajetória marcada pelo registro dos principais fatos que constituem a história local, desde a criação do seu primeiro folhetim, no ano de 1825.

O jornal on-line segue o padrão de grandes portais do Brasil, prezando pela instantaneidade da informação, característica peculiar do jornalismo digital, com enfoque para fatos que influenciam o Estado de Pernambuco. A plataforma multimídia é dividida nas editorias/seções: Últimas, Política, Brasil, Mundo, Economia, Superesportes e Vida Urbana. Também dispõe de seção de leituras complementares e de colunas de opinião. O veículo não apresenta ambiente exclusivo para notícias de cunho científico e ambiental.

Os caminhos percorridos tiveram como método de abordagem a Pesquisa Qualiquantitativa. Dadas as particularidades da natureza multidisciplinar do tema estudado, buscou-se adotar elementos que oferecessem indícios a serem analisados e flexibilidade para adaptações conforme as necessidades emergentes, considerando que “a característica híbrida da análise de conteúdo – pode ser vista como método que reúne elementos quantitativos e qualitativos” (HERCOVITZ, 2007, p.123).

Melo (2009, p.144) destaca que pesquisas relevantes sobre problemas fundamentais da sociedade podem ser compreendidas por estudos estruturados no interior do sistema produtivo. Dessa forma, houve a necessidade de adotar estratégias metodológicas condizentes com as hipóteses do trabalho pesquisado, promovendo o rigor do diálogo entre interlocutores externos que podem ou não tomar decisões sobre os fenômenos investigados à luz da interdisciplinaridade.

Para tanto, optou-se pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010) como método de procedimento. O protocolo da pesquisa foi dividido

---

10 FGV CPDOC. Biblioteca Geral. Verbetes: Diário de Pernambuco. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/diario-de-pernambuco>. Acesso em 08 maio 2020.

nos seguintes estágios: 1. organização da análise – pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação; 2. codificação – transformação dos dados com enumeração, agregação e classificação; 3. categorização – classificação e reagrupamento das unidades de registro em categorias; 4. inferência – interpretação de aspectos implícitos da mensagem analisada (específicas ou gerais); e) tratamento informático – processamento dos dados analisados e análise de conteúdo por computador.

A Análise de Conteúdo é considerada um dos métodos mais eficientes a serem aplicados no campo da pesquisa em Jornalismo por tratar a informação disposta em registros nas mais variadas formas, entre elas: documentos impressos ou digitais, como textos, áudios, fotografias e vídeos (HERSCOVITZ, 2007, p.123). Nesta pesquisa, teve como objetos de análise textos jornalísticos dispostos na plataforma da web.

Entre os objetivos deste estudo estão a análise de critérios de noticiabilidade e tendências; agendamentos e enquadramentos, além do detalhamento e categorização de produtos, formatos e gêneros jornalísticos. O intuito foi alcançar a mensuração de características da produção de grupos e organizações, indivíduos e discordâncias, a fim de promover a relação do conteúdo jornalístico de mídias divergentes com as culturas disponíveis.

A análise dos conteúdos jornalísticos se deu por meio da interpretação dos processos que envolvem produção, veiculação e recepção das notícias científicas e de meio ambiente no veículo. A concepção de um quadro composto por subsídios coletados foi essencial para que estes fossem inferidos à luz da literatura que compreende os princípios do jornalismo e seus subgêneros ambiental e científico.

As análises tomaram como base cinco categorias: precisão, independência, pluralidade, contextualização e sensibilização. Neste relatório serão apresentados os resultados das três categorias, que seguem:

#### **QUADRO 1 – CRITÉRIOS DE ANÁLISE**

<b>CRITÉRIO</b>	<b>ANÁLISE</b>	<b>ENGLIBA</b>
Precisão	Veracidade e a precisão das informações publicadas	Princípios gerais do jornalismo: compromisso com a verdade, lealdade ao interesse público; disciplina de verificação; e princípios éticos.

Pluralidade	Espaço ocupado pelas reportagens e utilização de vozes atuantes na questão ambiental	Princípios gerais do jornalismo: espaço para discussão crítica; geração da opinião pública; independência das fontes; atuação nas funções jornalismo científico: social, informativa, político-ideológica, cultural e econômica; incentivo ao engajamento no jornalismo ambiental
Contextualização	Envolver as circunstâncias das causas e consequências de questões ambientais e sua multidisciplinaridade	Qualidades inerentes do jornalismo ambiental, bem como interpretação das temáticas e adequação da linguagem jornalística.

Fonte: Pesquisador, 2018

O corpus analisado foi constituído por 23 textos jornalísticos publicados no “Diário de Pernambuco” no período de setembro de 2017 a março de 2018. As temáticas versam sobre problemas ambientais relacionados ao Estado de Pernambuco e o conteúdo encaixa-se no gênero informativo, apresentado nos formatos de reportagem e notícia (MELO, 2010).

**QUADRO 2 – CORPUS DE ANÁLISE – JORNAL ON-LINE DIÁRIO DE PERNAMBUCO<sup>11</sup>**

N.º	TÍTULO	PUBLICAÇÃO	SEÇÃO / EDITORIA	FONTE
01	ONG envia a PGR parecer criticando mudança na lei de licenciamento ambiental	25/09/2017	Brasil	Agência Estado
02	Temer dá desconto de 60% em multas por crimes contra o meio ambiente.	21/10/2017	Política	Agência Estado
03	Jardim Botânico recebe visita de estudantes durante a semana da ciência	23/10/2017	Vida Urbana	Interna
04	Pescadores artesanais protestam contra obras de dragagem no Porto de Suape	31/10/2017	Vida Urbana	Interna
05	Tragédia de Mariana, o maior desastre ambiental do Brasil, completa dois anos neste domingo	05/11/2017	Brasil	Agência Estado
06	Mauro Buarque: À espera do empoderamento ambiental dos municípios	08/11/2017	Política	Interna

11 Jornal On-line Diário de Pernambuco. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/>. Acesso em 08 maio 2020.



## REGIÕES NORTE E NORDESTE

<b>N.º</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PUBLICAÇÃO</b>	<b>SEÇÃO / EDITORIA</b>	<b>FONTE</b>
07	Raquel Dodge pede mais eficiência nas sanções contra crimes ambientais	11/12/2017	Política	Agência Estado
08	CPRH homenageia voluntários na luta pelo meio ambiente	12/12/2017	Vida Urbana	Interna
09	Prefeitura lança programação de férias em quatro parques e na Orla de Boa Viagem	11/01/2018	Vida Urbana	Interna
10	Ministério Público recomenda que Guaiamum Treloso Rural se adeque para acontecer	15/01/2018	Vida Urbana	Interna
11	Grupo ambiental vai restaurar 210 hectares de Mata Atlântica em parques da Bahia	22/01/2018	Brasil	Agência Brasil
12	Sanduíches são tão prejudiciais ao meio ambiente quanto carros	25/01/2018	Ciência e Saúde	Agence France Presse
13	Não descarte seu lixo em local inadequado	25/01/2018	Vida Urbana	Interna
14	Mais de 500 aves são apreendidas em fiscalização ambiental no Recife	29/01/2018	Vida Urbana	Interna
15	Construção clandestina e aterro são demolidos às margens da Lagoa do Artol, em Olinda	22/02/2018	Vida Urbana	Interna
16	Gusttavo Lima é indiciado pela polícia civil de Goiás por crime ambiental	22/02/2018	Viver	Interna
17	Ibama embarga parte de mineradora no Pará e multa empresa em R\$ 20 mil	28/02/2018	Brasil	Agência Estado
18	Gavião Carijó é encontrado no Paulista e entregue a CPRH	09/03/2018	Vida Urbana	Interna
19	Para Temer, seu governo fez muito pelo Meio Ambiente	12/03/2018	Política	Interna
20	Raquel Dodge discute proposta de instituto global para o meio ambiente	18/03/2018	Brasil	Agência Estado

N.º	TÍTULO	PUBLICAÇÃO	SEÇÃO / EDITORIA	FONTE
21	‘Estamos muito a dever’, diz Cármen Lúcia sobre justiça e meio ambiente	19/03/2018	Política	Agência Brasil
22	Brasil e mais 8 países criam Instituto Global do MP para o Meio Ambiente	20/03/2018	Brasil	Agência Estado
23	Levar água às torneiras segue como um desafio em Pernambuco	22/03/2018	Vida Urbana	Interna

Fonte: Pesquisador, 2018

Os resultados da pesquisa contemplam a realidade investigada e promovem o esclarecimento das narrativas jornalísticas sobre os problemas ambientais de Pernambuco, somando-se à aplicação dos princípios que norteiam o jornalismo científico e ambiental. Reforça-se que a estrutura socioeconômica e política na qual o “Jornal On-line Diário de Pernambuco” se alicerça influencia a produção do conteúdo jornalístico, bem como a aplicação de seus princípios e fundamentos.

## RESULTADOS DA PESQUISA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

O “Jornal On-line Diário de Pernambuco” possui estrutura de portal de notícias com diversidade de conteúdos, dentro da dinâmica que visa agilidade, credibilidade e audiência. Em uma perspectiva multidisciplinar, também há dilemas que envolvem profissionais do jornalismo em veículos comerciais na produção de notícias científicas e ambientais (BUENO, 2007).

Esse processo vai de encontro às premissas do aprofundamento da abordagem qualificada do jornalismo científico e ambiental, que necessita de mais tempo para o trato da informação e investigação junto às fontes. Sem contar que percebe-se a predominância das notícias factuais e objetivas, com pouco aprofundamento na informação científica e na multidisciplinaridade com enfoque para a leitura qualificada da realidade (TRIGUEIRO, 2003, p.78).

Os resultados da presente análise se apresentam limitados aos critérios de precisão, pluralidade e contextualização no esclarecimento das narrativas jornalísticas sobre os problemas ambientais de Pernambuco. O estudo das 23 reportagens que integram o corpus da pesquisa engloba a aplicação de princípios e fundamentos jornalísticos direcionados aos campos ambiental e científico. A natureza da pesquisa quali-quantitativa

permite uma observação crítica fundamentada em dados e literatura científica.

Vale destacar que, das 23 matérias analisadas, 13 são fruto de produção própria. No quadro, elas estão identificadas como Interna. Os outros 10 textos foram selecionados de outras fontes, a maioria da Agência Estado – que produz e distribui conteúdo nacional e internacional para veículos de todo o Brasil, por meio de assinatura.

### **Categoria Precisão**

Nesta categoria, avaliou-se a precisão e a veracidade das informações nas reportagens, apontando os princípios gerais do jornalismo de compromisso com a verdade, da disciplina de verificação e suas causas e efeitos sem o sensacionalismo.

Dentre as matérias escolhidas, 43,48% mantiveram enfoque principal em problemas ambientais; 13,04% em experiências bem-sucedidas de uso dos recursos ambientais e em mudanças na legislação ambiental; 21,74% em eventos e 8,70% em outros. O resultado indica que o portal buscou diversificar suas temáticas, ao selecionar o que seria publicado. Esse é um mecanismo usado pelos editores das redações, com o propósito de dar conta de cobrir os assuntos mais importantes de determinado momento ou dia.

**TABELA 1**

<b>CATEGORIA PRECISÃO 1</b>		<b>RESULTADOS (%)</b>
A que se refere a matéria?	Problemas ambientais	43,48
	Experiências bem-sucedidas de uso dos recursos ambientais	13,04
	Mudanças na legislação ambiental	13,04
	Eventos	21,74
	Outros	8,70

Fonte: Pesquisador, 2018.

Em se tratando do questionamento do uso de tempos e expressões verbais que expressem incerteza ou imprecisão. Foi apontado que em apenas 4,35% foram usadas essas palavras ou expressões. Em 95,65%, esse

recurso foi dispensado. Os índices demonstram que o texto jornalístico buscou palavras e expressões que pudessem imprimir a certeza do fato. Como o texto é resultado da apuração, os resultados mostram que houve compromisso com a busca pela verdade, para que se evitasse o sensacionalismo ou achismos. Isso evita refutações e perda de credibilidade.

**TABELA 2**

CATEGORIA PRECISÃO 2		RESULTADOS (%)
O texto das matérias possuem verbos no futuro do pretérito (seria, deveria, iria, etc.), expressões como supostamente e provavelmente ou verbos no gerúndio (investigando, apurando, etc.)?	Sim	4,35%
	Não	95,65%

Fonte: Pesquisador, 2018.

Na categoria Precisão, observou-se que a cobertura foi precisa em relação aos fatos noticiados e se houve ou não sensacionalismo. A maior parte das matérias apresentou os problemas ambientais como enfoque principal, mas o veículo procurou diversificar sua temática. Palavras e expressões que dão tom sensacionalista foram evitadas. No entanto, houve predominância de conteúdo factual.

Esse imediatismo prejudica conteúdos mais densos porque leva à carência de informações. Quase todas as matérias dispensaram o uso de verbos no futuro do pretérito ou gerúndios e expressões que denotam incerteza. Esse tipo de construção textual sustenta a apuração. O texto embasado e bem redigido deixa de abrir espaços para contra-argumentações depois da veiculação – situação que prejudica a credibilidade do veículo.

### **Categoria Pluralidade**

Nesta categoria, foi verificado se as abordagens dadas às matérias cumpriram com o papel de suscitar discussões, incentivando o pensamento crítico. No primeiro questionamento, que diz respeito à natureza das fontes, 78,26% são o poder público, 8,70% pesquisadores; 13,05% pessoas afetadas e 38,78% seriam outros. Visivelmente, há uma tendência pelo poder público como fonte.

**TABELA 3**

CATEGORIA PLURALIDADE 1		RESULTADOS (%)
Qual a natureza das fontes?	Poder Público	78,26
	Pesquisadores	8,70
	Pessoas afetadas	13,05
	Outros	38,78

Fonte: Pesquisador, 2018.

Também se questionou quantos pesquisadores da área ambiental e científica foram ouvidos pela reportagem. Em 91,30% das matérias, nenhum foi indagado. Em 4,35%, foram ouvidos 2 ou mais de 2. O resultado demonstra que não houve diversidade de fontes e, por conseguinte, não foi possível promover um fórum para debate.

**TABELA 4**

CATEGORIA PLURALIDADE 2		RESULTADOS (%)
Caso sejam pesquisadores, quantos pesquisadores da área ambiental e científica foram questionados para a produção da matéria?	1	0
	2	4,35
	Mais de 2	4,35
	Nenhum	91,30

Fonte: Pesquisador, 2018.

A terceira pergunta buscou saber quantas opiniões científicas foram apresentadas no texto. Em 95,65% das matérias analisadas, nenhuma foi apresentada e, em 4,35%, há a presença de mais de 2. Este é mais um resultado que demonstra a falta de diversidade de fontes, ocasionando a ausência de diferentes pontos de vista.

**TABELA 5**

CATEGORIA PLURALIDADE 3		RESULTADOS (%)
Quantas opiniões científicas são apresentadas?	1	0
	2	0
	Mais de 2	4,35
	Nenhuma	95,65

Fonte: Pesquisador, 2018.

A quarta e última pergunta traz as vozes que tiveram espaço na reportagem: 76,26 indicam poder público; 4,35, pesquisadores e 34,78, pessoas afetadas e outros. Pode-se observar claramente a predominância do poder público nas matérias e, dessa forma, não são cumpridos os princípios do jornalismo de promover fóruns, abrir espaços para debates e diversificar as fontes.

**TABELA 6**

CATEGORIA PLURALIDADE 4		RESULTADOS (%)
Quais vozes tiveram espaço na construção da reportagem?	Poder Público	78,26
	Pesquisadores	4,35
	Pessoas afetadas	34,78
	Outros	34,78

Fonte: Pesquisador, 2018

A análise geral da categoria Pluralidade demonstra predominante dependência do poder público. Na maioria dos casos, foram deixados de lado personagens importantes como pesquisadores e pessoas afetadas pelos problemas apresentados. Assim, não houve fóruns ou espaço para debates.

Além disso, o poder público passa a ser visto como único detentor do fato. Com isso, o jornalista, involuntariamente, abre mão de questionar dados, informações e declarações dessa fonte. Torna-se urgente reavaliar essa forma de abordagem do fato, a fim de trazer para a luz situações que nem sempre estão tão esclarecidas.

### **Categoria Contextualização**

Esta categoria procurou analisar se as matérias ofereceram conteúdo de qualidade direcionado ao interesse público. A primeira pergunta verifica se as matérias apresentam as causas históricas dos problemas ambientais. O resultado mostra que 39,13% apresentaram e que 60,87% não apresentaram. Significa inferir que o princípio de evitar a fragmentação da cobertura não foi cumprido. Isto é, o público fica sem o porquê daquele problema ter acontecido e suas consequências.

**TABELA 7**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 1		RESULTADOS (%)
A reportagem apresenta as causas históricas do problema ambiental?	Sim	39,13
	Não	60,87

Fonte: Pesquisador, 2018.

O segundo ponto procura saber se as matérias de cunho científico traduziram termos para entendimento do público. Na análise, verificou-se que evitou-se usar expressões científicas nos textos e que, portanto, não houve necessidade de tradução e/ou explicações. No entanto, é interessante – até como forma de fomentar a valorização da ciência – incluir, no texto jornalístico, algumas expressões desconhecidas e explicá-las para entendimento do público. Isso gera conhecimento.

**TABELA 8**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 2		RESULTADOS (%)
As matérias de cunho científico têm os termos traduzidos para o entendimento do público?	Sim	0
	Não	100

Fonte: Pesquisador, 2018.

O terceiro questionamento procura identificar se a matéria correlaciona o problema ambiental e questões econômicas, políticas ou culturais. O resultado indica que 73,91% correlacionam e que 26,09% não correlacionam. Isso demonstra certo grau de preocupação do jornalismo em aplicar conteúdos a temas do cotidiano e de interesse imediato do público.

**TABELA 9**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 3		RESULTADOS (%)
A matéria correlaciona o problema ambiental e as questões econômicas, políticas ou culturais?	Sim	73,91
	Não	26,09

Fonte: Pesquisador, 2018.

Embora a categoria Contextualização indique que os conteúdos foram expostos com qualidade e que abriram espaço para aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos correlacionados com o meio ambiente, houve fragmentação do conteúdo, em razão da falta de apresentação de causas do problema e da ausência de projeções de suas consequências.

Diante das apresentações dos resultados, pode-se afirmar que, no geral, as matérias analisadas seguiram critérios jornalísticos gerais, como a busca pela verdade e qualidade textual. Por outro lado, os conteúdos deixaram de lado outros aspectos também essenciais, como a consulta a diferentes fontes e o aprofundamento da contextualização dos problemas.

Com o exposto, este trabalho espera ter contribuído para reflexão e aperfeiçoamento da qualidade da cobertura jornalística de problemas ambientais no jornal on-line Diário de Pernambuco e de outros veículos que seguem a linha do jornalismo especializado.

Faz-se necessário correlacionar mais assuntos ambientais a outros temas do cotidiano, como política e economia. Também torna-se fundamental diversificar as fontes, apresentando opiniões divergentes e convergentes que sustentem a narrativa jornalística. A consulta a diferentes fontes envolvidas em determinado assunto a ser noticiado contribui para a solidez do texto jornalístico. Nesta era, em que os meios de produção de conteúdo caíram nas mãos de amadores, o jornalismo deve se valer ainda mais das ferramentas de apuração e contextualização do fato.

## **CONSIDERAÇÕES**

A análise da cobertura jornalística sobre meio ambiente e ciência realizada pelo jornal on-line Diário de Pernambuco contribuiu para as reflexões expostas. Ao retomar este estudo, destaca-se que a pesquisa considerou conteúdos publicados no período de setembro de 2017 a março de 2018. Buscou-se compreender a dinâmica atual para ser possível refletir na aplicação eficaz destes nos contextos amazônicos.

Todos os objetivos colocados foram alcançados. Primeiramente, foi definida a questão ambiental no Estado de Pernambuco. Em seguida, determinou-se os princípios norteadores do jornalismo e seus gêneros ambiental e científico. No terceiro ponto, foi desenvolvido um auxílio metodológico que permitisse a análise da referida cobertura. Também foram apresentados o objeto, corpus e método do estudo e de que forma as categorias de análise foram definidas. Além disso, foi elaborado e apresentado formulário usado no estudo das matérias coletadas.



Por meio da abordagem Qualiquantitativa e da sistematização da Análise de Conteúdo como método de procedimento, foi possível observar a estrutura das matérias jornalísticas ambientais e científicas com o intuito de identificar a aplicação dos fundamentos e premissas jornalísticas, bem como as adequações às características inerentes aos jornalismo especializado nas áreas.

O estudo e suas análises das matérias suscitaram discussões que valem não apenas para quem atua com jornalismo ambiental e científico, mas para todas as áreas do jornalismo. Afinal, no geral, foram discutidos e colocados à prova os princípios norteadores da profissão, entre os quais podem ser destacados: busca pela verdade dos fatos, apuração e implicações do conteúdo veiculado. Estudos desta natureza comprovam que jornalismo e a ciência caminham juntos, uma vez que não há jornalismo sem método.

O tempo, a apuração e a língua são aliados do jornalismo. Mas, é preciso saber usá-los, para não cair em armadilhas. Na corrida pela audiência, o tempo ganha novas dimensões na era digital. Mas, também suscita oportunidades para que assuntos mais elaborados entrem na agenda do jornalismo. Cabe ao jornalista ter a capacidade criativa de encontrar o inusitado e de gerar o agendamento priorizando o compromisso com a verdade e o interesse público.

Para atingir esse propósito, o jornalismo especializado deve contar com profissionais experientes, cujos raciocínios já estão treinados para apurar com velocidade e assertividade. A rotina jornalística, aliada a uma boa graduação em jornalismo, forja profissionais capazes de sempre questionar pontos de vista. Por meio dessa conscientização ainda no ambiente acadêmico, será possível criar a cultura e a aptidão para futuros profissionais dos jornalismo ambiental e científico.

A formação acadêmica, a leitura e o exercício diário da escrita também moldam bons redatores. E é disso que o público precisa: informação rápida, bem apurada e bem redigida. Para tanto, a língua é a ferramenta que materializa o produto notícia. A riqueza da língua, somada à linguagem jornalística, torna o conteúdo prazeroso ao público desde a construção textual aos modelos e formatos utilizados para expor os assuntos.

No caso do jornalismo ambiental e do científico, também deve haver aquela pitada de paixão, de envolvimento até emocional, por parte de quem está na equipe jornalística. O desafio desses profissionais está justamente em imprimir no material apurado relevância. Para o público, a relevância está no concreto, e não no abstrato. Daí, a necessidade de

correlacionar assuntos densos e pouco interessantes para a maior parte da população com temas emergentes do dia a dia. Essa luta por espaço, e até pela sobrevivência do jornalismo mais aprofundado, também precisa alcançar os investidores.

Por isso, é importante investir em equipes jornalísticas com boa formação, experiência e expertise. O capital intelectual ajuda o veículo a conquistar credibilidade junto aos governos, ao empresariado, aos cientistas, à comunidade intelectual no geral e à população. Jornalista seguro, que sabe perguntar, interpelar, e traduzir o que apurou não abre brechas para distorções – um grande mal deste início do século XXI.

Torna-se necessário destacar que as rotinas em redações jornalísticas são dinâmicas e repletas de contratempos próprios do fato, especialmente as redações ficadas em conteúdo on-line. As rotinas obrigam editores e repórteres a mudarem constantemente suas prioridades. No dia a dia, a prioridade é sempre o factual, o que aconteceu agora. Diante desse dilema, predomina o critério de noticiabilidade ‘Atualidade’, por vezes, em detrimento do critério ‘Relevância’ – campo a que mais se aplica o meio ambiente. É comum nas redações, por exemplo, derrubar uma entrevista programada com um cientista para dar crédito à cobertura de um acidente aéreo. O acidente é caso factual e, de fato, precisa de atenção imediata. Todavia, uma pesquisa pode trazer informações relevantes que mudem as perspectivas de uma sociedade.

Por detrás dessas escolhas feitas nas redações, neste momento do jornalismo, há sempre a já citada falta de profissionais. Assim, com as redações cada mais enxutas e sendo ocupadas cada vez mais por recém-graduados, o conteúdo mais aprofundado fica aquém do esperado. Além disso, o jornalista corre contra o tempo para fazer a cobertura do essencial. Essas dinâmicas devem permanecer por muito tempo. Talvez nunca mais mudem. Por isso, há necessidade de forjar jornalistas habilidosos e ágeis. Na outra ponta, é preciso rediscutir, principalmente no âmbito acadêmico, meios de redesenhar essas dinâmicas.

Enquanto a dinâmica corrida das redações de mantém, espera-se do jornalista que atua com jornalismo ambiental e científico on-line um perfil multimidiático, uma vez que o crescimento da internet fez amadores se apropriarem dessas ferramentas, a ponto de usurparem a profissão de jornalista. Com isso, o jornalista foi perdendo espaço para pessoas pouco preparadas ou, ainda, para pessoas com as quais divide a credibilidade baseada no fato, antes atribuída quase que exclusivamente ao jornalista.

Neste século, o jornalista tem se apegado ainda mais ao fato, que é a todo tempo questionado pelos novos formadores de opinião surgidos a

partir da democratização dos meios de produção de conteúdo. Para evitar outras interpretações, vale destacar que uma coisa é liberdade de expressão; outra, é jornalismo profissional – que se baseia em fatos. Reforça-se que, diante de todos os desafios apresentados neste, faz-se necessária uma atuação com fundamentos éticos, conhecimento multidisciplinar e compromisso social para a promoção de uma consciência coletiva ambiental e sustentável.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.
- FIGUEIREDO, Thiago Antônio de Sousa *et al.* Comunicação Comunitária. In: SEMINÁRIO ANUAL DE PESQUISA, 2., 2001, Tefé. **Anais**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2001. p. 35-38.
- IVANISSEVICH, Alícia. Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.
- HERSCOVITZ, Heloiza. **Análise de conteúdo em jornalismo** In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. Metodologia da pesquisa em jornalismo. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007. p. 123-142,
- MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MORETZSONH, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.
- TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

## **JORNALISMO DIGITAL E MEIO AMBIENTE: UM ESTUDO SOBRE A COBERTURA NO SITE DE NOTÍCIAS “JORNAL DO TOCANTINS”**

Ramayane Queiroz da Costa<sup>12</sup>

Cristiane de Lima Barbosa<sup>13</sup>

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues<sup>14</sup>

**A** Amazônia, uma palavra caleidoscópica, é há muitos anos o centro de discussões mundiais em vários aspectos. Esse espaço histórico, que já teve a produção sob os mais diversos tipos de sentidos, é hoje objeto de disputa para dar o real significado dessa região, como aponta Dutra (2009, p.16). Nesse contexto, a temática ambiental entrou de forma definitiva também para a pauta jornalística em diversas plataformas. Em tempos que ocorrem importantes mudanças políticas que envolvem desde disputas ruralistas, de territórios, de desrespeito as raízes indígenas sobre questões ambientais, dentre outros, a Amazônia vira ainda mais o centro das atenções e merece uma cobertura jornalística de alto nível, em especial nos portais online de notícias.

Desse modo, a informação científica sobre o meio ambiente precisa estar no início e no centro de todas as políticas públicas e de todos os empreendimentos privados, para que os impactos possam ser avaliados previamente, eliminados, minimizados e tenham seus custos atribuídos a quem os gera, e não a toda a sociedade. No entanto, é raro que a comunicação siga por esse caminho. Quase sempre, se trata de forma episódica

---

12 Jornalista. Pesquisadora Bolsista do Projeto de Pesquisa “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente na Amazônia”, aprovado no Edital 043/2013 do CNPq. E-mail: ramayanecosta@gmail.com

13 Doutora em Ciências da Informação. Jornalista e docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: crisbarbosa@ufam.edu.br

14 Jornalista. Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente e diretor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/Ufam). Líder do Grupo de Pesquisa Trokano. Coordenador Projeto de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Sudeste e Sul. E-mail: allans@ufam.edu.br

essas questões, quando elas assumem o formato das catástrofes, acidentes de grandes proporções, e com pouca frequência se discute as relações desses problemas em toda sua abrangência.

Embora admita que os meios de comunicação de massa não tenham procurado, ao longo dos anos, traduzir a associação do homem com o meio em que vive, Ziggiatti (2000) destaca que a comunicação é essencial para a conscientização pública de segmentos da sociedade sobre como agir para a promoção do desenvolvimento sustentável. O autor destaca o papel mobilizador dos meios de comunicação e da necessidade de qualificar a informação para que ela funcione como instrumento de pressão e defende a afirmação de um direito inalienável do homem, que é o de ter/receber informações de natureza plural e não fragmentada.

Para Figueiredo (2001), a mídia expressa por meio de veículos massivos (televisão, rádio, jornais, revista e Internet) pode ser considerada uma aliada poderosa junto à educação, pois tem importante papel a cumprir na sociedade, uma vez que com o advento das novas tecnologias, a sociedade moderna habituou-se a adquirir informações e conhecimentos por meio destes veículos. A interpretação de vários gêneros de matérias jornalísticas veiculadas pela mídia impressa e eletrônica proporciona ao público conhecer e transformar a qualidade de vida do cidadão na sociedade.

No caso do objeto desse estudo, o portal Jornal do Tocantins (JTo), faz parte do Grupo Jaime Câmara (GJC), e é produto do periódico impresso homônimo, que completou 41 anos, dia 18 de maio de 2020, iniciado com o título “Norte Goiano”. A circulação do periódico impresso era semanal e as reportagens produzidas em Goiânia (GO). Em quatro décadas, conforme informações veiculadas no portal, o JTo passou por diversas transformações tanto no aspecto da comunicação quanto na tecnologia.

Nos anos 2000, o veículo passou a contar com um site com notícias estaduais, nacionais e do mundo todo. Em 1º de janeiro de 2019, o JTo passou a ser veiculado exclusivamente em ambiente digital, com objetivo de oferecer uma experiência com o leitor/internauta. O veículo é marcado por diversos projetos voltados à reflexão da população sobre os problemas enfrentados pelos tocantinenses tais como: Agenda Tocantins, Palmas Minha Cidade, voltados à gestão pública; há ainda o Fórum das Águas, que em 13 edições tratou de assuntos sobre meio ambiente e soluções para a preservação (LAURIS, 2020).

Dada a importância do referido veículo na difusão dos acontecimentos nesse estado amazônico, a pesquisa em tela objetiva verificar como ocorre a qualidade da cobertura jornalística sobre meio ambiente realizada pelo portal de notícias JTo. Para tanto, será necessário atingir os seguintes

objetivos específicos: a) caracterizar a questão ambiental e conceitos do jornalismo ambiental e jornalismo digital/on-line; b) construir um aporte metodológico para a análise da referida cobertura; c) apresentar os resultados da análise problematizando-a a luz dos princípios norteadores do jornalismo ambiental.

Para realizar esta análise das reportagens envolvendo o conhecimento científico sobre a questão ambiental na Amazônia, foi utilizada a Análise de Conteúdo. Este método apresenta-se como um dos métodos mais eficientes para rastrear por sua excelente capacidade de fazer interferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado (SANTOS, 1997). Nesse contexto, a pesquisa abordará análises de matérias publicadas no portal referido, durante o período de um ano. Foram analisados materiais que tratam sobre o conhecimento científico produzido na Amazônia com o propósito de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação.

Este artigo traz parte dos resultados do projeto de pesquisa “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente na Amazônia”, aprovado no Edital 043/2013 do CNPq, sob coordenação do pesquisador Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues, orientador desta proposta de PIBIC. O estudo exploratório e descritivo tem relevância por indicar os caminhos que o jornalismo online praticado na região norte do Brasil está trilhando para divulgar temas relacionados às questões ambientais. Desse modo, espera-se obter uma visão científica de como ocorre a cobertura jornalística sobre assuntos ambientais e se há a pluralidade nas fontes e a contextualização adequadas no objeto estudado.

## **REFERENCIAL TEÓRICO: JORNALISMO AMBIENTAL E JORNALISMO DIGITAL/ON-LINE**

Para alguns pesquisadores da área, o jornalismo ambiental pode ser visto como um dos ramos do Jornalismo Científico, pois trata de uma área da ciência específica: o meio ambiente. Girardi et al (2009) destaca que a popularização da ciência, considerada o principal aspecto do Jornalismo Científico, também é aplicada ao Ambiental. Na visão da autora, grande parte dos vocábulos pertencentes ao âmbito da área ambiental não são tão de amplo conhecimento da sociedade, cabendo ao jornalista a missão de usar analogias e decifrar nomes técnicos de modo a tornar possível a compreensão dos acontecimentos. (Girardi et al, 2009, p.95).

Gelós (2008) frisa que o jornalismo ambiental é considerado a mais ampla e completa das especializações jornalísticas, em função de destinar igual ênfase às questões científicas, políticas, sociais, econômicas, culturais, ambientais e éticas. Entretanto, a multidisciplinaridade inserida no campo jornalístico dificulta a classificação dos fatos entre editoriais fixas, impossibilitando seu enquadramento em um local pré-determinado dentro de um jornal.

Mesmo com a constatação de meio ambiente seja pauta, em geral ocupa espaços periféricos com uma abordagem baseada nos critérios da “Síndrome da Baleia Encalhada”, apontada por Bueno (2007a). Essa síndrome consiste na cobertura de tragédias da degradação ambiental, sem investigar o fenômeno que a originou.

Essa prática muito comum na mídia tem a ver com a espetacularização da tragédia ambiental, com a procura do inusitado e do esotérico e o recurso ao sensacionalismo. Assim o jornalismo ambiental, conforme aponta Bueno (2007a, p.38) se ressentido de uma abordagem sem críticas por parte de veículos e jornalistas. Nessa síndrome, há a valorização de questões ambientais a partir de fatos isolados, de acidentes ambientais espetaculares, que envolvem desde fenômenos naturais a desastres extremos promovidos pelo homem. Desse modo, o debate e a conscientização ambiental dependem de uma cobertura mais investigativa que busque enxergar além das imagens.

Assim, um dos requisitos necessários ao jornalismo ambiental para que possa cumprir sua função social é enxergar os problemas ambientais de maneira sistêmica. Para ocorrer esta mediação não basta apenas uma ou duas ligações telefônicas. É preciso “mergulhar no assunto. Entrar na espiral de relações que a natureza oferece. Na teia de significações. Na história humana. No povo ribeirinho. Nos grandes empresários” (GERAQUE, 2004, p.80).

Essa premissa exige do jornalista ambiental, ao definir suas pautas, buscar ter uma visão abrangente do tema. Caso contrário, ele fecha o seu foco, restringe as fontes e fica mercê de informações ou dados que servem a interesses as vezes contrários ao do público. Para Bueno (2007, p. 41):

A pauta ambiental deve enxergar as questões sobre as quais ela se debruça a partir de uma lente grande angular e não, de uma teleobjetiva. Não é razoável afunilar demais o foco (ver a árvore sem ter em mente a floresta) porque a problemática ambiental é abrangente. A pauta deve encaminhar o debate da questão ambiental para soluções não mágicas, portanto não fantasiosas, já que, na verdade, os problemas quase sempre, são amplos, complexos, mas muito concretos e de solução a médio e longo prazos.

Assim, fica translúcido que evitar a fragmentação se constitui num desafio epistemológico estabelecido pela cobertura da questão ambiental. Existe um conflito entre o saber ambiental (que pressupõe a totalização do saber) e o sistema de produção jornalística, marcado pela forma fragmentada de comunicar. Por isso, o autor Bueno (2007) chama a atenção para o fato de que o jornalismo ambiental está em fase de construção de um conceito para além dos limites do jornalismo científico tradicional, do econômico e do cultural. De acordo com este autor,

Jornalismo Ambiental, que é jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa, ele está definido tanto pelas matérias/colunas/editoriais/cadernos/ sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (BUENO, 2007, p. 31).

A função social deste jornalismo ambiental é estar política, social e culturalmente engajado com a causa do desenvolvimento sustentável e com a melhoria da qualidade de vida das pessoas. “Só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses” (BUENO, 2007, p.29).

Para esse estudo é crucial também entender os aspectos e conceitos que envolvem o jornalismo on-line ou digital, tal como a comunicação digital, haja vista que foi nesse ecossistema que foi aplicada a investigação. Figueiredo (2001) aponta que a mídia expressa por meio de veículos massivos (televisão, rádio, jornais, revista e Internet) pode ser considerada uma aliada poderosa junto à educação, pois tem importante papel a cumprir na sociedade, uma vez que com o advento das novas tecnologias, a sociedade moderna habituou-se a adquirir informações e conhecimentos por meio destes veículos. A interpretação de vários gêneros de matérias jornalísticas veiculadas pela mídia impressa e eletrônica proporciona ao público conhecer e transformar a qualidade de vida do cidadão na sociedade.

Para Santaella (2005), o advento da internet proporcionou a era da comunicação digital. A autora destaca que embora as eras sejam sequenciais, o surgimento de uma nova era nos leva a anterior e anteriores ao desaparecimento. Nessa era, o jornalismo ganhou mais espaço para imprimir a interatividade e inter-relação entre as pessoas. Assim, o surgimento dessa interconexão permite uma enorme expansão das tecnologias digitais nos últimos anos.



Para Prado et al (2005,p.26), o impacto que as novas possibilidades interativas, em que todos podem se comunicar com todos, como na internet, trazem para as sociedades informatizadas, nas quais o surgimento de novos códigos éticos acompanha novas relações entre humanos e máquinas. E passa a regular tanto a produção quanto a circulação veloz da informação entre diversos grupos e atores sociais.

Nesse sentido, na contemporaneidade já não é possível pensar em informação sem as ferramentas digitais que a moldam, revestida de sua velocidade e multimidialidade. Assim, um dos grandes desafios da imprensa no século 21 é alinhar as práticas jornalísticas ao ritmo acelerado que demandam as novas tecnologias. Historicamente, até o final de 2000, os grandes sites de conteúdo brasileiros estavam focados mais na quantidade do que com a qualidade de conteúdo oferecido. Ferrari (2003) explica que a partir de 2000, as empresas jornalísticas e as baseadas em parcerias com as empresas internacionais de telefonia estrategicamente optaram por deixar de ter uma presença passiva na internet – com a simples reprodução do conteúdo impresso – para tornar-se um portal (FERRARI, 2004, p. 79). Como ocorreu no caso do Jornal do Tocantins, que deixou de circular no meio impresso para atuar totalmente na internet.

Sobre a definição, Machado (2000) prefere a denominação jornalismo digital à jornalismo on-line. Para o autor, o conceito de digital remete à particularidade deste novo suporte e o termo online, mais restrito do que digital, refere-se a apenas uma característica do meio e não contemplaria todas as especificidades da nova realidade, por isso seria melhor utilizar o termo jornalismo digital.

Algumas das características do jornalismo on-line, digital ou mesmo o webjornalismo são apresentadas por Palacios et al (2002): interatividade, hipertextualidade, multimidialidade, convergência, memória e atualização contínua. Verificou-se que tais elementos não são utilizados de maneira uniforme entre publicações distintas e tampouco as diferentes características são utilizadas de forma equilibrada dentro da mesma publicação.

Apesar de o jornalismo ambiental compartilhar diversos elementos oriundos do jornalismo científico, a cobertura dos fatos relacionados à questão ambiental necessita de outras abordagens além da científica por envolver o debate de problemas com implicações científicas, sociais, econômicas e políticas (OLIVEIRA, 1990). Em razão disso, este artigo aborda as peculiaridades do jornalismo ambiental aplicados no ambiente on-line, no caso da análise no JoT, problematizando as aplicações dos princípios jornalísticos.

## METODOLOGIA

O estudo articulou métodos qualitativos de observação direta, com a descrição e avaliação qualitativa das notícias do portal JoT e quantitativos – Análise de Conteúdo das publicações, incluindo mensagens verbais e visuais. Herscovitz (2007) indica que a Análise de Conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos e explanatórios, conforme o autor reforça (idem, p. 127):

Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinado.

A partir da análise de conteúdo pelo fato de ser utilizada para detectar tendências e modelos de análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. O método permite também descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, discrepâncias e para comparar conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. Conforme Santos (1997, p.125),

A análise de conteúdo é um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informação manifesta cujas palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas, previamente definidas com objetivo de fazer inferências lógicas sobre mensagens, consagrou-se na segunda metade do século XX com trabalhos seminais de Klaus Krippendorff e de Robert Weber.

Amparada nos pressupostos descritos acima, procedeu-se à análise do conteúdo jornalístico publicado no portal on-line **Jornal do Tocantins** (Palmas/TO – <http://www.jornaldotocantins.com.br/>). A escolha destes periódicos diários deu-se pelo fato de terem a maior audiência em seus Estados. O método consistiu no recolhimento e análise de textos jornalísticos publicados de março de 2014 a março de 2015 com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias de análise.

Os critérios que adotados na seleção dos textos estão centrados no fato de esses tratarem de temas como: meio ambiente, desenvolvimento sustentável, eventos ambientais extremos e pesquisas científicas relacionadas a questão ambiental; terem sido publicados de março de 2014 a março de 2015; e pertencerem ao gênero informativo do jornalismo em

seus formatos notícia e reportagem descritos por Melo (2010). Ao todo foram recolhidas 157 reportagens publicadas nos jornais pesquisados que atenderam aos critérios da pesquisa.

As premissas para a categorização da análise de conteúdo das reportagens tiveram como base os princípios gerais do jornalismo (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003) e dos seus subgênero ambiental (BUENO, 1984). Foram definidas cinco categorias: Precisão, Independência, Pluralidade, Contextualização e Sensibilização. Entretanto, para fins de melhor apresentação dos resultados, este artigo apresenta a análise e resultados das categorias: Pluralidade e Contextualização.

Durante o período de realização desta pesquisa, de março de 2014 a março de 2015, foram recolhidas 157 matérias ao todo, destas 147 pertenciam ao gênero jornalismo ambiental, enquanto as matérias restantes pertenciam a o gênero científico.

## **ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A partir da análise de conteúdo das reportagens selecionadas, no período pré-definido, foi possível traçar um quadro sobre a cobertura frente aos princípios do jornalismo e dos seus subgêneros científico e ambiental, bem como identificar os atores sociais envolvidos na produção das notícias (jornalistas).

Os resultados da pesquisa obtidos a partir da análise de conteúdo das reportagens foram analisados tendo como base o grau de esclarecimento das narrativas jornalísticas sobre ciência e meio ambiente na Amazônia e a observância dos princípios norteadores do jornalismo científico e ambiental, agrupados nas categorias de Pluralidade e Contextualização. Com base nos dados obtidos poderemos fazer inferências sobre a qualidade da informação científica e ambiental da cobertura no portal analisado.

## **ANÁLISE DAS REPORTAGENS AMBIENTAIS**

### **Categoria Pluralidade**

A categoria Pluralidade trata das diversas vozes ouvidas durante a produção das matérias e qual a sua relação com a questão ambiental ou científica abordada. Em relação às reportagens ambientais, a 1ª questão verificou quais vozes tiveram espaço na matéria. A opção “Poder Público” representou 73,27% das matérias analisadas, a presença de “Outras fontes” foi percebida em 28,57%; seguida pelos “Pesquisadores”, com 18,37%; e

por fim, por “Pessoas afetadas pelos problemas ambientais”, com 12,93%. Observou-se, assim, o desequilíbrio na utilização de fontes nas matérias ambientais contraria os princípios jornalísticos. Franciscato (2002) lembra que a prática jornalística compreende conceitos como neutralidade, objetividade e imparcialidade e que mantém compromisso com a pluralidade resultante da combinação de diferentes forças e vozes. Traquina (2005), por sua vez, reforça que o jornalismo possui as liberdades positiva, quando funciona como ferramenta de ligação entre poder e público, e negativa, quando alerta e protege a sociedade de abusos dos poderosos.

**TABELA 1: CATEGORIA PLURALIDADE NAS REPORTAGENS AMBIENTAIS**

CATEGORIA PLURALIDADE 1 – AMBIENTAL		RESULTADOS (%)
Que vozes tiveram espaço na reportagem?	Poder Público	73,47
	Pesquisadores	18,37
	Pessoas afetadas pelos problemas ambientais	12,93
	Outros	28,57

Fonte: Pesquisador/2015.

Esses números revelam a massiva presença de fontes mantidas pelo Poder Público. Isso pode ser indicativo de duas situações possíveis: a falta de interesse por parte do jornal ou do jornalista de procurar outras fontes possíveis ou um interesse pertinente por parte do Poder Público de se manter uma constante voz ativa em matérias relacionadas ao meio ambiente. No jornalismo, é importante ouvir o que o poder público tem a dizer a respeito da questão ambiental, mas quando essa fonte está em praticamente todas as matérias do gênero, há de se suspeitar ou ser cauteloso. Esse dado pode implicar na qualidade da informação, deslegitimando o jornalismo, como apontam Miller e Riechert (apud ALLAN; ADAM; CARTER, 2000, p. 93):

As diferenças nas relações entre jornalistas com diferentes tipos de fontes oferecem ao menos uma explicação parcial para a frequente deslegitimação jornalística dos defensores ambientais. O conflito de interesses é a principal força orientadora da notícia.

Chama-se a atenção nesse ponto também para o que Bueno (2007a) chama de *lattelização das fontes*, ou seja, a preferência por aquelas fontes que estão incluídas no âmbito acadêmico, governamental e empresarial, em detrimento das manifestações da comunidade e do Terceiro Setor.

Outra conclusão de que 18,37% das vozes são de pesquisadores pode ser explicada pela escassez de fontes especializadas no assunto ou mesmo pela falta de interesse do jornalista ou do jornal em investigar e aprofundar a discussão do assunto tratado. Já no segundo e terceiro subtópicos foi verificado se pesquisadores da área ambiental foram ouvidos nas matérias, o que não ocorreu em 80,27% dos casos, conforme tabela abaixo:

**TABELA 2: CATEGORIA PLURALIDADE – PRESENÇA DE PESQUISADORES NAS REPORTAGENS AMBIENTAIS**

CATEGORIA PLURALIDADE 2 – AMBIENTAL		RESULTADOS (%)
Pesquisadores da área ambiental foram ouvidos na reportagem?	Sim	19,73
	Não	80,27

Fonte: Pesquisador/2015.

Foi ainda verificada na análise se as reportagens abordavam as causas e consequências dos problemas ambientais. foram ouvidos um, mais de um, mais de dois ou nenhum especialista da área, dados que correspondem a 14,97%, 0,68%, 1,36% e 80,27% respectivamente.

**TABELA 3: CATEGORIA PLURALIDADE – PRESENÇA DE PESQUISADORES NAS REPORTAGENS AMBIENTAIS**

CATEGORIA PLURALIDADE 3 – AMBIENTAL		RESULTADOS (%)
Nos casos onde a reportagem aborda as causas e consequências dos problemas ambientais, quantas opiniões científicas são apresentadas?	1	14,97
	2	0,68
	Mais de 2	1,36
	Nenhum	80,27

Fonte: Pesquisador/2015.

Da apuração desses dados percebe-se deficiência de multiplicidade de fontes consultadas que possam apresentar opiniões relevantes para a discussão do assunto abordado, uma vez que se observa novamente a presença intensa de fontes mantidas pelo Poder Público ainda que acompanhadas por outras vozes, no entanto, ao tratar de questões ambientais

é importante que se possa mostrar a opinião de especialistas ou pesquisadores da área, fato que raramente ocorre devido a porcentagem vista nos resultados acima, outro ponto que se deve ressaltar é que em apenas 12,93% dos casos as pessoas afetadas pelos problemas ambientais tem espaço na reportagem, ou seja, percebe-se aqui a necessidade de se abrir mais espaço de fala para aqueles que comumente não tem espaço na mídia, o jornalismo ambiental é uma ferramenta importantíssima na criação de espaço de debate entre pessoas com diferentes pontos de vista e, portanto não dever preterir ou ignorar a ninguém.

Segundo Kovach e Rosenstiel (2003), convém evitar abordar os lados extremos de um assunto, pois exclui a maioria dos cidadãos e dificilmente são conciliatórios. Quando este princípio não é observado o espaço para o fórum de discussões passa a ser ocupado pelo espetáculo e até mesmo pela ficção.

### **Categoria Contextualização**

Na categoria contextualização foi analisado se as matérias pesquisadas se preocupam em posicionar o leitor quanto às causas e consequências das questões ambientais discutidas e quais as suas implicações culturais, econômicas, ambientais e políticas. No primeiro formulário de análise, que faz a análise voltada apenas para as matérias referentes ao jornalismo ambiental, foram quatro pontos questionados.

O primeiro indaga se a reportagem resgatou ou não as raízes históricas dos problemas/questões ambientais tratados, o que não se verificou em 91,16% das matérias. Desses resultados observa-se que quase não há preocupação alguma em contextualizar as questões ambientais, mais de 90% das matérias não trazem nenhum tipo de informação norteadora que venha ajudar a entender melhor o surgimento do problema ou desenvolvimento da situação ambiental abordada. Para Bueno (2007) essa fragmentação da cobertura é decorrente muitas vezes do sistema de produção jornalística, que acaba fragilizando a cobertura das questões ambientais.

O grande número de informações e fatos que chegam a todo minuto e que muitas vezes precisam ser avaliados e publicados em tempo recorde, não dá ao jornalista o devido tempo para apurar os detalhes, Scharf (2004) afirma a alta rotatividade de profissionais dentro das redações também pode ser um dos fatores responsáveis pela fragmentação das notícias, pois os jornalistas não têm estabilidade suficiente para procurar se aperfeiçoar em sua atividade.

**TABELA 4: CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO – RESGATE DE RAÍZES HISTÓRICAS**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 1 – AMBIENTAL		RESULTADOS (%)
A reportagem resgatou as raízes históricas dos problemas/questões ambientais tratados?	Sim	8,84
	Não	91,16

Fonte: Pesquisador/2015.

O segundo subtópico do formulário de análise, questiona se as matérias trouxeram ou não a opinião de especialistas quanto ao tema abordado, o que ocorreu em 24,49% dos casos. Mais uma vez percebe-se a falta de interesse das matérias em trazer especialistas na área ambiental que podem trazer novos conceitos e pontos de vista a respeito da questão ambiental abordada.

**TABELA 5: CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO – OPINIÃO DE ESPECIALISTAS**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 2 – AMBIENTAL		RESULTADOS (%)
A matéria trouxe a opinião de especialistas quanto ao tema abordado?	Sim	24,49
	Não	75,51

Fonte: Pesquisador/2015.

A terceira pergunta refere-se à correlação entre a questão ambiental local tratada com a questão ambiental global, o que se verificou em apenas 2,04% dos casos. Nesse tópico fica mais do que perceptível que a forma como o jornal vem abordando a questão ambiental não região não procura inserir a situação no panorama global relacionando-os a possíveis consequências de fenômenos, como, por exemplo, o aquecimento global. É importante que o jornalista use notícias de interesse da região como gancho para trazer ao público o máximo de informações possíveis para a compreensão do assunto.

**TABELA 6: CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO – CORRELAÇÃO COM A QUESTÃO GLOBAL**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 3 – AMBIENTAL		RESULTADOS (%)
A matéria correlacionou a questão ambiental local tratada com a questão ambiental global?	Sim	2,04
	Não	97,96

Fonte: Pesquisador/2015.

Ainda sobre o quadro a última questão da categoria contextualização de matérias ambientais indaga se a matéria correlacionou ou não o problema/questão ambiental a questões econômicas, políticas ou culturais, o que ocorreu em 51,02% dos casos.

**TABELA 7: CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO – CORRELAÇÃO COM A QUESTÃO GLOBAL**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 4 – AMBIENTAL		RESULTADOS (%)
A matéria correlacionou o problema/ questão ambiental a questões econômicas, políticas ou culturais?	Sim	51,02
	Não	48,98

Fonte: Pesquisador/2015.

Com esses resultados foi possível observar se a matéria despertou o interesse do leitor sem, no entanto, delegar-se a ser somente uma manchete, informando e trazendo fatos que possam ajudar na compreensão do que se está sendo discutido.

Para Scharff (2004, p. 51) as matérias de cunho ambiental tendem a ser tratadas como algo superficial ou como espetáculo pela mídia, o que acaba por tirar a atenção do seu real valor político, econômico e social. Usualmente matérias de cunho ambiental ou científico quando não tratadas com superficialidade tendem a explorar apenas o perfil econômico da situação, onde são contextualizadas segundo o impacto financeiro que podem causar, sem procurar mostrar os impactos em outros setores como o político ou cultural. Bueno (2007), por sua vez, alerta para o fato de que os aspectos econômicos e científicos relacionados à questão ambiental não podem ser privilegiados em detrimento de outras vertentes como a social, cultural e política, pois isso acaba por alimentar também a ideia de que esses assuntos só são importantes se relacionados com questões financeiras.

## CONCLUSÃO

Com a análise das reportagens coletadas no portal online Jornal de Tocantins verificou-se que a cobertura realizada apresenta uma forte presença de entidades oficiais nas vozes reproduzidas nas matérias. Isso de certa forma compromete o nível de qualidade esperado em informações relacionadas a questões ambientais. Isso foi percebido ao investigar a categoria Pluralidade, o que demonstra uma deficiência num dos aspectos principais do jornalismo ambiental, o de abrir espaço para debate.



Entretanto, essa constatação não quer dizer que outras vozes não tiveram espaço nas reportagens, mas o espaço designado a elas em comparação ao das fontes oficiais é menor. Sem a presença da diversidade das fontes a matéria passa ser voltada para apenas um lado da questão, deixando de fora outros agentes que possam vir a trazer opiniões e novos pontos de vista.

É a variedade de posicionamentos que garante a pluralidade tão almejada pelo jornalismo contemporâneo. É como aponta Girardi et al (2010, p.4), o jornalismo ambiental se baseia na “pluralidade de vozes e em teorias que compreendam a visão sistêmica”, isso para ultrapassar a fragmentação constante na produção jornalística, contribuindo com o desenvolvimento sustentável.

Quanto às constatações sobre a categoria contextualização, os dados apurados demonstraram que na grande maioria dos casos, não houve a intuição do jornal/jornalista de apresentar as raízes históricas dos problemas ambientais ou de trazer pequenas introduções que ajudassem a direcionar o leitor quanto à origem desses problemas. Também não ocorreu a preocupação em relacionar os problemas ambientais da região amazônica com a questão ambiental global, as matérias delimitavam-se a reportar os problemas sem, no entanto, dar bases para que o leitor o compreendesse completamente em escala regional e global. Quanto ao fato de se mostrar ou não a causa ambiental e seus aspectos político, econômicos e culturais, neste item um pouco mais da metade das matérias apontam para o sim, ou seja, estes aspectos são abordados, ainda que por vezes de forma superficial.

Após as constatações, é importante reforçar que apenas um jornalismo com compromisso com a questão ambiental é capaz de compreender a importância de se preservar os recursos naturais de forma sistêmica, envolvendo também as populações. Assim, é como aponta Baumont et al (2008) o jornalismo ambiental precisa ter como foco a mudança coletiva de comportamento, dar voz aos atores sociais e questionar o poder público sobre sua contribuição para a constituição de uma sociedade sustentável. Na pesquisa percebeu-se que falta ao veículo uma melhor utilização das novas ferramentas inerentes ao jornalismo online que tem muito a oferecer com o caráter multidisciplinar da área ambiental. A partir da análise desses resultados espera-se contribuir para aperfeiçoamento do acesso a informação científica e ambiental por parte da população, auxiliando no processo de tomada de decisões esclarecidas sobre a temática.

## REFERÊNCIAS

- BAUMONT, Carine; GIRARDI, Ilza; PEDROSO, Rosa Nívea. Jornalismo e cidadania ecológica: análise da temática do aquecimento global no Caderno Ambiente de Zero Hora. In: GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges. (Org). **Jornalismo Ambiental: Desafios e reflexões**. Porto Alegre, Dom Quixote, 2008. P. 189-209.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.
- BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora UFPR, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007a.
- DUTRA, Manuel Sena. **A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.
- GELÓS, Hernán Sorhuet. Periodismo ambiental: eje comunicacional des siglo XXI. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (org.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.
- GIRARDI, Ilza. M.T.; LOOSE, Eloisa; NEULS, Gisele. Jornalismo ambiental e científico na construção da cidadania. In: VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone (Org.) **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, Editora, 2009. p.94-112.
- GIRARDI, Ilza et al. Jornalismo ambiental: caminhos e descaminhos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 8, 2010, São Luiz do Maranhão. **Anais...** . São Luiz do Maranhão: SBPJor, 2010, p.1-15. CD-ROM.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 2a edição. São Paulo: Contexto, 2004.
- FIGUEIREDO, Thiago Antônio de Sousa *et al.* Comunicação Comunitária. In: **Anais do Seminário Anual de Pesquisa**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2001. p. 35-38.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. **Anais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_713.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_713.pdf). Acesso em 19 de maio 2020.
- GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2.<sup>a</sup> edição. Coleção Fazer Jornalismo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. p.123-142.

LAURIS, Patricia. *Jornal do Tocantins: 41 anos fazendo parte e contando a história do Tocantins*. **Jornal do Tocantins**. Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/jornal-do-tocantins-41-anos-fazendo-parte-e-contando-a-hist%C3%B3ria-do-tocantins-1.2054168>. Acesso em 19 maio 2020.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.

PALACIOS, Marcos. *Jornalismo online, informação e memória: Apontamentos para debate*, in: [http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha\\_palacios.doc](http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha_palacios.doc). Acesso em 15.07.2002.

PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz; NARITA, Sandra. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português**. Intercom, 2002.

PRADO, Ana Lucia. *Uma notícia a cada 90 segundos: estudo de caso de um jornal online*. In: **Revista Pauta Geral: revista de jornalismo**. Ano 9, n.4, 2002. p.89-107.

MACHADO, Elias. *La estructura de la noticia en las redes digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo*. (Tese de Doutorado). Universidade Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2000.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MILLER, M. Mark; RIECHERT, Bonnie Parnell. *Interest group strategies and journalistic norms: News media framing of environmental issues*. Apud ALLAN, Stuart; ADAM, Barbara; CARTER, Cynthia. **Environmental risks and the media**. London: Routledge, 2000.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.  
SCHARF, Regina. *Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo?* In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. 1.

## JORNALISMO E MEIO AMBIENTE NO “DIÁRIO DO NORDESTE”: UMA ANÁLISE SOBRE O CUMPRIMENTO DOS CRITÉRIOS DE QUALIDADE

Natália Serrão da Silva<sup>15</sup>

Marcelo Rodrigo da Silva<sup>16</sup>

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues<sup>17</sup>

**A**pesquisa teve como objetivo analisar a qualidade da cobertura de matérias jornalísticas a respeito de problemas ambientais publicadas periodicamente no jornal online Diário do Nordeste ([www.diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://www.diariodonordeste.verdesmares.com.br)), sediado em Fortaleza (CE) e vinculado ao Sistema Verde Mares, um dos grupos de comunicação mais influentes da região Nordeste do Brasil. A proposta de examinar a qualidade das informações nas reportagens disseminadas nesse veículo de comunicação reflete o fato de que para o exercício pleno da cidadania, que inclui a capacidade de opinar sobre os aspectos econômicos e sociais a sua volta, é necessário que os cidadãos tenham acesso a conteúdos qualificados e, assim, tenham condições de questionar decisões e ações políticas (OLIVEIRA, 2002).

A relevância social desta pesquisa se constata à medida que grande parte dos países atualmente se ancora nos modos de produção capitalista, ou seja, os processos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços em larga escala conduzem os recursos naturais a uma possível escassez

---

15 Jornalista. Pesquisadora Bolsista do Projeto de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Norte e Nordeste. E-mail: [natyz38@gmail.com](mailto:natyz38@gmail.com)

16 Jornalista. Doutor em Estudos da Mídia. Docente do curso de Jornalismo ICSEZ/UFAM, em Parintins. Membro do Grupo de Pesquisa Trokano (UFAM), do Grupo Pragma (UFRN) e da Rede AMLAT. E-mail: [prof.marcelorodrigo@gmail.com](mailto:prof.marcelorodrigo@gmail.com)

17 Jornalista. Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente e diretor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/UFAM). Líder do Grupo de Pesquisa Trokano. Coordenador Projeto de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Sudeste e Sul. E-mail: [allans@ufam.edu.br](mailto:allans@ufam.edu.br)

e coloca em risco a sobrevivência da humanidade. Conseqüentemente, essa exploração desenfreada acarreta as mudanças climáticas globais, refletidas em tragédias ambientais como furacões, grandes estiagens, enchentes, aumento da temperatura, desertificação, extinção da fauna e flora e outros problemas igualmente preocupantes.

Entre os motivos que determinam o fracasso de governos ao buscar acordos acerca de um modelo de desenvolvimento econômico e social apto a conciliar o uso dos recursos naturais de maneira sustentável aliada ao progresso está a falta de apoio da opinião pública nacional, estadual e municipal, tendo em vista seu potencial para provocar mudanças nos métodos produtivos e nas relações de consumo. Assim, é possível relacionar a qualidade das informações científicas sobre a questão ambiental com a participação ativa cidadã nas decisões fundamentais concernentes ao aquecimento global e suas implicações, juntamente com a presença de órgãos governamentais.

Visto que a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações que necessitam para se autogovernar e serem livres (KOVACH E ROSENSTIEL, 2004, p. 31) e cujo princípio histórico-justificador é o ideal iluminista de esclarecer os cidadãos (MORETZSOHN, 2007), é fundamental que a sociedade seja participante nas discussões sobre as medidas necessárias para designar um melhor modelo de desenvolvimento para o país.

A combinação entre a ciência, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, e o jornalismo, que utiliza essas informações para a interpretação da realidade (OLIVEIRA, 2002) oferece à sociedade um discurso qualificado para o conhecimento sobre os efeitos da degradação ambiental, o que atribui ao jornalismo um papel esclarecedor, pedagógico e informacional (SOUSA, 2000).

Para realizar o estudo qualitativo das matérias envolvendo o conhecimento científico a respeito dos problemas ambientais no jornal online Diário do Nordeste, empregamos o modelo da análise de conteúdo, que para Bardin (2009) caracteriza-se como um conjunto de técnicas de análise que possui objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Serviram de corpus deste estudo 63 matérias publicadas durante o período de sete meses, de setembro de 2017 a março de 2018, com o propósito de fazer inferências sobre os conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas.

Buscou-se examinar a qualidade das matérias publicadas a respeito dos problemas ambientais, bem como verificar se foi possível identificar alguma falha durante o processo de construção e distribuição das

informações das matérias, sugerindo pontos de melhoria para que haja um conteúdo científico e ambiental com linguagem jornalística qualificada disponível para os leitores do jornal online.

A lógica capitalista focada no alcance de lucros imediatos e na redução dos custos torna-se incompatível com a finitude dos recursos naturais disponíveis e o tempo necessário para a recuperação da natureza. Leff (2008) alega que a poluição do meio ambiente e o uso descontrolado dos recursos são motivos suficientes para pôr em risco a sobrevivência humana no planeta.

Levando em consideração a urgência de conscientização, esta pesquisa consistiu em saber se a imprensa brasileira dá conta, em um cotidiano tão acostumado à percepção do imediatamente visível (MEDITSCH, 2005), de auxiliar os cidadãos a entenderem as causas e consequências dos problemas ambientais, e, por conseguinte, serem capazes de providenciar soluções para os assuntos de fundo do problema – desenvolvimento sustentável, mudanças climáticas, políticas públicas, etc. Para isso, a base das análises da cobertura jornalística sobre problemas ambientais teve como referência os fundamentos norteadores do jornalismo e seus gêneros específicos – científico e ambiental.

Para Oliveira (2002, p. 43), as informações científicas podem estar presentes em quaisquer editorias, pois todas são responsáveis por auxiliar o entendimento das causas e consequências dos fenômenos sociais. Além disso, as informações científicas relacionadas ao meio ambiente devem estar na base de formação das políticas públicas e entidades privadas de forma que as consequências sejam antecipadamente analisadas e minimizadas, responsabilizando economicamente apenas os autores dos impactos ambientais, e não a sociedade como um todo. Contudo, Villas Boas (2004, p.18) ressalta que a mídia nem sempre enfatiza o debate público ou trata o problema em sua total abrangência, mas prefere destacar os desastres ambientais com manchetes trágicas, evidenciando a face do medo e não da conscientização.

Ziggiati (2000) afirma que os meios de comunicação possuem a função de mobilizar e a necessidade de qualificar as informações, para que funcionem como uma ferramenta de pressão e ampare a afirmação de um direito inalienável do homem, que é o de ter acesso às informações de modo diversificado.

De acordo com Figueiredo (2001), a mídia manifesta-se através de canais massivos, como por exemplo, rádio, jornais, revistas, televisão e internet e esses suportes possibilitam a abertura de espaço para múltiplas vozes sobre um mesmo assunto. Assim, a compreensão das matérias

jornalísticas publicadas pelos veículos de comunicação impressos e digitais assegura ao público compreender e melhorar sua qualidade de vida.

A educação básica também está relacionada com a propagação dos conhecimentos científicos sobre o meio ambiente, já que a maioria das informações utilizadas em sala de aula pelos professores é proveniente, sobretudo, da televisão (Bortolozzi, 1999). A mídia, entretanto, pode ser a fonte desses assuntos, mas a questão volta-se para como esse conteúdo é trabalhado e assimilado pelos alunos, muitas vezes como uma verdade absoluta. A educação ambiental foi enquadrada nos currículos das escolas públicas e privadas do ensino fundamental ao ensino médio, e ainda foi adicionada aos chamados temas transversais pela LDB 9.394/96.

Os pontos de convergência da pesquisa estão relacionados com o papel do jornalismo nos regimes democráticos, seu potencial de divulgação das informações científicas e a importância da ciência e questões do meio ambiente na vida da sociedade. Compreendemos que o jornalismo pode e deve exercer o papel de mediador dos conhecimentos científicos por meio de uma escrita objetiva, amena e atrativa (OLIVEIRA, 2002) sobre os problemas ambientais e seus impactos em âmbito local e global, a fim de que a sociedade seja capaz de tomar decisões e discutir qual a melhor solução para as complicações decorrentes da utilização insustentável dos recursos naturais.

## **CRITÉRIOS DE QUALIDADE**

Esta investigação se procedeu com base em um estudo quantitativo e qualitativo das matérias selecionadas. O objetivo do estudo possuiu como fundamentação teórica os princípios norteadores do jornalismo, seu exercício em uma sociedade democrática, e ainda os princípios específicos do jornalismo científico e ambiental.

Na atual conjuntura de uma sociedade globalizada e com caráter pós-industrial, imersa no contato com mídias e veículos de comunicação que fornecem novas informações a todo instante, os homens comuns deixaram de se informar apenas pelos relatos orais provenientes de suas raízes históricas, e passaram a dar preferência aos mediadores do novo espaço público que trazem até eles esses conhecimentos (PENA 2005).

Sendo o espaço geográfico mundial caracterizado pela presença física dos meios de comunicação (televisão, computadores, dispositivos móveis, etc.), conseqüentemente a mídia passa a ter um papel fundamental nos processos de interação social, modificando a transmissão dos valores

culturais<sup>18</sup> e agregando múltiplos padrões de comportamento e costumes através da difusão midiática. Assim, de acordo com Silverstone (1999), a mídia é onipresente, diária e passa a representar uma forma de dependência humana, já que a utilizamos para fins de entretenimento, informação, conforto e segurança.

Os mediadores das informações acima mencionados responsáveis por transmitir à sociedade o desenvolvimento dos acontecimentos nacionais e internacionais com qualidade exercem a profissão de jornalistas, que possuem a função social de formar e conscientizar indivíduos em relação aos seus direitos e deveres, promovendo a prática da cidadania. Além disso, o pesquisador Fábio Henrique Ferreira (2004b) esclarece o perfil imposto a esses profissionais nas sociedades capitalistas:

O jornalista é, ao mesmo tempo, funcionário de uma empresa capitalista, responsável pela produção de uma mercadoria (a notícia) submetida às leis de mercado; e uma espécie de contra poder, cuja autoridade, delegada pela sociedade, lhe permite fiscalizar as instituições em nome do interesse público. (PEREIRA, 2004b).

Levando em conta a afirmativa de Kovach e Rosenstiel (2003), que estabelecem como meta principal do jornalismo contar a verdade de forma que as pessoas disponham de informações para a própria independência, ao longo das circunstâncias, o jornalismo integrou uma série de princípios e valores que passaram a nortear o exercício da profissão a fim de assegurar a qualidade das informações transmitidas à sociedade (TRAQUINA 2005a). Esse agrupamento de princípios e valores transformou o jornalismo em uma comunidade interpretativa, definida por Hymes (1980) como um grupo de indivíduos unidos por suas interpretações partilhadas da sociedade.

Elencar os princípios do jornalismo e as discussões éticas que os permeiam não é tarefa fácil, pois estão em constante mutação e não há consensos construídos formalmente entre a categoria. Em razão disso, adotamos a proposta de Kovach & Rosenstiel (2003), que após 300 entrevistas com jornalistas organizaram uma lista com nove princípios capazes de permitir ao jornalismo alcançar sua finalidade.

De forma resumida, em função do espaço deste artigo, nos limitamos a enumerar os princípios defendidos pelos autores, quais sejam: compromisso com a verdade; lealdade ao interesse público; disciplina da verificação; independência das fontes; ser um monitor independente do poder;

---

18 Apesar dos inúmeros significados atribuídos ao conceito de cultura, o autor e sociólogo Scuro Neto (2004) define cultura como uma coleção de comportamentos aprendidos, um extenso repertório de condutas sagradas, recriadas e passadas adiante através de gerações (SCURO NETO, p.170, 2004).



promover um fórum para a crítica e o comentário público; apresentar o significativo de forma interessante e relevante; apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional; e ter o dever com sua consciência.

Para fins de estabelecimento dos critérios de qualidade utilizados nas análises, utilizamos também neste artigo outras contribuições teóricas de pesquisadores brasileiros do campo da comunicação.

Adequar o papel do jornalismo combinando progresso e meio ambiente, intenciona contribuir para qualificar o papel dos veículos de comunicação na questão ambiental e melhorar o nível de informação da sociedade. Essa prática aponta para o jornalismo científico, na medida em que este promove a divulgação da ciência e tecnologia através dos veículos de comunicação de massa, segundo os parâmetros e o sistema de produção jornalístico. Ao noticiar o público sobre a ciência, ele busca trazer reflexões, conduzir os cidadãos às discussões e também contribuir de maneira adequada à uma formação de cultura científica.

Problematicando a atribuição do jornalismo científico, Ivanissevich (2005) considera que cabe a ele possibilitar debates sobre questões polêmicas como alimentos transgênicos, a clonagem de embriões e mudanças climáticas globais. Essa função teria suporte não somente nas responsabilidades éticas da mídia, mas também porque tem apelo popular e assegura a audiência e a venda de um produto (notícia). “Nesse sentido, a mídia tem um papel imprescindível: o de manter as pessoas informadas sobre as novas descobertas científicas para que possam se posicionar diante delas” (IVANISSEVICH, 2005, p. 25).

Bueno (1984) considera que o jornalismo científico cumpre seis funções básicas, que também servirão de base para a elaboração das categorias de análise que desenvolvemos: função informativa; função educativa; função social; função cultural; função econômica; e função político-ideológica.

Embora o jornalismo ambiental compartilhe elementos provenientes do jornalismo científico, a cobertura dos fatos relacionados à questão ambiental requer outras abordagens além da científica por envolver o debate de problemas com encadeamentos científicos, sociais, econômicos e políticos (OLIVEIRA, 1990). Por causa disso, abordamos as peculiaridades do jornalismo ambiental em relação ao científico e problematizamos as aplicações dos conceitos apresentados até então.

Bueno (2007) julga o jornalismo científico tradicional comprometido com uma parte significativa da comunidade científica, concentrada apenas na continuidade das pesquisas. Além disso, Bueno ainda despreza

a ligação do jornalismo cultural científico dominado pelas elites e o espaço limitado destinado ao diálogo com as camadas populares. Segundo o autor,

Jornalismo Ambiental, que é jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa, ele está definido tanto pelas matérias/colunas/editoriais/cadernos/ sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (BUENO, 2007, p. 31).

É necessário que o jornalismo ambiental esteja engajado politicamente, socialmente e culturalmente com a causa do desenvolvimento sustentável e uma melhoria da qualidade de vida.

Só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões do governo, empresas e até universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses. (BUENO, 200, p. 29)

A partir da reflexão sobre as contribuições dos autores consultados, destacamos os oito pontos convergentes determinados com base nas discussões apresentadas enquanto referencial teórico e bibliográfico: diversidade de fontes; independência em relação às fontes; abrir o espaço para o debate; evitar o sensacionalismo; não resumir a abordagem às questões econômicas; procurar aliar jornalismo e educação; evitar a fragmentação da cobertura; e caráter revolucionário e engajamento.

## **CATEGORIAS DE ANÁLISE**

A metodologia usada na investigação utilizou métodos quali-quantitativos a partir das técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Santos (1997) considera essa técnica como um dos métodos mais eficientes para rastrear informações, já que é possível fazer inferências daquilo que ficou gravado ou impresso. Segundo Melo (2009), é preciso bem mais do que somente fazer pesquisas relevantes sobre assuntos essenciais, deve haver explicações entendíveis para facilitar a compreensão dos agentes profissionais que poderão utilizar os resultados no interior do sistema produtivo.

A análise de conteúdo foi aplicada pelo fato dela constatar tendências e modelos de análise de parâmetros de noticiabilidade, agendamentos e enquadramentos. A análise serve igualmente para fazer comparações de assuntos jornalísticos em diferentes culturas e mídias, sendo ainda utilizada para caracterizar a produção de indivíduos, grupos e para detalhamento e classificação de gêneros e produtos jornalísticos.

Auxiliada pelas inferências acima destacadas, a análise de conteúdo foi feita nas matérias publicadas pelo jornal online “Diário do Nordeste”, pelo fato do periódico ter uma parcela significativa de audiência no estado do Ceará. O procedimento de recolha e análise dos textos jornalísticos foi feito com as matérias publicadas entre setembro de 2017 a março de 2018 sobre problemas ambientais em Fortaleza (CE) e demais municípios para levantar hipóteses a respeito de seus formatos, conteúdos e qualidade dos mesmos e os encaixando em categorias de análise. Para a seleção das matérias, foi levado em conta o fato de os textos abordarem problemas ambientais e se adequarem ao gênero informativo do jornalismo nos formatos de reportagem e notícia, conforme definidos por Melo (2010).

Para a determinação das categorias de análise, as premissas a serem seguidas fundamentaram-se nas referências de Bardin (2010) ao afirmar que: I – um elemento não pode ser classificado em duas ou mais categorias (exclusão mútua), II – um mesmo conjunto de categorias só pode funcionar com uma dimensão de análise (homogeneidade), III – as categorias devem estar adaptadas ao material de análise escolhido e pertencente ao quadro teórico escolhido (pertinência), IV – as diferentes partes de um mesmo material analisado devem ser codificadas da mesma maneira (objetividade e fidelidade) e V – um conjunto de categorias é considerado vantajoso quando oferece resultados produtivos (produtividade) (BARDIN, 2010).

As premissas para a categorização da análise de conteúdo das reportagens tiveram como base os princípios gerais do jornalismo (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003) e dos seus subgêneros científico e ambiental (BUENO, 2007). A pesquisa inicial, que deu origem ao presente estudo, levou em consideração a definição de cinco categorias: Precisão, Independência, Pluralidade, Contextualização e Sensibilização. Contudo, são discutidas aqui apenas as três últimas, conforme apresentadas a seguir.

## **Pluralidade**

Engloba as manifestações de vozes diversificadas na questão ambiental. Incorporando os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica, independência das fontes e comentário público, e ainda as funções: social, informativa, político-ideológica, cultural e econômica do jornalismo científico. Nessa mesma categoria compreende a qualidade da diversidade de fontes, o espaço para o debate público, além do engajamento e caráter revolucionário do jornalismo ambiental.

## **Contextualização**

É preciso expor as causas e consequências dos assuntos ambientais e seus impactos sociais, culturais, econômicos, ambientais e políticos. Ainda integra as qualidades essenciais do jornalismo ambiental de evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.

## **Sensibilização**

Ao agregar o princípio geral do jornalismo de retratar o significativo de uma forma interessante e relevante, a função educativa do jornalismo e a procura de aliar jornalismo e educação do jornalismo ambiental, é responsável por utilizar o espaço das reportagens não somente para noticiar acontecimentos relacionados à questão ambiental, mas também a fim de sensibilizar os cidadãos para que tomem decisões esclarecidas sobre ações políticas e sociais.

Em virtude do estabelecimento das categorias de análise, foi implementado um formulário incluindo questões com o objetivo de averiguar se as matérias publicadas possuíam os elementos categorizados fundamentados nos princípios gerais do jornalismo e seus subgêneros científico e ambiental. Por intermédio da análise de conteúdo, foi possível observar a prática dos atores sociais envolvidos na produção das notícias (jornalistas) além de elaborar conclusões acerca da qualidade jornalística realizada pelo jornal online “Diário do Nordeste”.

Os resultados da investigação adquiridos a partir da análise tiveram como base o grau de esclarecimento das menções jornalísticas a respeito do meio ambiente e ciência, além do alinhamento com os princípios norteadores do jornalismo científico e ambiental, encaixados em cada uma das três categorias de análise.

**QUADRO 1: CATEGORIAS DE ANÁLISE E QUESTÕES DO FORMULÁRIO E ANÁLISE DAS REPORTAGENS**

CATEGORIAS	PRINCÍPIOS	CONTEÚDO	PERGUNTAS
<b>CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<p>Apresentar o significativo de forma interessante e relevante</p> <p>Evitar a fragmentação da cobertura</p> <p>Nem tudo se resume a questões econômicas</p>	<p>Analisar se as matérias cumpriram com o objetivo de oferecer conteúdo de qualidade voltado aos interesses do público</p>	<p>As matérias apresentam as raízes históricas dos problemas ambientais?</p> <p>São utilizados recursos para aperfeiçoar a explicação do assunto (infográficos, quadros, fotos, ilustrações)?</p> <p>Qual o(s) recurso(s) utilizado?</p> <p>As matérias possuem os termos científicos traduzidos para a compreensão dos leitores?</p> <p>As reportagens relacionam os problemas ambientais tratados com as questões políticas, econômicas e socioculturais?</p>
<b>SENSIBILIZAÇÃO</b>	<p>Função educativa</p> <p>Função cultural</p> <p>Caráter revolucionário e engajamento</p> <p>Procurar aliar jornalismo e educação</p>	<p>Verificar se o conteúdo das reportagens busca desenvolver um caráter social procurando conscientizar o público da importância da cultura nacional</p>	<p>A matéria visa ensinar o leitor a respeito das questões ambientais e descobertas científicas?</p> <p>As matérias são capazes de demonstrar aos leitores como a questão ambiental e científica influencia o cotidiano?</p> <p>A matéria apresenta aos leitores como devem agir diante dos problemas citados e quais os impactos?</p>
<b>PLURALIDADE</b>	<p>Promover fórum de debates</p> <p>Função social</p> <p>Diversidade das fontes</p> <p>Abrir espaço para debate</p>	<p>Verificar se as reportagens cumprem com o papel de proporcionar uma discussão através de indagações dentro das próprias matérias fazendo com que o público questione o que está acompanhando</p>	<p>Quais as fontes expostas nas matérias?</p> <p>Na condição de pesquisadores, quantos da área ambiental e científica foram ouvidos para a construção do texto?</p> <p>As matérias fornecem aos leitores diversos pontos de vista a respeito do tema?</p> <p>Quais vozes tiveram espaço na elaboração da matéria?</p>

Fonte: Roteiro produzido pelos pesquisadores em 2017.

## ANÁLISES

Em relação à estruturação do site do jornal online Diário do Nordeste, foi possível constatar que o veículo segue uma disposição lógica e organizada das informações, sendo as reportagens segmentadas em diversas editorias que abrangem temas internacionais, nacionais e da região Nordeste do país, objeto de estudo desse projeto de pesquisa. Além disso, o jornal online dispõe das editorias especiais que envolvem os leitores a respeito de temáticas relacionadas ao empreendedorismo, vestibulares e inclusão profissional. Tratando-se de um site interativo, com grande presença de imagens, infográficos e vídeos, o interesse dos leitores é rapidamente alcançado. No total de 63 matérias analisadas, constatou-se que as editorias intituladas Regional (73,02%) e Cidades (26,93%) foram as que mais incluíram reportagens relacionadas ao meio ambiente e ciência, com 46 e 17 matérias, respectivamente, pelo fato do jornal não possuir uma editoria específica para temas do meio ambiente.

### **Categoria Contextualização**

A primeira categoria possuía o objetivo de expor as causas e consequências dos assuntos ambientais e seus impactos sociais, culturais, econômicos, ambientais e políticos. Além disso, integrou as qualidades essenciais do jornalismo ambiental de evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.

A primeira análise, referente à contextualização das reportagens, verificou se as raízes históricas dos problemas ambientais foram retratadas aos leitores a fim de fazê-los compreender a situação abordada. Em 47,62% das publicações, constatou-se que as causas históricas dos problemas ambientais foram construídas de maneira superficial, não abordando o porquê do acontecimento, ao passo que 52,38% não chegaram a sequer mencionar no texto características históricas que pudessem oferecer embasamento histórico com objetivo de esclarecer o referido problema ambiental, finalizando a reportagem sem explicações aprofundadas.

A segunda e terceira análises foram responsáveis por identificar se as reportagens utilizaram elementos visuais para auxiliar a leitura e compreensão da abordagem do texto. Foi verificado que todas as notícias estravam adequadas a esse critério. O jornal online obteve o percentual de 100% no emprego de uma linguagem multimídia para facilitar a mediação entre emissor e receptor. Ferrari (2003) declara que para um site ser considerado um portal de notícias online, deve possuir conteúdos diversificados em linguagens distintas, por exemplo, no uso de vídeos,

áudios e infográficos. Além disso, a autora afirma que o jornalista necessita compreender que o conteúdo a ser disponibilizado na plataforma virtual deve ir além do processo tradicional de publicação em jornais e revistas.

Devido à multiplicidade de respostas para a terceira subcategoria analisada, pela qual uma mesma notícia foi contabilizada para mais de um recurso multimídia, o percentual somado ultrapassou o percentual de 100%. Assim, verificou-se que 93,65% das reportagens utilizaram fotografias a fim de ilustrar a matéria, enquanto que as tabelas com diagramação visual mais simples configuram um percentual de 11,11%, os infográficos apresentaram um percentual de 4,76% e os vídeos figuraram 1,59% do total de matérias. Com base nos dados, observou-se que o jornal online busca utilizar todo o potencial de recursos linguísticos e visuais para manter o leitor atento ao conteúdo divulgado.

Segundo Luz (2009), o jornalismo científico procura preencher as lacunas de tradução e contextualização de conhecimentos específicos a fim de orientar e educar pessoas leigas no assunto tratado. A quarta subcategoria analisada acerca da contextualização das reportagens avaliou a construção textual das matérias e buscou verificar se o jornalista apresentou com êxito o significado de alguns dos termos utilizados aos leitores do jornal. A análise apresentou que 60,32% das reportagens possuíam uma simples explicação dos termos científicos, porém tratando-se de um jornal online que pode ser acessado de diversos lugares do Brasil e do mundo, é necessário que os jornalistas estejam atentos à significação de algumas expressões linguísticas regionais utilizadas para explicar o referido problema ambiental.

Entretanto, as reportagens que não explicavam as definições de termos pouco conhecidos apresentaram um percentual de 39,68% na tabulação, propiciando um entendimento precário por parte do leitor a respeito do assunto abordado, e conseqüentemente, divulgando conteúdos complexos a diversos perfis de leitores, não cumprindo com um dos princípios do jornalismo ambiental declarado por Bueno (2007), o de aliar jornalismo à educação.

A quinta subcategoria examinou se as reportagens analisadas discorreram, além do problema ambiental retratado, as questões políticas, econômicas e socioculturais. Em 84,13% das reportagens, observou-se que os jornalistas descreviam de maneira superficial as causas e conseqüências do referido problema, a exemplo de problemas de saúde, construções irregulares e riscos de acidentes ocasionados pelos problemas ambientais apresentados, ao passo que 15,7% das matérias não chegaram a citar essas questões e construíram a reportagem de maneira escassa.

Bueno (2007) declara que a fragmentação derivada do sistema de produção jornalística fragiliza a cobertura das questões ambientais e esse modelo de cobertura induz jornalistas a terem um olhar míope sobre a temática ambiental, não tendo responsabilidade com as consequências das ocorrências. Conseqüentemente, algumas matérias transformam-se em notícias das seções de variedades, pouco valorizadas no jornalismo.

### **Categoria Sensibilização**

A quarta categoria de análise teve o propósito de constatar se as reportagens agregaram o princípio geral do jornalismo de retratar o significativo de uma forma interessante e relevante, se integraram a função educativa do jornalismo, à procura de aliar jornalismo e educação do jornalismo ambiental. Além disso, foi observado se as publicações não somente noticiaram os acontecimentos relacionados à questão ambiental, mas se também sensibilizaram os cidadãos para que os mesmos tomassem decisões esclarecidas sobre ações políticas e sociais.

A primeira análise dessa categoria investigou se as reportagens, além de retratarem o problema ambiental, contribuíram para o ensinamento dessa esfera aos leitores do jornal. Assim, foi possível constatar que 80,95% das reportagens não estavam moldadas à base educativa durante a construção textual e que somente 19,05% delas correspondiam às expectativas iniciais de análise.

Belmonte (2004) no artigo intitulado “Menos catástrofes e mais ecojornalismo” argumenta que dos repórteres, redatores e editores não se espera que apenas informem, mas também assumam um papel de educadores. Os veículos de comunicação possuem a função social junto com as escolas, universidades, ONGs, as empresas e o governo de formar cidadãos capazes de superar a crise ecológica que ameaça o futuro da população (BELMONTE, 2004).

Com relação à influência da questão ambiental no cotidiano da população, segunda subcategoria, considerou-se que em 84,13% das reportagens, o jornalista se preocupou em mostrar aos leitores do jornal online Diário do Nordeste como as temáticas ambientais e científicas contribuíam positivamente para suas rotinas, tendo como exemplo a implantação de aparelhos que detectavam focos de incêndio, evitando a destruição da vegetação e a dispersão de fumaça que causava má visão nas estradas e consequências respiratórias. Contudo, 15,87% das matérias não citaram de maneira direta ou indireta o efeito positivo do âmbito científico e ambiental, limitando-se a apenas informar o problema ambiental. Segundo



Fonseca (2004), isso configura o terrorismo ecológico, disseminado por meio de matérias superficiais, a fim de agregar audiência para o veículo de comunicação e levar os governantes e população a tomar decisões imprudentes acerca dos problemas e suas consequências.

A terceira subcategoria encarregada de analisar se as publicações do jornal online veicularam medidas de ação a serem tomadas pela população diante dos problemas ambientais e seus impactos apresentou resultados praticamente semelhantes. Influenciada pela subcategoria acima, foi possível verificar que as referidas matérias não abordaram os procedimentos a serem tomados pela população, mas deram ênfase aos impactos sofridos decorrentes dos problemas ambientais, a exemplo de alagamento de ruas e casas, atolamento de veículos, doenças respiratórias resultantes de queimadas e as maiores dificuldades em conseguir água no período de seca. Sendo assim, tornou-se inviável para a população ser orientada sobre alguma forma de agir perante os fatos noticiados, tendo em vista que o conteúdo educativo ambiental publicado foi insuficiente para subsidiar uma tomada de decisões esclarecidas.

A esse respeito, em 50,79% das reportagens, verificou-se que as matérias não abordaram como a população deve agir diante dos casos, mas apenas os impactos sofridos diretamente pela população, ao passo que em 49,21% demonstraram a exposição desses fatores aos leitores, porém sem demais aprofundamentos. Berna (2008) afirma que a informação ambiental, sendo de qualidade e em quantidade, é fundamental para a formação e mobilização da população. Porém, se feita de forma deficiente e incompleta, conduz ao caminho contrário: a desmobilização.

### **Categoria Pluralidade**

A intenção da categoria Pluralidade foi verificar a abrangência de vozes diversificadas na questão ambiental, além de observar a incorporação dos princípios gerais do jornalismo ao promover um fórum para a crítica, independência das fontes e comentário público. A categoria ainda compreendeu a qualidade da diversidade de fontes, o espaço para o debate público, o engajamento e caráter revolucionário do jornalismo ambiental.

É importante salientar que a primeira subcategoria apresentou resultados de múltiplas respostas, ou seja, os percentuais, se somados, ultrapassam 100%. Os resultados constatarem que, em 93,65% das reportagens, o poder público foi umas das fontes utilizadas pelos jornalistas na construção textual. Em 34,92%, foi ouvido o público afetado pelo problema

ambiental retratado. E em 12,7% foi verificada a consulta a pesquisadores. A opção “outros” figurou com 6,35% de participação.

Através dos dados tabulados, foi possível examinar que, na maioria dos casos, foram ouvidas fontes que já possuem um espaço de pronunciamento na mídia (autoridades, empresários e políticos). Com essa abordagem, o jornalista demonstra uma tendência a evidenciar os feitos do poder público e não enfatiza o discurso de pesquisadores da área. Além disso, o índice menor de participação das pessoas afetadas como fonte para a matéria realça a falta de apuração acerca do problema descrito. Kovach e Rosenstiel (2003) alegam que os jornalistas precisam de habilidade para olhar a construção das reportagens sob múltiplos pontos de vista e também dispor de habilidades para chegar ao fundo das questões analisadas.

No que diz respeito à quantidade de pesquisadores questionados acerca do problema ambiental apresentado, em 26,98% das reportagens, nenhum pesquisador da área foi utilizado como fonte nas apurações realizadas do jornalista.

Bueno (2007) alega que quando um jornalista ambiental se dispõe a elaborar uma reportagem somente com fontes elitistas, a exemplo dos políticos, da comunidade acadêmica e empresarial, acaba beneficiando as classes privilegiadas com mais espaço nos veículos de comunicação. Ao contrário, declara o autor, a reportagem deve contemplar as controvérsias, o debate, o embate de ideias e opiniões, a fim de fugir do formato denunciado marcado pela fragilidade que não agrega valor à cobertura ambiental.

A última análise da categoria Pluralidade averiguou se as reportagens publicadas foram suficientes para subsidiar possíveis tomadas de decisões de forma esclarecida acerca de questões sociais e políticas. Foi possível inferir que 73,02% das reportagens não abordaram concepções distintas a respeito do problema ambiental, evidenciando que o jornalista se ateve a dar uma única perspectiva na matéria, ao passo que 26,98% das reportagens apresentaram mais de um ponto de vista, a exemplo de uma matéria que divulgava a redução de investimentos para o acesso à água. Nesse exemplo, o jornalista expressou as questões políticas e históricas que explicavam o quadro atual e ainda ouviu algumas vozes da população a fim de articular suas opiniões.

Relembrando que o jornalismo científico é notadamente financiado por grandes empresas multinacionais para apresentar ao público as realizações científicas e tecnológicas, é necessário que o jornalismo não funcione apenas como um mero reproduzidor dos interesses privados, mas

leve em conta um dos princípios gerais de sua práxis que é promover o debate social através das reportagens.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na categoria Contextualização, em relação à abordagem das raízes históricas, a maioria das publicações tratou de maneira superficial, ou não tratou, dos motivos que levaram a população a estar vivenciando o problema ambiental noticiado, resultando em reportagens sem embasamento histórico que pudesse transmitir aos leitores conteúdos de qualidade que os subsidiassem e orientassem adequadamente em possíveis tomadas de decisões de forma esclarecida acerca do assunto.

Já no que se refere aos elementos visuais que as publicações utilizaram para ilustrações, foram verificados resultados positivos, já que os jornalistas se preocuparam em mostrar aos leitores outras formas de divulgar a matéria além da construção textual, como fotografias, vídeos e infográficos como forma de estimular o interesse no conteúdo transmitido.

Quanto à tradução dos termos científicos e regionais, constatou-se que na maioria das publicações, os jornalistas explicaram de maneira sucinta a significação de alguns termos utilizados nas reportagens. E o que é mais preocupante é que em algumas matérias, além de não traduzir os jargões científicos, os jornalistas não estiveram atentos às variações linguísticas, dificultando o entendimento por parte dos leitores. As análises nessa categoria evidenciaram que os jornalistas descreviam de maneira superficial as causas e consequências do problema, confrontando o princípio de elucidar o significativo de forma relevante e interessante.

As análises da categoria Sensibilização tornaram possível perceber que grande parte das publicações não empregou discursos educativos durante a construção textual, deixando de aliar o jornalismo à educação e indo na contramão do que propõe um dos critérios de qualidade do jornalismo ambiental. Isso implica a ineficiência das notícias no sentido de preparar a população e, conscientizando-a sobre a necessidade de adoção de medidas e ações diante dos problemas ambientais e seus impactos. Além disso, apesar da maioria das reportagens apresentarem aos leitores a contribuição positiva das temáticas ambientais e científicas no cotidiano, observou-se que o discurso utilizado se apresentava de maneira superficial, apenas mencionando os impactos diretos na vida dos leitores, notabilizando uma cobertura fragmentada, com apurações sem aprofundamentos.

A categoria Pluralidade, por fim, apresentou percentuais que destacaram o poder público como fonte constante para a produção das

reportagens, em oposição a um dos critérios de qualidade do jornalismo ambiental descrito por Bueno (2007), que defende a estimulação ao embate de ideias e opiniões para fugir do formato denunciista marcado pela fragilidade que não agrega valor à cobertura ambiental.

Em relação à baixa presença de investigadores da área científica entre as fontes das notícias analisadas, tornou-se notória uma carência de inclusão do ponto de vista científico e especializado nos assuntos abordados, o que resultou em reportagens sem explicações técnicas para esclarecer a situação noticiada aos leitores, dificultando a percepção e o entendimento globais do tema. Ademais, nas publicações que o coletivo científico foi utilizado como fonte, constatou-se que o jornalista se ateu a dar uma única perspectiva ao texto jornalístico, limitando a percepção e o entendimento dos leitores sobre as diferentes nuances envolvidas em problemas ambientais.

Pelos resultados expostos, compreendemos que o desempenho da cobertura jornalística sobre o meio ambiente no jornal online Diário do Nordeste, durante o período analisado, apresentou desempenho negativo porque não atendeu aos critérios de qualidade do jornalismo ambiental informando a sociedade, portanto, de forma insatisfatória. Ainda que as publicações estivessem organizadas em um site estruturado e contivessem elementos multimídia que auxiliaram no entendimento dos assuntos pelos leitores, é fundamental ter a percepção de que esses recursos não devem ser mais pertinentes que as informações do próprio texto jornalístico.

Por isso, é necessário que as publicações sejam mais aprofundadas, explanando as particularidades de cada assunto abordado, com suas vertentes, nuances e contribuições sobre possíveis ações e comportamentos que possam ser assumidos pela população. Também é preciso enfatizar a necessidade de diversificação das fontes consultadas durante a construção textual, tendo em vista que é preciso dar voz às pessoas atingidas pelos problemas ambientais, ao tempo em que também é essencial o compartilhamento de soluções apontadas por estudiosos e especialistas da área para orientá-los. Constata-se que a atividade jornalística exige dos profissionais uma postura sempre alerta e preocupada com a ética e responsabilidade em defesa do meio ambiente e da instrução dos cidadãos, no desafio cotidiano de mediar as informações para a sociedade.

Esperamos que esta pesquisa proporcione contribuições significativas e relevantes para o exercício do jornalismo nas rotinas produtivas em redações de veículos de comunicação em todo o país. Sabemos que muitas vezes há limitações que se tornam obstáculos para dificultar o cumprimento do processo de apuração e produção textual com a devida cautela

e profundidade que os temas exigem. Contudo, é necessário difundir cada vez mais os critérios que garantem a qualidade da cobertura jornalística sobre o meio ambiente a fim de que se torne viável a instrução e conscientização crescentes da população em torno da preocupação e de ações efetivas de preservação ambiental e sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.
- BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.
- BELMONTE, Roberto Villar. Menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- BERNA, Vilmar. **Como fazer educação ambiental**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- BORTOLOZZI, Arlêude. Comunicação, ensino e temática ambiental. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 14, p. 42-48, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36842/39564>>. Acesso em: 17 fev. 2010.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Majoara, 2007.
- CERQUEIRA, P. C. L. **A seca no contexto do Nordeste**. São Paulo: Edições Mandacaru Ltda, 1983.
- CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.
- CONVENÇÃO Quadro sobre Mudança do Clima, Organização das Nações Unidas. **Adoção do Acordo de Paris**. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2016/04/Acordo-de-Paris.pdf>; Acesso em: 23 nov. 2017.
- DANTAS, Carolina; OLIVEIRA, Monique. **O que esperar da COP 23, a maior rodada de negociações sobre o clima do ano**. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/o-que-esperar-da-cop-23-a-maior-rodada-de-negociacoes-sobre-o-clima-do-ano.ghtml>; Acesso em: 03 dez. 2017.
- DIÁRIO DO NORDESTE. Disponível em: [www.diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://www.diariodonordeste.verdesmares.com.br). Acesso em: 20 nov. 2017.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Gaia, 1993.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

FIGUEIREDO, Thiago Antônio de Sousa *et al.* Comunicação Comunitária. In: SEMINÁRIO ANUAL DE PESQUISA, 2., 2001, Tefé. **Anais**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2001. p. 35-38.

FLANNERY, Tim. **Os senhores do clima**. Editora Record: São Paulo, 2007.

FONSECA, André Azevedo da. Água de fonte só: a magnitude do problema em um experiência concreta. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

HYMES, D.H. (1980). **Fuctions of Speech**. In: D.H. Hymes, Languages in Education, Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.

IVANISSEVICH, Alícia. Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

JKOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação**. São Paulo: Ed.USP, 2002.

LEFF, Henrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e conhecimento: Epistemologia, cognição, imaginário, produção de sentido e construção da realidade**. Florianópolis: Insular, 2005.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MORETZSONH, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NAÇÕES Unidas no Brasil. **Conferência da ONU é encerrada com “urgência renovada” contra mudanças climáticas**. Disponível em: <https://nacoesunidas>.

org/conferencia-da-onu-e-encerrada-com-urgencia-renovada-contra-mudancas-climaticas/; Acesso em: 3 dez. 2017.

NETO, Pedro Scuro. **Sociologia ativa e didática: um convite ao estudo da ciência do mundo moderno**. São Paulo: Saraiva, 2004.

OLIVEIRA, Fábíola Imaculada de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002 (Coleção Comunicação).

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Científico e Amazônia: estudo de quatro jornais brasileiros**. Dissertação de (Mestrado em Comunicação), Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. Lisboa: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004a. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2017.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

SCHARF, Regina. Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O Adiantado da Hora. A influência Americana sobre o Jornalismo Brasileiro**. São Paulo: Summus, 1991.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.

TAUTZ, Carlos. Oxigênio para a energia: entenda a ideia de um “jornalismo para o desenvolvimento”. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005b. v. 2.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª ed. Lisboa: Presença, 2001.

ZIGGIATTI, M. M. **Jornalismo Ambiental**. Disponível em: <<http://www.eca.sp/emalta/densust/jamb.htm>> Acesso em: 20 ago. 2017.

## **JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DE PROBLEMAS AMBIENTAIS PELO JORNAL ONLINE “CORREIO DA BAHIA”**

Maria Clara Guimarães da Costa Moura<sup>19</sup>

Amanda C. Oliveira Mota Flores<sup>20</sup>

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues<sup>21</sup>

**A** humanidade começa a perceber que os problemas ambientais podem, sim, mudar o futuro do que conhecemos atualmente no que diz respeito ao clima e ao meio ambiente. De modo geral, o planeta e a população mundial sofrem com o agravamento de enchentes, extinção de fauna e flora, erupções vulcânicas, terremotos e, também, altas temperaturas. Observamos que pesquisadores da área ambiental buscam conscientizar governos e sociedades sobre a forma com que conduzimos o meio em que vivemos. Nesse sentido, o jornalismo poderá assumir papel transformador de informação e propagação de ideias acerca dos assuntos relacionados às questões que comprometem a qualidade da vida no planeta terra sob a perspectiva do meio ambiente.

Com intuito de contribuir para a qualificação dos textos jornalísticos que tratam de problemas ambientais, este capítulo apresenta o resultado das análises de matérias de um dos mais importantes jornais online da região Nordeste: o Correio da Bahia (SALVADOR/BA – <http://www.correio24horas.com.br/>) no período de setembro de 2017 a março de 2018. Abordando os critérios relacionados aos princípios do jornalismo

---

19    Jornalista. Pesquisadora Bolsista do Projeto de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Norte e Nordeste. E-mail: mariacguima@gmail.com

20    Amanda C. Oliveira Mota Flores é Mestre em Ciências da Comunicação, Especialista em Produção Textual e em Gestão de Talentos e Graduada em Comunicação Social – Jornalismo.

21    Jornalista. Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente e diretor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/Ufam). Líder do Grupo de Pesquisa Trokano. Coordenador Projeto de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Sudeste e Sul. E-mail: allans@ufam.edu.br



científico e ambiental, as matérias publicadas foram observadas sob a ótica das ocorrências danosas relacionadas ao meio ambiente. O período da investigação reuniu 51 notícias, das quais 40 foram analisadas.

A relevância desta pesquisa ancora-se na constatação de que a humanidade depara-se com a possibilidade de suas decisões causarem a sua extinção num futuro não tão distante. O modelo capitalista coloca em risco o meio ambiente pelo uso insustentável de seus recursos naturais e com o agravante da poluição. As consequências desses dois fatores são as bruscas mudanças climáticas as quais passamos hoje com furacões, terremotos, enchentes e, até mesmo, extinção de espécimes da fauna e flora.

Elencando neste contexto o papel do jornalismo, cujo princípio histórico justificador é o ideal de esclarecer os cidadãos (MORETZSOHN, 2007), acaba-se tornando essencial que a sociedade tome decisões sobre o melhor modelo de desenvolvimento para sua comunidade. Ao mesmo tempo que o jornalismo busca enriquecer seu discurso em torno dos problemas ambientais, este também tem potencial para voltar-se para um papel esclarecedor, educador e informacional (SOUSA, 2000). O discurso jornalístico pode contribuir para compreensão dos cidadãos sobre os impactos da degradação ambiental. Para realizar a análise das matérias e reportagens envolvendo problemas ambientais, utilizamos a análise de conteúdo. Este método mostra-se um dos mais eficientes no rastreamento dada sua excelência ao fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado (SANTOS, 1997). Na busca pelos resultados, fomos à procura de qualidade nas coberturas para seus leitores e, se estas contribuíram ou não, para a tomada de decisões pelos moradores da cidade de Salvador, bem como o estado da Bahia, sobre as questões ambientais de seu Estado e do mundo. Com o levantamento, foi possível identificar falhas e apontar caminhos para melhorar o conteúdo que é repassado diariamente. As premissas para a categorização da análise de conteúdo tiveram como base os princípios gerais do jornalismo (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003) e dos seus subgêneros científico e ambiental (BUENO, 1984) descritos na fundamentação teórica. Definem-se e atuam em cinco categorias: Precisão, Independência, Pluralidade, Contextualização e Sensibilização.

- **Categoria Precisão:** analisa a autenticidade e a precisão das informações publicadas. Traz elementos dos princípios gerais do jornalismo do compromisso com a verdade, da lealdade ao interesse público, da disciplina da verificação e do dever jornalista com sua consciência, bem como uma das qualidades do jornalismo ambiental de evitar o sensacionalismo.

- **Categoria Independência:** analisa se houve problematização das responsabilidades do poder público frente às causas e efeitos dos problemas ambientais. Agrega o princípio geral do jornalismo de ser um monitor independente do poder.
- **Categoria Pluralidade:** analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão ambiental. Abrange os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público e da independência das fontes e, ainda, as funções: social, informativa, político-ideológica, cultural e econômica do jornalismo científico. Na mesma categoria incluem-se as qualidades da diversidade de fontes, de abrir o espaço para o debate e o caráter revolucionário e engajamento do jornalismo ambiental.
- **Categoria Contextualização:** analisa a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Reúne as qualidades inerentes ao jornalismo ambiental de procurar evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.
- **Categoria Sensibilização:** utilização do espaço das reportagens não somente para noticiar fatos ligados à questão ambiental, mas também sensibilizar a população para a necessidade de tomada de decisões esclarecidas. Congrega o princípio geral do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante, a função educativa do jornalismo e qualidade de procurar aliar jornalismo e educação do jornalismo ambiental.

Identificamos as categorias de análise acima, mas, para fins de elaboração deste artigo, nos detemos a apenas duas delas: Pluralidade e Contextualização. Para tanto, elaboramos um formulário contendo questões que tiveram como objetivo averiguar se as reportagens coletadas possuem, dentre seu conteúdo, os elementos que tem como base os princípios do jornalismo bem como seus subgêneros científico e ambiental.

As questões são formadas e distribuídas de acordo com cada categoria em que está inserida. Pela análise de conteúdo, foi possível ligar a cobertura de acordo com os princípios do jornalismo e seus subgêneros ambiental e científico, além de poder identificar quem promove e produz essas notícias. Os resultados obtidos foram analisados de acordo com as categorias desenvolvidas, bem como suas perguntas e questionamentos.

Assim, suas averiguações são baseadas de acordo com a qualidade das informações recebidas pelos leitores e se esta cobertura contribuiu ou não para a formação e a tomada de decisão por parte de seus moradores.

### **A IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO PARA A TOMADA DE DECISÕES**

Mesmo tendo suas discrepâncias, a grande maioria dos pesquisadores sobre clima e meio ambiente considera que a consequência mais catastrófica do modelo econômico atual são as mudanças climáticas como: furacões, enchentes, tsunamis, entre outros. Estas começaram a atingir diretamente os seres humanos e, sua capacidade de sobrevivência, começou a ser colocada à prova. O planeta atua com cinco principais problemas ambientais. Poluição do ar, desmatamento, extinção de espécies, degradação do solo e superpopulação são o que representam as grandes ameaças ao planeta. Com o apoio da opinião pública, os governos conseguem fechar acordos de modelos econômicos mais facilmente. Assim, é possível relacionar o aumento de informações científicas e ambientais com a tomada de decisões esclarecidas sobre a adoção ou não de medidas que se mostrem necessárias para diminuir o aquecimento global com a efetiva ação governamental. A informação científica sobre o meio ambiente precisa estar na maior parte, ou formar a maior parte, das políticas públicas. Infelizmente, estas só são levantadas de forma esporádica e/ou quando se envolvem em problemas de grandes proporções fazendo com que se discutam de forma isolada e não como um conjunto de fatores.

De acordo com Flannery (2007, p. 29),

Um dos maiores obstáculos para se começar a agir em relação às mudanças climáticas é que ela se tornou um clichê antes mesmo de ser entendida. O que precisamos agora é de boa informação e de um planejamento cuidadoso, porque nos próximos anos essa questão vai eclipsar todas as outras. Vai se tornar a única questão. Precisamos reexaminá-la com um espírito verdadeiramente cético –para ver sua magnitude e com que rapidez está avançando.

As considerações de Flannery estão em consonância com os outros autores aqui citados. Embora admita que os meios de comunicação de massa não tenham procurado, ao longo dos anos, traduzir a associação do homem com o meio em que vive, diz que a comunicação é fator essencial para a promoção do desenvolvimento sustentável. Os autores destacam o papel mobilizador dos meios de comunicação e a necessidade de qualificar a informação para que ela funcione como instrumento de pressão, além de defender a afirmação de um direito inalienável do homem, que é o de

ter/receber informações de natureza plural e não fragmentada. Conforme Figueiredo (2001), a mídia (televisão, rádio, jornais, revista e Internet) pode ser considerada uma aliada poderosa junto à educação, pois tem importante papel a cumprir na sociedade, uma vez que, com o advento das novas tecnologias, a sociedade moderna habituou-se a adquirir informações e conhecimentos por meio destes veículos. A interpretação de vários gêneros de matérias jornalísticas veiculadas pela mídia impressa e eletrônica proporciona ao público conhecer e transformar a qualidade de vida do cidadão na sociedade.

O papel da imprensa na difusão do conhecimento científico sobre a questão ambiental também envolve implicações relacionadas à educação básica. Pesquisa realizada por Bortolozzi (1999) revela que boa parte das informações que os professores das escolas públicas recebem sobre meio ambiente vêm da mídia, especialmente da televisão. Não que a mídia não possa ser fonte, mas a questão é como esse material é trabalhado em sala de aula. A tendência mais comum é ser repassado como verdade absoluta impossibilitando, muitas vezes, o questionamento por parte dos alunos.

Pela LDB 9.394/96, a educação ambiental foi incluída nos chamados temas transversais e incorporada aos currículos de escolas públicas e privadas do ensino fundamental ao ensino médio. Para a ONU, num documento preparatório a Conferência sobre Meio Ambiente, citado por Dias (1993), a educação ambiental deve permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente, interpretar a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente, com vistas a utilizar racionalmente os recursos do meio na satisfação material e espiritual da sociedade no presente e no futuro. É aqui que entra o papel do jornalismo já que seu princípio histórico justificador é o ideal de esclarecer os cidadãos (MORETZSOHN, 2007). Desta forma, torna-se essencial para que a sociedade tome decisões esclarecidas sobre o modelo de desenvolvimento que melhor cabe em sua região. Na medida em que o jornalismo busca na ciência os enunciados que podem enriquecer a formulação de seu discurso a respeito dos temas ambientais, ele tem potencial para voltar-se para um papel esclarecedor, educador e informacional (SOUSA, 2000).

O papel do jornalismo e seus impactos na vida da população foram os pontos de ligação da pesquisa. Os problemas ambientais acabaram por se tornar algo preocupante para todos que vivem no planeta, bem como seus agravantes. Com os meios de comunicação, será possível a mediação de conhecimento científico em níveis locais e globais atendendo à demanda do povo por informações e ajudando na tomada de decisões quanto aos problemas ambientais. Assim, esta pesquisa também pretende

contribuir com a qualificação do papel dos meios de comunicação sobre os problemas ambientais e, ajudar a melhorar o nível de informação para que, os leitores, possam tomar decisões com base no que leram e analisaram.

Pontuar os princípios que formam o jornalismo pode ser difícil já que o mesmo está em constante mutação junto à sociedade e os valores construídos entre a categoria. Por isso, levamos em consideração neste estudo a proposta de dois pesquisadores, Kovach e Rosenstiel (2003), que após 300 entrevistas com jornalistas, organizaram uma lista com nove princípios capazes de permitir ao jornalismo alcançar sua finalidade. Além disso, foram citadas e acrescentadas outras contribuições teóricas de pesquisadores brasileiros do campo da comunicação. São elas: A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade; Sua primeira lealdade é com os cidadãos; Sua essência é a disciplina da verificação; Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem; O jornalismo deve ser o monitor independente do poder; O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso com o público; O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante; O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional; Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência.

É investigando o papel que o jornalismo tem que podemos qualificar os veículos de comunicação e, posteriormente, melhorar a qualidade do nível de informação da sociedade. O jornalismo científico acaba por atuar com a promoção da ciência e tecnologia por meio da comunicação de massa, seguindo seus critérios e sistemas de produção. O jornalismo científico não é somente uma forma de divulgar ciência. No momento em que falamos sobre ciência, conseguimos trazer reflexões, abraçar discussões e formar uma cultura científica dentro da sociedade. Se o jornalismo busca reconhecimento acadêmico, devemos conhecer primeiro suas informações científicas. É papel do jornalismo – e do jornalista, apresentar conceitos e contextos que cabem dentro do jornalismo científico. “Nesse sentido, a mídia tem um papel fundamental: o de manter as pessoas informadas sobre as novas conquistas científicas para que possam se posicionar diante delas” (IVANISSEVICH, 2005, p. 25). Bueno (1984) considera que o jornalismo científico cumpre seis funções básicas: informativa; educativa; social; cultural; econômica e político-ideológica. Esse autor chama a atenção para o fato de que o jornalismo ambiental está em fase de construção de um conceito para além dos limites do jornalismo científico tradicional, do econômico e do cultural. O autor considera que o jornalismo científico tradicional muitas vezes está comprometido com uma parcela significativa

da comunidade científica, preocupada apenas com a continuidade de suas pesquisas, ou seja, a sociedade acaba, muitas vezes, ficando de fora das novas descobertas científicas.

Jornalismo Ambiental, que é jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa, ele está definido tanto pelas matérias/columnas/editoriais/cadernos/ sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente. (BUENO, 2007, p. 31)

A ligação desejável entre o jornalismo e a educação ambiental está contemplada na legislação brasileira. A Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que estabeleceu a Política Nacional de Educação Ambiental, define como um dos objetivos fundamentais da educação ambiental a garantia da democratização das informações ambientais (artigo 5º, inciso II). Ainda assim, não raro, identificamos matérias como pontos isolados, ou seja, matérias sobre problemas ambientais que acabam tornando-se algo momentâneo perdendo, muitas vezes, seu valor como notícia. Scharf (2004) diz que essa miopia não é o único fator que fragiliza a cobertura da questão ambiental. Soma-se à isso o pouco tempo que, muitas vezes, é dado ao jornalista para apurar os fatos, além do alto índice de rotatividade nas redações.

## **ANÁLISES REALIZADAS**

Como explicado anteriormente, para fins de elaboração deste artigo, foram levadas em consideração duas categorias (Contextualização e Pluralidade) que pudessem validar a análise das matérias observadas. O quadro abaixo sintetiza as informações sobre cada uma das duas categorias e apresenta seus princípios, conteúdo e as perguntas para elas dirigidas.

Na categoria Contextualização, analisamos as causas e consequências das questões ambientais bem como suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas, reunindo as particularidades inerentes ao jornalismo ambiental, evitando a fragmentação da cobertura, não implicando tudo à economia. A primeira subcategoria avaliada vem da questão histórica da reportagem. O jornalista juntou as raízes do problema/questões ambientais tratados? Cerca de 55% empenhou-se em demonstrar de onde surgiu o problema/questão, enquanto 45% não se preocupou muito nesta parte.

**QUADRO 1: CATEGORIAS DE ANÁLISE E QUESTÕES DO FORMULÁRIO DE ANÁLISE DAS REPORTAGENS**

<b>CATEGORIAS</b>	<b>PRINCÍPIOS</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PERGUNTAS</b>
<b>CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<p>Apresentar o significativo de forma interessante e relevante</p> <p>Evitar a fragmentação da cobertura</p> <p>Nem tudo se resume a questões econômicas</p>	<p>Analisar se as matérias cumpriram com o objetivo de oferecer conteúdo de qualidade voltado aos interesses do público</p>	<p>A reportagem apresenta as causas históricas do problema ambiental?</p> <p>As matérias de cunho científico têm os termos traduzidos para o entendimento do público?</p> <p>A matéria correlaciona o problema ambiental e as questões econômicas, políticas ou culturais?</p>
<b>PLURALIDADE</b>	<p>Promover fórum de debates</p> <p>Função social</p> <p>Diversidade das fontes</p> <p>Abrir espaço para debate</p>	<p>Verificar se as matérias cumprem com o papel de proporcionar uma discussão através de indagações dentro das próprias reportagens fazendo com que o público questione o que está acompanhando</p>	<p>Qual a natureza das fontes?</p> <p>Caso sejam pesquisadores, quantos pesquisadores da área ambiental e científica foram questionados para a produção da matéria?</p> <p>Quantas opiniões científicas são apresentadas?</p> <p>Quais vozes tiveram espaço na construção da reportagem?</p>

Fonte: Roteiro feito pelos pesquisadores/2018.

**TABELA 1**

<b>CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 1</b>	<b>RESULTADOS (%)</b>	
A reportagem resgatou as raízes históricas dos problemas/questões ambientais tratados?	Sim	55
	Não	45

Fonte: pesquisador/2018.

Foi interessante analisar essa parte da tabela. Os números não são tão distantes um do outro mas, nota-se que muitos jornalistas tiveram a precaução de ressaltar o que começou aquele problema/questão ambientais. A população consegue, assim, a oportunidade de entender e tentar remediar o que ocorre em sua região. O leitor acaba tendo a oportunidade de inserir-se mais no meio para ajudar a melhorar cada vez mais o lugar

onde vive trabalhando com a sustentabilidade. Bueno (2007) considera que o jornalismo ambiental necessita abranger uma percepção multifacetada, cujas fronteiras excedam as bordas dos cadernos e editorias, evitando a sua inconsistência em virtude da fragmentação.

Na parte da contextualização especializada quanto ao tema abordado, temos a parcela de 45% na participação de especialista nas matérias descritas. Já em 55% das notícias nem chegamos a ver nada sobre opiniões acerca dos problemas/questões ambientais sendo levantados.

**TABELA 2**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 2		RESULTADOS (%)
A matéria trouxe a opinião de especialistas quanto ao tema abordado?	Sim	45
	Não	55

Fonte: pesquisador/2018.

Para apresentar um ponto mais técnico em suas publicações, o jornalista precisa dos especialistas. As matérias podem oferecer um conteúdo de qualidade, embasadas em opiniões científicas para mostrar que nada daquilo é fruto do acaso. Devemos perceber, também, que boa parte deste percentual foi constituído por especialistas governamentais. Bueno (2007) atenta para a conflagração que deve ocorrer no dever dos jornalistas com a modificação de arquétipos, evidenciando uma percepção adiante as aparências, de maneira de não ser condescendente com aqueles que se apoderam da temática ambiental para criar ou intensificar suas imagens. Além disso, o autor defende um comportamento permanente de desconfiança respeitante aos discursos pretensamente conservacionistas do poder público e organizações com intenções mercadológicas e propagandistas. É dever do jornalista mostrar todas as visões possíveis sobre o tema, evitando a pouca informação. Nas tabelas 3 e 4 foi possível definir como a questão ambiental local se liga à questão ambiental global e como as notícias se correlacionam com outras questões como política, economia e cultura.

Na Contextualização 3, só em 25% dos casos as matérias tiveram ligação ou foram relacionadas com a temática global de problemas ambientais contra 75% que foram tratadas como matérias isoladas. Já na correlação com outras vertentes como questões políticas, econômicas e culturais, 60% das matérias tiveram essas vertentes dentro de seus textos.



**TABELA 3**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 3		RESULTADOS (%)
A matéria correlacionou a questão ambiental local tratada com a questão ambiental global?	Sim	25
	Não	75

Fonte: pesquisador/2018.

**TABELA 4**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 4		RESULTADOS (%)
A matéria correlacionou o problema/ questão ambiental a questões econômicas, políticas ou culturais?	Sim	60
	Não	40

Fonte: pesquisador/2018.

No caráter de Contextualização percebemos muitas falhas. Abordar a questão história faz-se necessária para melhorar as intenções dos leitores. Situar o leitor dentro da sua comunidade melhora sua percepção como cidadão e aumenta sua cooperação na sociedade. Infelizmente os jornais continuam caindo nas maquinações de notícias e poucas vezes mostram que os problemas/questões ambientais estão ligados. Seja em campanhas ou propagandas, sempre que estamos diante de problemas/questões ambientais relacionamos estas com a economia e a política, a cultura entra em poucos pontos desta análise. É só quando ‘dói no bolso’ do governo que vemos alguma coisa sendo feita de verdade. Tanto é, que já nos acostumamos a ver desastres ambientais misturados a economia e grandes empresas. Geraque (2004) considera que o padrão a ser buscado é aquele que estimula um espaço para os aspectos sociais e culturais do dia a dia das pessoas e não somente os políticos e econômicos. Para efetivar tal asserção, o autor aconselha resgatar as grandes reportagens literárias criativamente como maneira de revigorar as formas de expressão das narrativas jornalísticas.

Na categoria Pluralidade analisamos o espaço da reportagem sobre quem esteve envolvido na produção jornalística. Seus princípios baseiam-se numa promoção ao debate com críticas e comentários públicos, além da diversidade das fontes encontradas. Seguindo o exemplo da Tabela 3, a categoria Pluralidade aborda quem esteve envolvido na produção jornalística e, assim, temos mais de uma fonte noticiosa dentro de uma reportagem o que faz com que as vozes dentro da reportagem possam vir

de vários ângulos sociais. Em 67,50% das matérias o poder público teve voz dentro das reportagens, pesquisadores formaram o percentual de 40% das pesquisas, pessoas afetadas tanto pela seca, quanto por problemas ambientais configuraram 12,50% e, outras fontes tiveram 20% de voz nas reportagens.

**TABELA 5**

CATEGORIA PLURALIDADE 1		RESULTADOS (%)
Que vozes tiveram espaço na reportagem?	Poder público	67,50
	Pesquisadores	40
	Pessoas afetadas	12,50
	Outros	20

Fonte: pesquisador/2018.

A observação dos números acima nos permite refletir sobre a grande presença que o poder público tem dentro das matérias ambientais. O jornalista tende a buscar bem mais fontes públicas do que pesquisadores da área. Vemos que há uma polarização das fontes em um só lugar e que outras vozes muitas vezes não têm chance de ter espaço dentro das pesquisas. Isso mostra como o governo tende a ter um discurso pronto quando questões ambientais são levantadas. É Chaparro (2001) que declara que o planejamento e a capacitação discursiva das fontes é a modificação mais indispensável nos processos do jornalismo nos últimos quarenta anos, no qual a responsabilidade da ingerência das fontes incluída na agenda jornalística dedica-se também ao campo da opinião.

Na subcategoria de Pluralidade 2, temos 70% das publicações sem nenhum pesquisador ouvido nas reportagens. Nenhuma opinião científica é abordada em mais da metade das matérias.

**TABELA 6**

CATEGORIA PLURALIDADE 2		RESULTADOS (%)
Pesquisadores da área ambiental, foram ouvidos na reportagem?	Sim	30
	Não	70

Fonte: pesquisador/2018.

Bueno (2007) defende que a reportagem tem a incumbência de admitir as contradições, as discussões, o embate de ideias e opiniões, com o propósito de escapar do formato incriminador estabelecido pela vulnerabilidade que não incorpora valor à cobertura ambiental. O jornal online Correio da Bahia tem pouca expressão de pesquisadores em suas matérias jornalísticas. O mesmo jornalista que traduz expressões para o entendimento popular, que tem o papel de instigar a curiosidade e o debate da sociedade. Em Pluralidade 3 temos outra amostra de como as opiniões científicas são desenvolvidas dentre as matérias jornalísticas. Em 15% das matérias analisadas vemos, somente, uma opinião científica dentro do textos. Já em 2,50% dos casos temos duas ou mais de duas opiniões científicas. O recorde fica em 77,50% das matérias que não constam nenhuma opinião científica, mesmo com um grande levantamento de dados dentro da notícia.

**TABELA 7**

CATEGORIA PLURALIDADE 3		RESULTADOS (%)
Nos casos onde a reportagem aborda as causas e consequências dos problemas ambientais, quantas opiniões científicas são apresentadas?	1	15
	2	2,50
	Mais de 2	2,50
	Nenhum	77,50

Fonte: pesquisador/2018.

No final da categoria Pluralidade, vemos que seu propósito principal é destacar e o orientar o povo sobre o que acontece no meio onde vive. O papel do jornalista é alcançar todos que vivem na sociedade desde o juiz, até o pescador das áreas mais afastadas, pois toda e qualquer decisão afeta tudo o que conhecemos. Segundo Kovach e Rosenstiel (2003), condiz ao profissional evitar discutir as extremidades de uma temática, pois isso exclui grande parcela da sociedade e raramente são conciliatórios. Quando não levamos isso em consideração, acabamos por perder muito do fato noticiado. Bucci (2000) considera essa metodologia uma idolatria às falsas imagens, em que o jornalismo se baralha com a literatura de ficção, ainda que se ampare por seus mecanismos. No fim, tudo acaba no meio do poder público e de pesquisadores sem conseguir desenvolver os problema/questões ambientais de alguma forma, nem informar os leitores de suas causas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a cobertura jornalística sobre problemas ambientais que foram descritos e realizados em 40 matérias publicadas no jornal online Correio da Bahia. Seus resultados foram desenvolvidos ao longo de uma análise das categorias Pluralidade e Contextualização, que tem como base os princípios norteadores do jornalismo científico e ambiental. Desta forma, esperamos contribuir com o aperfeiçoamento do acesso à informação científica e ambiental para com a população, auxiliando no processo de decisões tomadas sobre a temática. Em geral, as matérias analisadas possuem poucos parágrafos, fazem pouco uso de hiperlinks e vídeos. Quanto a imagens, utiliza-se somente o necessário. As informações apuradas mostraram que as fontes se polarizam em um só lugar e, por isso, as informações centram-se numa fonte só para grande parte das matérias. A maioria destas também se caracterizou por serem tratadas de modo mais isolado. As matérias quase não tem ligação entre si, o que faz com que a população pouco ligue para os fatos abordados.

Com os resultados, podemos perceber que falta muita informação dentro das matérias jornalísticas. O jornalismo aqui, não questiona muito as ideias e não instiga os leitores a procurar mais sobre o que acontece no lugar onde vive. Kovach e Rosenstiel (2003) nos mostram concepções de um jornalismo guardião do interesse público concernente não somente às ações do governo, mas também às demais instituições poderosas que administram a sociedade. O jornalista tem o papel de juntar esses polos pra construir a ponte com os cidadãos e a população.

Quanto à efetiva execução das medidas para remediar os efeitos da problemática ambiental, temos 45% das notícias desenvolvidas com excelência. Já a presença, ou falta, de políticas voltadas para a problemática o número cai para 32,50% das notícias. Também percebemos que o público está ciente das causas da problemática ambiental. Trabalhando com quase metade das notícias vemos que o público sabe seu papel para melhorar o meio ambiente e viver de forma sustentável. Uma grande parte, é contudo, ainda não ‘percebeu’ que os problemas ambientais podem prejudicar o planeta de alguma forma. Outro dado que o resultado da pesquisa traz é que quase 68%, as reportagens não mostra o que o governo faz para melhorar e/ou remediar os problemas ambientais. Tautz (2004) certifica que a autonomia do jornalismo ambiental em referência às suas fontes permite-lhe debater livremente a direção com a qual o desenvolvimento leve em consideração as variáveis ambientais.

A categoria Pluralidade permitiu-nos analisar as vozes envolvidas em suas questões, promovendo um fórum para a crítica e o comentário

público, bem como a independência de suas fontes. Tivemos pontuações interessantes nesta categoria. Como já visto nos parágrafos anteriores, quem dá voz as notícias são, principalmente, o poder público. Mas, também tivemos um número expressivo de pessoas que convivem com a realidade da seca e que também teve espaço para sua voz dentre as notícias. Já na questão de pesquisadores ouvidos, o número é pequeno e pouca, ou quase nenhuma, informação científica é utilizada pelos jornalistas. Muita informação científica nem mesmo entrou no corpo da matéria. Desta forma, podemos dizer que, em sua maioria, as matérias só noticiam fatos, não buscando a compreensão do problema como um todo. Suas matérias são vistas como isoladas umas das outras e não algo que tenha correlações.

Começamos observar raízes históricas dos problemas ao avaliar as matérias sob a perspectiva da categoria Contextualização. Isso nos permitiu entender a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações (sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas). Segundo a planilha desenvolvida, percebemos que grande parte dos profissionais do jornalismo teve o cuidado de resgatar as raízes de cada problema, onde este começou e por onde anda os problemas ambientais. Quanto à opinião de especialistas no assunto, os números chegaram perto uns dos outros, mas, a maioria das matérias não buscou mais informações que complementassem as matérias descritas no jornal. Já na questão global e local vemos pouco da correlação dos termos. Podemos notar que as notícias são, em sua maioria, fatos isolados e são tratadas, principalmente, pelo seu modo econômico e como este afeta quem enfrenta os encargos de mexer com a natureza. Por fim, podemos dizer que o jornalismo e a educação ainda não andam de braços dados para melhorar as condições climáticas e os problemas ambientais que vivenciamos todos os dias.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.

BELMONTE, Roberto Villar. Menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

BENTHAM, Jeremy. **An introduction to the principles of morals and legislation**. London: The Athlone Press, 1970.

BORTOLOZZI, Arlêude. Comunicação, ensino e temática ambiental. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 14, p. 42-48, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36842/39564>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 1984.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

DECLARAÇÃO dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1789. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Gaia, 1993.

FLANNERY, Tim. Os senhores do clima. Editora Record: São Paulo, 2007.

FIGUEIREDO, Thiago Antônio de Sousa; MOURA, Edila Arnaud Ferreira; NASCIMENTO, Ana Claudeise; NILSONETTE, Marco Lopes. Comunicação Comunitária. In: Seminário Anual de Pesquisa (SAP), 2, Tefé. Anais. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2001.

GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

IVANISSEVICH, Alícia. Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom (2010) *Blur, How to know what's true in the age of information overload*, New York, Bloomsburg.

MORETZSONH, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.

SCHARF, Regina. Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

TAUTZ, Carlos. Oxigênio para a energia: entenda a ideia de um “jornalismo para o desenvolvimento”. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

# ANÁLISE DA QUALIDADE DAS INFORMAÇÕES CIENTÍFICAS E AMBIENTAIS NOS PORTAIS DOS JORNAIS “A CRÍTICA” E “O LIBERAL”

Luanny Victória Câmara de Santana<sup>22</sup>

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues<sup>23</sup>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como objetivo analisar a qualidade da cobertura jornalística sobre ciência e meio ambiente realizada pelos jornais online A Crítica (Manaus/AM – <http://acritica.uol.com.br/>) e O Liberal (Belém/PA – <http://www.ormnews.com.br/oliberal>). Acreditamos que investigar o papel da mídia regional no esforço global de conciliar progresso e meio ambiente significa contribuir para qualificar o papel dos veículos de comunicação na questão ambiental e melhorar o nível de informação dos cidadãos. Esse esforço toma contornos especiais quando o assunto envolve a Amazônia, uma região de diversidade incomparável e estratégica para o planeta.

Esta análise fez parte do projeto de pesquisa “Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Norte e Nordeste”, aprovado no Programa de Infraestrutura para Jovens Pesquisadores Programa Primeiros Projetos – PPP Edital 004/2017 da FAPEAM. A relevância da pesquisa se ancora na constatação de que pela primeira vez em sua história, a humanidade se depara com a possibilidade de real de suas decisões causarem a sua

---

22    Jornalista. Pesquisadora Bolsista do Projeto de Pesquisa “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente na Amazônia”, aprovado no Edital 043/2013 do CNPq. E-mail: luannyvcs@gmail.com

23    Jornalista. Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente e diretor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/Ufam). Líder do Grupo de Pesquisa Trokano. Coordenador Projeto de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Sudeste e Sul. E-mail: allans@ufam.edu.br



extinção. O modelo de desenvolvimento econômico baseado nos princípios do capitalismo, adotado pela maioria dos países, pôs em risco a sobrevivência humana no planeta ao promover exploração insustentável dos recursos naturais e ao poluir o ambiente. A consequência mais catastrófica desses dois fatores são as mudanças climáticas globais, que já se manifestam por meio de furacões, grandes estiagens, enchentes, aumento da temperatura, desertificação, extinção de espécies da fauna e da flora e outros fatores igualmente preocupantes.

Grande parte das razões que levaram os governos a não fecharem um acordo claro sobre a adoção de um novo modelo de desenvolvimento econômico e social capaz de conciliar o progresso e o uso sustentável dos recursos naturais tem raízes na falta de apoio da opinião pública em seus respectivos países a medidas que ocasionarão mudanças nos processos produtivos e nas relações de consumo. Logo, é possível correlacionar o aumento no nível de informação científica sobre a questão ambiental, a tomada de decisão esclarecida sobre a adoção ou não das medidas necessárias para diminuir o aquecimento global com a efetiva ação governamental.

Neste contexto, o papel do jornalismo, cujo princípio histórico justificador é o ideal iluminista de esclarecer os cidadãos (MORETZSOHN, 2007), torna-se essencial para que a sociedade tome decisões esclarecidas sobre o melhor modelo de desenvolvimento para a Amazônia. Na medida em que o jornalismo busca na ciência os enunciados que podem enriquecer a formulação de seu discurso a respeito dos temas ambientais, ele tem potencial para voltar-se para um papel esclarecedor, educador e informativo (SOUSA, 2000). O discurso jornalístico pode contribuir para compreensão dos cidadãos sobre os impactos da degradação ambiental.

Esperamos como principais resultados a aferição da qualidade da informação recebida pelos leitores e, conseqüentemente, se a cobertura jornalística contribuiu ou não para tomadas de decisão esclarecidas por parte dos moradores das principais capitais da Região Amazônica sobre as questões relacionadas às mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a Amazônia. Será possível também identificar possíveis falhas na cobertura e apontar caminhos para qualificar o conteúdo informativo acerca da questão ambiental e seus desdobramentos na Amazônia.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A pesquisa compreende um estudo quantitativo e qualitativo com o objetivo de analisar a cobertura jornalística sobre ciência e meio ambiente

na Amazônia realizada pelos jornais online A Crítica (Manaus/AM) e O Liberal (Belém/PA). A proposta da pesquisa foi construí-lo tendo como base o aporte teórico da função do jornalismo nas democracias, de seus princípios gerais e os elementos específicos dos seus gêneros científico e ambiental.

Ao longo do tempo, o jornalismo incorporou uma série de princípios ou valores que passaram a nortear o exercício da profissão a fim de garantir a qualidade da informação transmitida à sociedade (TRAQUINA, 2005a). Essa aglutinação de princípios e valores tornou o jornalismo o que Hymes (1980) define como comunidade interpretativa. O conceito de comunidade interpretativa é definido como um grupo unido pelas suas interpretações partilhadas da realidade.

Elencar os princípios do jornalismo e as discussões éticas que os permeiam não é tarefa fácil, pois estão em constante mutação e não há consensos construídos formalmente entre a categoria. Em razão disso, adotaremos a proposta de Kovach e Rosenstiel (2003), que após 300 entrevistas com jornalistas organizaram uma lista com nove princípios capazes de permitir ao jornalismo alcançar sua finalidade. Ao trabalho dos autores acrescentamos outras contribuições teóricas de pesquisadores brasileiros do campo da comunicação.

- **Compromisso com a verdade:** o primeiro compromisso do jornalismo deve ser com a verdade (PENA, 2005). Torna-se necessário esclarecer que trabalhamos com o conceito de Kovack e Rosenstiel (2003) no qual a verdade jornalística é diferente da verdade filosófica, pois a primeira é construída paulatinamente, matéria a matéria, visando o entendimento do fato no todo.
- **Lealdade ao interesse público:** esse princípio nos leva a uma pergunta inicial: para quem trabalham os jornalistas? Chamamos de independência jornalística o fato de o jornalismo ser financiado pelo setor privado, mas servir aos interesses públicos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).
- **A disciplina da verificação:** aproximar-se da verdade é servir ao interesse público e para isso faz-se necessária uma disciplina de verificação das informações publicadas. Para Kovach e Rosenstiel (2003), essa disciplina da verificação separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte.
- **Independência das fontes:** para Chaparro (2001), a organização e a capacitação discursiva das fontes é a mais importante modificação ocorrida nos processos jornalísticos nos últimos

quarenta anos. Trata-se de uma questão de bom senso e de um compromisso inabalável com o princípio da lealdade com a população, em primeiro lugar, que irá evitar a dependência das fontes e, portanto, separar o jornalismo do partidarismo.

- **Ser um monitor independente do poder:** o princípio de guarda do interesse público do jornalismo se aplica tanto às ações do governo quanto aquelas das demais instituições poderosas da sociedade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).
- **Promover um fórum para a crítica e o comentário público:** segundo Kovach e Rosenstiel (2003), convém evitar abordar os lados extremos de um assunto, pois exclui a maioria dos cidadãos e dificilmente são conciliatórios. Quando este princípio não é observado o espaço para o fórum de discussões passa a ser ocupado pelo espetáculo e até mesmo pela ficção.
- **Apresentar o significativo de forma interessante e relevante:** esse princípio refere-se a dois aspectos do trabalho jornalístico: a escolha das notícias (o que é significativo) e a produção do texto (tornar as histórias interessantes).
- **O jornalista tem um dever com sua consciência:** o último, porém não menos importante princípio, preconiza que todos os jornalistas – da redação à sala da diretoria – devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade – uma bússola moral (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). De acordo com Chaparro (2001, p.73), isso “além de exigir lucidez, coragem e sabedoria, só se resolve no plano da consciência, diante da responsabilidade de tomar decisões que produzem efeitos imediatos e irreversíveis”.

Investigar o papel do jornalismo no esforço global de conciliar progresso e meio ambiente significa contribuir para qualificar o papel dos veículos de comunicação na questão ambiental e melhorar o nível de informação dos cidadãos. Isto nos remete ao jornalismo científico, na medida em que este promove a divulgação da ciência e tecnologia através dos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalístico. Entretanto, dizer que o papel do jornalismo científico é apenas divulgar ciência é lugar comum, mesmo sendo essa uma de suas principais metas. Ao informar o público sobre a ciência, ele busca trazer reflexões, instigar discussões na sociedade e também contribuir de maneira efetiva na formação de uma cultura científica. Bueno (1984) considera que o jornalismo científico cumpre seis funções básicas, a saber:

- **Função informativa:** está implícita na própria conceituação de jornalismo científico, ou seja, a divulgação de fatos e informações de natureza científica e tecnológica, permitindo ao cidadão comum inteirar-se das novas descobertas das ciências e das suas implicações políticas, econômicas e socioculturais;
- **Função educativa:** o jornalismo científico deve estar atento ao fato de que em muitos casos ele é a única fonte popular de informação sobre ciência e tecnologia;
- **Função social:** manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica e tecnológica num contexto mais amplo. Ela prevê o debate dos temas e da tecnologia à luz das aspirações da sociedade e faz coincidir os interesses com os objetivos da produção e da divulgação científica;
- **Função cultural:** o jornalismo científico deve trabalhar em prol da preservação e valorização da cultura nacional e repelir qualquer tentativa de agressão aos nossos valores culturais;
- **Função econômica:** cabe ao jornalismo científico exercer o papel de contribuir para aumentar o intercâmbio entre os institutos, universidades e centros de pesquisa nacionais e o setor produtivo;
- **Função político-ideológica:** levando em conta que muitas vezes o jornalismo científico é financiado pelas grandes empresas multinacionais que, através dele informam a opinião pública de suas realizações no campo científico e tecnológico, ele deve evitar funcionar apenas como mero reproduzidor destes interesses e apenas legitimá-los junto à sociedade.

Apesar de o jornalismo ambiental compartilhar diversos elementos oriundos do jornalismo científico, a cobertura dos fatos relacionados à questão ambiental necessita de outras abordagens além da científica por envolver o debate de problemas com implicações científicas, sociais, econômicas e políticas (OLIVEIRA, 1990). Em razão disso, abordaremos as peculiaridades do jornalismo ambiental em relação ao científico e problematizar as aplicações dos princípios enunciados nos demais tópicos anteriores. A função social deste jornalismo ambiental é estar política, social e culturalmente engajado com a causa do desenvolvimento sustentável e com a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Com o objetivo de subsidiar a análise da cobertura jornalística dos jornais A Crítica (Manaus/AM)

e O Liberal (Belém/PA) durante os meses de março a dezembro de 2014, objeto desta pesquisa, procedemos uma revisão da bibliografia produzida a este respeito e destacamos os oito pontos convergentes apontados pelos autores consultados.

- **Diversidade de fontes:** as reportagens ambientais precisam abrir espaço não somente para os que já possuem espaço de fala nos veículos de comunicação (autoridades, pesquisadores, empresários e políticos), mas também àqueles comumente silenciados pela mídia (entidades de classe, líderes comunitários, integrantes de comunidades afetadas pelos problemas ambientais, etc.).
- **Independência em relação às fontes:** no dia a dia da cobertura ambiental o jornalista não deve escolher os assuntos que irá cobrir com base em sugestões encaminhadas por agências de comunicação, assessorias de imprensa, pesquisadores, ONG's dentre outros sem antes buscar entender as razões e os interesses que estão por trás delas.
- **Abrir o espaço para o debate:** este ponto mostra-se associado ao anterior, pois na medida em que a escolha das fontes se dá sob a ótica da diversidade é natural a ocorrência do debate de opiniões entre elas. A reportagem deve contemplar as controvérsias, o debate, o embate de ideias e opiniões, a fim de fugir do formato apenas “denuncista” marcado pela fragilidade que não agrega valor à cobertura ambiental.
- **Evitar o sensacionalismo:** este item está relacionado a compreensão, muitas vezes ausente nas redações, de que fazer jornalismo ambiental não significa aderir à histeria. Fonseca (2004, p.137) considera que,

Alimentar a neurose coletiva com previsões atemorizantes, além de promover a desinformação, pode de fato levar populações, instituições e governos a optar por soluções enganosas ou contraproducentes. O entusiasmo retórico muitas vezes tende a ficar cego diante do evidente – argumentos e fatos são duas coisas diferentes.

- **Nem tudo se resume às questões econômicas:** Uma cobertura criativa e consequente que enxergue, estude e explore as múltiplas conexões existentes entre as variáveis ambientais e o mundo do dinheiro, do comércio exterior e do sistema financeiro ainda é rara na imprensa nacional (SCHARF, 2004).

- **Procurar aliar jornalismo e educação:** O jornalismo ambiental deve dar condições para que o cidadão participe do debate sobre o desenvolvimento sustentável desempenhando uma função pedagógica no sentido de sistematizar conceitos, disseminar informações, conhecimentos e vivências. A ligação desejável entre o jornalismo e a educação ambiental está contemplado na legislação brasileira. A Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que estabeleceu a Política Nacional de Educação Ambiental, define como um dos objetivos fundamentais da educação ambiental a garantia da democratização das informações ambientais (artigo 5º, inciso II).
- **Evitar a fragmentação da cobertura:** o jornalismo ambiental precisa incorporar uma visão multifacetada que extrapole os limites dos cadernos e das editorias evitando a sua fragilização em virtude da fragmentação. Conforme Bueno (2007, p.17),
- **Caráter revolucionário e engajamento:** os jornalistas ambientais, talvez por sua proximidade com causas que buscam mudanças no atual modelo de desenvolvimento e sua consequente necessidade de alterações profundas nas sociedades, se vem como partícipes de um processo revolucionário e apregoam o engajamento de seus pares. Autores como Bueno (2007) e Geraque (2004), fazem a ressalva de que cumprir esse papel revolucionário não significa ser panfletário (parcial) ou “verde” (ativista ambiental). A revolução proposta deve ocorrer no comprometimento dos jornalistas com a mudança de paradigmas, uma visão além das aparências e não ser complacente com aqueles que se apropriam da temática ambiental para formar ou reforçar suas imagens.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa lançou mão da análise de conteúdo pelo fato de ser utilizada para detectar tendências e modelos de análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, discrepâncias e para comparar conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. Conforme Santos (1997, p.125),

A análise de conteúdo é um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informação manifesta cujas palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas, previamente definidas com objetivo de fazer inferências lógicas sobre mensagens, consagrou-se na segunda metade do século XX com trabalhos seminais de Klaus Krippendorff e de Robert Weber.

Amparada nos pressupostos descritos acima, procedemos à análise do conteúdo jornalístico publicado nos jornais A Crítica (Manaus/AM) e O Liberal (Belém/PA). A escolha destes periódicos diários deu-se pelo fato de terem a maior audiência em seus Estados. O método consistiu no recolhimento e análise de textos jornalísticos publicados de março de 2014 a março de 2015 com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias de análise. Os critérios que foram adotados na seleção dos textos estão centrados no fato de esses tratarem de temas como: meio ambiente, desenvolvimento sustentável, eventos ambientais extremos e pesquisas científicas relacionadas a questão ambiental; terem sido publicados de março de 2014 a março de 2015; e pertencerem ao gênero informativo do jornalismo em seus formatos notícia e reportagem descritos por Melo (2010). Foram recolhidas no total 94 reportagens publicadas no jornal A Crítica (Manaus/AM) e 21 no jornal O Liberal (Belém/PA), que atenderam aos critérios da pesquisa.

O método de escolha das categorias teve como princípios os requisitos previstos por Bardin (2010). Uma vez definido o objetivo da análise (verificar a qualidade da cobertura jornalística sobre ciência e meio ambiente na Amazônia) é pertinente definir o corpus da pesquisa (exposto no parágrafo anterior) e a escolha das categorias de análise baseadas nos princípios do jornalismo e de seus gêneros científico e ambiental. A escolha das categorias teve também como base as seguintes premissas: a exclusão mútua (um elemento não pode ser classificado em duas ou mais categorias), a homogeneidade (num mesmo conjunto categorial só pode funcionar com uma dimensão de análise), a pertinência (as categorias deveriam estar adaptadas ao material de análise escolhido e pertencente ao quadro teórico escolhido), a objetividade e fidelidade (as diferentes partes de um mesmo material analisado devem ser codificadas da mesma maneira) e a produtividade (um conjunto de categorias é considerado produtivo quando oferece resultados férteis) (BARDIN, 2010).

As premissas para a categorização da análise de conteúdo das reportagens tiveram como base os princípios gerais do jornalismo (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003) e dos seus subgêneros científico e ambiental (BUENO, 1984) descritos no tópico anterior referente a fundamentação teórica. Foram definidas cinco categorias: Precisão, Independência, Pluralidade,

Contextualização e Sensibilização. Em razão das limitações de espaço, abordaremos neste capítulo apenas os resultados referentes às categorias da pluralidade e da contextualização. Para maior exatidão da pesquisa, decidimos dividir a análise dos resultados entre ambiental e científica, uma vez que estes apresentam aspectos distintos e específicos dos seus respectivos gêneros jornalísticos.

### **Metodologia de análise das matérias ambientais**

Para a análise das matérias de cunho ambiental, foram recolhidas 82 reportagens do jornal online A Crítica (Manaus /AM) e 19 do portal O Liberal (Belém/PA), que continham palavras-chave como: ambiental, meio ambiente, natureza, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade. Uma vez recolhidas, procuramos analisar essas matérias utilizamos cinco categorias descritas acima, mas para este capítulo trataremos apenas das categorias pluralidade e contextualização, assim definidas:

- **Categoria Pluralidade:** analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas nas questões abordadas. Abrange os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público. Na mesma categoria incluem-se as qualidades da diversidade de fontes, de abrir o espaço para debate do jornalismo ambiental.
- **Categoria Contextualização:** analisa a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Reúne o princípio do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante e as qualidades inerentes ao jornalismo ambiental de procurar evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.

Uma vez estabelecidas as categorias de análise, foi elaborado um formulário específico para análise das matérias sobre meio ambiente na Amazônia, contendo questões com o objetivo de averiguar se as reportagens possuem, em seus conteúdos, os elementos categorizados com base nos princípios do jornalismo e de seu subgênero ambiental. As questões serão formuladas e distribuídas de acordo com os elementos temáticos de cada categoria.



**QUADRO 1: CATEGORIAS DE ANÁLISE E QUESTÕES DO FORMULÁRIO DE ANÁLISE DAS REPORTAGENS AMBIENTAIS**

CATEGORIAS	PRINCÍPIOS	CONTEÚDO	PERGUNTAS
PLURALIDADE	Promove fórum para debate Diversidade das fontes Abrir o espaço para o debate	O espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas nos problemas/questões ambientais	Que vozes tiveram espaço na reportagem? Pesquisadores da área ambiental foram ouvidos na reportagem? Nos casos onde a reportagem aborda as causas e consequências ambientais da seca, quantas opiniões científicas são apresentadas?
CONTEXTUALIZAÇÃO	Apresentar o significativo de forma interessante e relevante Evitar a fragmentação da cobertura Nem tudo se resume às questões econômicas	A contextualização das causas e consequências dos problemas/questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas.	A reportagem resgatou as raízes históricas dos problemas/questões ambientais tratados? A matéria trouxe a opinião de especialistas quanto ao tema abordado? A matéria correlacionou a questão ambiental local tratada com a questão ambiental global? A matéria correlacionou problema/questão ambiental a questões econômicas, políticas ou culturais?

Fonte: Roteiro feito pelo pesquisador/2014.

**Metodologia de análise das matérias sobre ciência**

Para a análise das matérias de cunho científico, foram recolhidas 12 reportagens do jornal online A Crítica (Manaus /AM) e 2 do portal O Liberal (Belém/PA), que continham palavras-chave como: ciência, pesquisa, tecnologia, inovação e descoberta. Uma vez recolhidas, procuramos analisar essas matérias utilizamos as seguintes categorias definidas:

- **Categoria Pluralidade:** analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão ambiental. Abrange os princípios gerais do

jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público, e ainda a função social do jornalismo científico.

- **Categoria Contextualização:** analisa a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Faz uso do princípio do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante.

Uma vez estabelecidas as categorias de análise, foi elaborado um formulário específico para análise das matérias sobre ciência na Amazônia, contendo questões com o objetivo de averiguar se as reportagens possuem, em seus conteúdos, os elementos categorizados com base nos princípios do jornalismo e nas funções do jornalismo científico. As questões serão formuladas e distribuídas de acordo com os elementos temáticos de cada categoria.

**QUADRO 2: CATEGORIAS DE ANÁLISE E QUESTÕES DO FORMULÁRIO DE ANÁLISE DAS REPORTAGENS SOBRE CIÊNCIA**

CATEGORIAS	PRINCÍPIOS	CONTEÚDO	PERGUNTAS
PLURALIDADE	Promover um fórum para crítica e comentário público Função social	O espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas nas matérias sobre ciência.	Que vozes tiveram espaço na reportagem? Quantos pesquisadores foram ouvidos na reportagem? A matéria traz apenas informações de interesse do pesquisador/instituição/empresa? A matéria oferece ao leitor diferentes posições sobre o tema tratado?

CATEGORIAS	PRINCÍPIOS	CONTEÚDO	PERGUNTAS
CONTEXTUALIZAÇÃO	Apresentar o significativo de forma interessante e relevante	A contextualização das causas e consequências das questões científicas e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas.	<p>Além de tratar de descobertas científicas e tecnológicas, a matéria permite ao leitor compreender as implicações políticas, econômicas e socioculturais da descoberta?</p> <p>A matéria busca explicar de forma acessível ao leitor conceitos científicos complexos?</p> <p>A matéria traduz para o leitor palavras técnicas ou jargões científicos?</p> <p>A matéria busca explicar o tema em foco utilizando recursos gráficos (infográficos, quadros, fotos, ilustrações)</p> <p>Qual o(s) recurso(s) utilizado?</p>

Fonte: Roteiro feito pelo pesquisador/2014.

## RESULTADOS DA ANÁLISE DAS REPORTAGENS

Por meio da análise de conteúdo das reportagens foi possível traçar um quadro sobre a cobertura jornalística sobre ciência e meio ambiente na Amazônia frente aos princípios do jornalismo e dos seus subgêneros científico e ambiental. Os resultados da pesquisa obtidos a partir da análise de conteúdo das reportagens foram analisados tendo como base o grau de esclarecimento das narrativas jornalísticas sobre ciência e meio ambiente na Amazônia e a observância dos princípios norteadores do jornalismo científico e ambiental, agrupados em cada uma das cinco categorias de análise. A partir desses dados, buscamos fazer inferências sobre a qualidade da informação recebida pelos leitores dos dois principais jornais impressos pesquisados e, conseqüentemente, se a cobertura jornalística ambiental e científica contribuiu ou não para tomadas de decisão esclarecidas por parte dos moradores das duas capitais da região amazônica sobre as questões relacionadas à ciência e meio ambiente. Com base nos

dados obtidos poderemos fazer inferências sobre a qualidade da informação científica e ambiental da cobertura.

### **Categoria Pluralidade**

A categoria verifica o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas nos assuntos tratados. Nas notícias relacionadas ao meio ambiente, 63,37% das vozes ouvidas foram do poder público, 24,75% pesquisadores, 8,91% pessoas afetadas pelos problemas ambientais e 18,81% outros. Os números mostram que os pesquisadores tiveram pouco espaço nas reportagens. A baixa porcentagem de pessoas afetadas pelos problemas ambientais que foram ouvidas nas matérias é preocupante, pois elas são uma parte fundamental da matéria para que seja promovido um fórum para a crítica e o comentário público, conforme o critério do jornalismo ambiental presente na categoria pluralidade. Conforme Bueno (2007), ao privilegiar fontes do âmbito acadêmico, do universo político (as autoridades) e da comunidade empresarial em detrimento das pessoas afetadas, o jornalista ambiental incorre em uma atitude elitista, autoritária e não democrática, pois retira o espaço das falas e experiências dos cidadãos comuns. O jornalismo ambiental deve incentivar o diálogo entre o docente e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo, ou seja, promover a discussão social. No mesmo item, a porcentagem de outros, está relacionada principalmente a promotores de eventos e empresários que buscam lançar ideias sustentáveis e produtos feitos de reciclagem.

**TABELA 1**

<b>CATEGORIA PLURALIDADE 1 (AMBIENTAL)</b>		<b>RESULTADOS (%)</b>
Que vozes tiveram espaço na reportagem?	Poder Público	63,37
	Pesquisadores	24,75
	Pessoas afetadas pelos problemas ambientais	8,91
	Outros	18,81

Fonte: Pesquisador/2015.

O segundo tópico trata da quantidade de pesquisadores da área ambiental ouvidos nas matérias. Os jornais online "A Crítica" (Manaus/

AM) e "O Liberal" (Belém/PA) publicaram apenas 28 matérias relacionadas ao meio ambiente na Amazônia com opiniões de pesquisadores e 21,78% estiveram limitadas a apenas um como fonte, nestas as pesquisas eram dos pesquisadores entrevistados. Apenas 3,96% buscaram mais de uma opinião sobre o mesmo assunto. Esse questionamento se insere no critério do jornalismo ambiental de promover o debate, propagando mais de uma versão do tema abordado, para que o jornalista não se contente com a opinião de apenas um especialista na sua matéria. Segundo Bueno (2007), o conteúdo da reportagem deve buscar contemplar as controvérsias dentro do âmbito ambiental, o embate de ideias e opiniões, a fim de fugir do formato apenas "denuncista" que não agrega valor à cobertura ambiental. Outro resultado preocupando aferido foi que em 25,74% das matérias analisadas, não encontramos o depoimento de sequer um pesquisador.

**TABELA 2**

CATEGORIA PLURALIDADE 2 (AMBIENTAL)		RESULTADOS (%)
Pesquisadores da área ambiental, quantos foram ouvidos na reportagem?	1	21,78
	Mais de 1	3,96

Fonte: Pesquisador/2015.

O último item questiona quantas opiniões científicas foram ouvidas nos casos onde a reportagem aborda as causas e consequências dos problemas ambientais. Diante das 101 notícias coletadas sobre meio ambiente nos jornais online, 64 publicações referiam-se problemas ambientais, Nestas, 32,67% apresentaram a opinião de um especialista, 1,98% de dois, 0% mais de dois e 31,68% nenhum. Os resultados não estão de acordo com o critério do jornalismo ambiental de abrir espaço para o debate, onde deve haver diferentes pontos de vista. De acordo com Tuffani (2005), é preciso discernimento e critério para aumentar o campo das fontes, pois não se pode comparar qualquer alarmista ambiental com críticos consistentes. As opiniões condizentes devem possuir fontes que atuam na mesma área para que o debate promovido pelo jornalista não perca o foco. A razão para que 31,68% dos textos não possuir nenhuma opinião científica é o fato da maioria das publicações tratar de crimes ambientais na Amazônia. Estas reportagens limitam-se a trazer os fatos relatados e a dar voz a policiais e agentes de fiscalização, sem apresentar as consequências que tais crimes poderiam trazer para o meio ambiente e quais medidas poderiam ser tomadas para evitar a situação.

**TABELA 3**

CATEGORIA PLURALIDADE 3 (AMBIENTAL)		RESULTADOS (%)
Nos casos onde a reportagem aborda as causas e consequências dos problemas ambientais, quantas opiniões científicas são apresentadas?	1	32,67
	2	1,98
	Mais de 2	0,00
	Nenhum	31,68

Fonte: Pesquisador/2015.

### **Categoria Contextualização**

Nesta categoria, o critério do jornalismo de evitar a fragmentação da cobertura se faz presente, pois para haver um entendimento completo sobre a questão abordada no texto, é necessário conhecer suas raízes históricas, de onde veio o problema e como se deve agir futuramente diante dele. Também afirma que o jornalista deve apresentar notícias significativas de forma relevante e não deve resumir suas matérias a questões econômicas. A análise de conteúdo da categoria contextualização mostra que em 49,50% dos casos, os jornalistas resgataram as raízes históricas das questões/problema ambientais e em 50,50% das notícias, não há dados passados. As falhas apresentadas em mais de metade das matérias recolhidas em ambos os jornais, contraria o critério do jornalismo ambiental de evitar a fragmentação da cobertura. Conforme Scharf (2004), esse tipo de cobertura leva os jornalistas a ter um olhar míope sobre a questão ambiental, na qual não há preocupação com o contexto das ocorrências, ou seja, as pessoas terminam não sabendo o que aconteceu antes da notícia e suas prováveis consequências.

Fragmentar a notícia é um ponto que deve ser analisado cuidadosamente nos jornais online A Crítica (Manaus/AM) e O Liberal (Belém/PA), devido ao tamanho limitado dos textos oferecidos pelos portais de notícias. As questões históricas do problema são deixadas de lado, porém acabam acarretando o que seria segundo Bueno (2007), uma fragmentação que desestrutura a perspectiva que deve ser sempre ampliada do saber ambiental e empresta à cobertura olhares parciais, geralmente equivocados da questão ambiental, de seus problemas e soluções.

**TABELA 4**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 1 (AMBIENTAL)		RESULTADOS (%)
A reportagem resgatou as raízes históricas dos problemas/questões ambientais tratados?	Sim	49,50
	Não	50,50

Fonte: Pesquisador/2015.

Ainda nesta categoria, 52,48% das matérias sobre meio ambiente na Amazônia apresentaram opiniões de especialistas e 47,52% não apresentaram. O texto jornalístico deve ser apresentado de forma interessante e relevante, para isso a opinião de um especialista se faz indispensável. Outro tópico importante a ser comentado, é ausência de recursos da internet para tornar as matérias mais atrativas: faltam infográficos, vídeos e outros recursos multimídia para que o leitor possa compreender da melhor forma o que está sendo exposto.

Em 91,09% das matérias não correlacionaram seus conteúdos com questão ambiental global. Essa relação está presente em apenas 6,93%, onde as reportagens se preocuparam em situar o leitor quando a influência dos problemas ambientais na Amazônia causados no mundo. De acordo ainda com o princípio de apresentar o significativo de forma interessante e relevante, Wolf (2001) afirma que os jornalistas se baseiam muito mais na capacidade de um fato virar ou não notícia, a qual denomina de noticiabilidade, do que num instinto imponderável. O autor considera ainda, que os jornalistas definem o grau de noticiabilidade de um fato levando em conta outro elemento por ele denominado como valores-notícia. Portanto, trazer a opinião de especialistas e apresentar a questão global é importante para complementar a relevância da matéria e em ambos os jornais faltou conteúdo para contextualizar os textos, de forma que parecem por vezes incompletos.

**TABELA 6**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 2 (AMBIENTAL)		RESULTADOS (%)
A matéria trouxe a opinião de especialistas quanto ao tema abordado?	Sim	52,48
	Não	47,52

Fonte: Pesquisador/2015.

**TABELA 5**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 3 (AMBIENTAL)		RESULTADOS (%)
A matéria correlacionou a questão ambiental local tratada com a questão ambiental global?	Sim	6,93
	Não	91,09

Fonte: Pesquisador/2015.

O último tópico da categoria retrata que 52,48% das matérias correlacionaram o problema/questão ambiental a questões econômicas, políticas ou culturais. De acordo com o critério do jornalismo ambiental, que diz que nem tudo se resume as questões econômicas, os aspectos econômicos e científicos não podem ser privilegiados em relação a outras vertentes como a social, cultural e política. Logo, tanto A Crítica (Manaus/AM) quanto O Liberal (Belém/PA) tiveram a maioria de suas notícias voltadas para outros interesses fora do âmbito financeiro que possuem relevância e função social. Entretanto, 47,52% ainda estão ferindo o conceito que afirma que o modelo a ser buscado na cobertura jornalística de meio ambiente é aquele que abre espaço para os aspectos sociais e culturais do cotidiano das pessoas, e não apenas os políticos e econômicos. Seguindo o conceito do autor Scharf (2004), ao jornalismo ambiental não interessa apenas a apaixonados pela natureza, mas deve ser implicante na vida de cada um dos cidadãos e complementa:

Por tradição ou preconceito, boa parte da imprensa trata a questão ambiental como algo superficial, espetacular, que atrai pelo que tem de belo ou destrutivo, e não por seu impacto concreto: político, econômico ou social. O valor da natureza é puramente estético, idealizado. Nada mais. (SCHARF, 2004, p. 51)

**TABELA 7**

CATEGORIA CONTEXTUALIZAÇÃO 4 (AMBIENTAL)		RESULTADOS (%)
A matéria correlacionou o problema/ questão ambiental a questões econômicas, políticas ou culturais?	Sim	52,48
	Não	47,52

Fonte: Pesquisador/2015.



## CONSIDERAÇÕES

O objetivo da pesquisa foi analisar a cobertura jornalística sobre ciência e meio ambiente na Amazônia realizada pelos jornais online A Crítica (Manaus/AM) e O Liberal (Belém/PA) no período de março de 2014 a março de 2015. Em razão de limitações quanto ao espaço, optamos por apresentar neste capítulo os resultados referentes às categorias da pluralidade e da contextualização. Os resultados estão divididos quanto às análises das matérias cujo assunto principal trata sobre meio ambiente e aquelas cujo principal mote é a ciência.

Em relação às matérias de cunho ambiental, na categoria pluralidade, os resultados demonstram que as vozes mantidas pelo poder público são priorizadas contrariando o princípio de diversidades de fontes. Poucos pesquisadores ganharam espaço nas publicações, e em uma parcela ainda menor delas foi possível detectar a presença dos depoimentos de mais de um especialista na mesma matéria. O critério do jornalismo ambiental de abrir espaço para o debate também não foi observado, pois as reportagens não contemplaram as controvérsias, o debate, o embate de ideias e opiniões, a fim de fugir do formato apenas “denuncista” marcado pela fragilidade que não agrega valor à cobertura ambiental.

Na categoria contextualização, o número de notícias que resgatou raízes históricas é minoria. Isso indica que este aspecto precisa ser trabalhado para que haja mais harmonia com o critério do jornalismo ambiental que alerta para evitar a fragmentação da cobertura, ou seja, imprimir aos textos olhares parciais e geralmente equivocados da questão ambiental, de seus problemas, causas, consequências e soluções.

Os resultados obtidos na categoria pluralidade nas notícias sobre ciência na Amazônia recolhidas nos portais online dos jornais A Crítica (Manaus/AM) e O Liberal (Belém/PA), os resultados obtidos sugerem que a maioria das vozes ouvidas na elaboração das matérias foram de pesquisadores. No entanto, no tocante a quantidade de pesquisadores ouvidos na matéria, mais da metade das publicações apresentam apenas um especialista, fugindo do preconizado pela função social do jornalismo científico promover a diversidade de visões sobre os fatos.

Nas matérias sobre ciência avaliadas na categoria contextualização, o princípio menos observado é o de apresentar o significativo de forma interessante e relevante. Em todas as matérias, os jornais online usaram apenas fotografias, e na internet há uma extensa possibilidade de usar mídias, hipertextos, vídeos, infográficos e outros, para chamar a atenção do espectador, para que o assunto abordado seja retratado da forma mais dinâmica e completa possível.

A análise das matérias ambientais e científicas com base nas categorias da pluralidade e da contextualização apontam a necessidade de qualificar a cobertura sobre ciência e meio ambiente na Amazônia realizada pelos principais jornais online da Região Norte. Os pontos claros a serem melhorados são, de acordo com os critérios, princípios e funções instituídos na fundamentação teórica, são abordar assuntos relacionados a meio ambiente, ciência e tecnologia, de forma mais independente das fontes, usar de outros recursos disponíveis na rede de internet e usar de informações educativas para a sociedade, partindo da justificativa de que o jornalismo necessita se engajar para ser um monitor do poder e defensor do interesse público.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

BELMONTE, Roberto Villar. Menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

BENTHAM, Jeremy. **An introduction to the principles of morals and legislation**. London: The Athlone Press, 1970.

BORTOLOZZI, Arlêude. Comunicação, ensino e temática ambiental. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 14, p. 42-48, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36842/39564>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.

CAMARA, Eric Brücher. Aquecimento global pode afetar Brasil até 20% mais que a média, diz Inpe. **BBC Brasil**, Brasília, DF, 11 dez. 2009. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/12/091211\\_c15\\_ebc\\_rc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/12/091211_c15_ebc_rc.shtml)>. Acesso em: 17 fev. 2010.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

DECLARAÇÃO dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1789. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es>>.

at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>. Acesso em: 17 fev. 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Gaia, 1993.

FARIS, Stephan. **Mudança climática: as alterações do clima e as consequências diretas em questões morais, sociais e políticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FIGUEIREDO, Thiago Antônio de Sousa *et al.* Comunicação Comunitária. In: SEMINÁRIO ANUAL DE PESQUISA, 2., 2001, Tefé. **Anais**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2001. p. 35-38.

FONSECA, André Azevedo da. Água de fonte só: a magnitude do problema em um experiência concreta. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

FLANNERY, Tim F. **Os senhores do clima: como o homem está alterando as condições climáticas e o que isso significa para o futuro do planeta**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

IVANISSEVICH, Alícia. Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.

LEFF, Henrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MORETZSONH, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Fabíola Imaculada de. **Jornalismo Científico e Amazônia: estudo de quatro jornais brasileiros**. Dissertação de (Mestrado em Comunicação),

Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

ÓRGÃO da ONU admite erro em previsão sobre aquecimento global. **BBC Brasil**, Brasília, DF, 19 jan. 2010. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/01/100119\\_geleira\\_himalaia\\_ipcc\\_np.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/01/100119_geleira_himalaia_ipcc_np.shtml)>. Acesso em: 17 fev. 2010.

PACHAURI, R. K.; REISINGER, R. (Ed.). **Climate change 2007: syntheses report**. Genebra: IPCC, 2007. Disponível em: <[http://www.ipcc.ch/publications\\_and\\_data/ar4/syr/en/contents.html](http://www.ipcc.ch/publications_and_data/ar4/syr/en/contents.html)>. Acesso em: 17 fev. 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Du contrat social*. Paris: Librairie General Française, 1996.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.

SOUSA, Filipa Ambrósio de. ONU arrasa previsões dos cientistas sobre Amazônia. **Diário de Notícias**, Portugal, 1 fev. 2010. Disponível em: <[http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content\\_id=1483539&seccao=Biosfera](http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1483539&seccao=Biosfera)>. Acesso em: 17 fev. 2010.

SCHARF, Regina. Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

TAUTZ, Carlos. Oxigênio para a energia: entenda a ideia de um “jornalismo para o desenvolvimento”. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005b. v. 2.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e “Estórias”**. Lisboa, Vega, 1997.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

VERÍSSIMO, José. **A instrução e a imprensa**: livro de Centenário. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

WEBER, Max. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 13-21, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2084/1825>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª ed. Lisboa: Presença, 2001.

REGGO

Este livro foi composto pela Reggo Editorial, em Versailles LT Std  
em agosto de 2020 na capital do Amazonas.

**A** investigação da qualidade da informação científica e ambiental das coberturas jornalísticas no Brasil figurou como a principal preocupação do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokan) na sua primeira década de atividades. Desde a sua criação, em 2011, no âmbito da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e certificação pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pesquisadores, estudantes e graduação e pós-graduação ligados ao grupo veem se revezando ao longo dos anos fazendo análises sobre como a imprensa trata os assuntos relacionados às questões ambientais e utilizam informações científicas para dar sentidos às narrativas e informar seus públicos. A coleção “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente” mostrará os resultados de pesquisas que analisaram o jornalismo científico e ambiental nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste em três edições.



**UFAM**



**FAPEAM**  
CERTIFICADA PELA ISO 9001:2008

ISBN-13: 978-65-86325-04-1



9 786586 325041